



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Música

Reginaldo Salvador de Alcântara

Rossini Ferreira: características de um choro pernambucano

João Pessoa-PB
2009



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Música

Rossini Ferreira: características de um choro pernambucano

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Música, na área de concentração em Etnomusicologia.

Reginaldo Salvador de Alcântara

Orientador: Prof. Dr. Luis Ricardo Silva Queiroz

João Pessoa-PB
2009

A347r Alcântara, Reginaldo Salvador de.
Rossini Ferreira: características de um choro pernambucano / Reginaldo Salvador de Alcântara. -- João Pessoa: [s.n.], 2009..
173 f. : il.
Orientador: Luis Ricardo Silva Queiroz.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA

1.Música. 2.Etnomusicologia. 3.Choro.

UFPB/BC

CDU:78 (043)



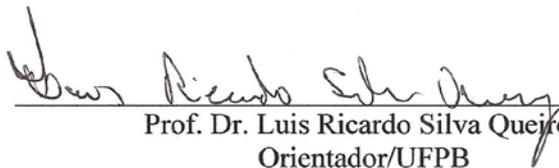
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título da Dissertação: **“ROSSINI FERREIRA: características de um choro pernambucano”**

Mestrando: **Reginaldo Salvador de Alcântara**

Dissertação aprovada pela Banca Examinadora:


Prof. Dr. Luis Ricardo Silva Queiroz
Orientador/UFPB


Prof. Dr. Raquelgundis Feitosa Nunes
Membro/UFPB


Prof. Dr. Felipe da Costa Trotta
Membro/UFPE

João Pessoa, 06 de outubro de 2008.

Dedico este trabalho ao grande incentivador e incansável “*Mestre*”, digo, *Doutor*
Luis Ricardo Silva Queiroz

AGRADECIMENTOS



Rossini - óleo de Ana Ivo

A Deus pela luz, que ilumina e dá vida, pela providência e esperança infinita. A Lauranise, Amadeus, Mariama e Aruana pelo amor contido e paciência. Aos músicos, poetas, amigos e familiares de Rossini Ferreira, agora também meus, pelo alto espírito de cooperação e compreensão para com a importância desse trabalho, para a história de Rossini e para a história da música pernambucana e brasileira. Àqueles que, de forma direta e/ou indireta, contribuíram para a concretização deste trabalho, a minha incomensurável gratidão. Dentre tantos:

Adalberto Cavalcanti, Adelmo Arcoverde, Adoniran Pinto Borges, Adonis Espínola Carneiro Júnior, Aldemar Paiva, Agripina Ferreira “*Mãe Tita*” (*in memorian*), Ana Ivo, Carlos Sandroni, Conceição Dias, Cosme (*in memorian*), Dalva Torres, Elizabete (Bete) (ex-Pinangé), Edmilson Lopes de Santana, Edson Rodrigues, Everton Brandão (Bozo), Gloria Marisa, Henrique Annes, Josete Almeida dos Santos, Jorge Cardoso, Juan Carlos Viñas Cortez, Leonardo Carneiro Espínola, Ledjane Sara, Luís Ricardo Silva Queiroz, Marco César de Oliveira, Maria Isa Reis Ferreira Pinangé, Maria Rita (Ritinha), Pedro Augusto Menna Barreto, Petronila Ferreira “*Tia Nila*”, Renato Phaelante, Robertson Ferraz, Samira Menna Barreto, Valter Guedes dos Santos, Wilson Maria dos Santos.

RESUMO

O choro pode ser considerado uma importante expressão da cultura brasileira, possuindo aspectos gerais que o constitui nos diferentes contextos em que acontece no país e características específicas determinadas pela singularidade de cada universo musical. Este trabalho apresenta um estudo específico sobre o choro de Pernambuco, tendo como foco central a obra do compositor Rossini Ferreira. A partir de uma pesquisa etnomusicológica da produção desse compositor este trabalho objetiva apresentar os elementos formais particulares inerentes dessa sua obra, evidenciando suas peculiaridades estético-musicais e as dimensões socioculturais mais abrangentes que constituem a sua obra. O trabalho teve como base uma pesquisa qualitativa, alicerçada fundamentalmente na pesquisa bibliográfica e documental, que permitiu compreender aspectos relacionados à história do choro e de Rossini Ferreira. Além disso, foi efetivado um amplo trabalho de campo, que abrangeu a realização de entrevistas, a coleta de material sonoro e a vivência da prática musical da obra de Rossini a partir do contato com músicos diretamente relacionados à produção do compositor. A partir da pesquisa foi possível salientar características intrínsecas bem como aspectos relacionados ao universo cultural de formação e vivência do compositor no choro. O trabalho apresenta peculiaridades dos choros do compositor que se adéquam a elementos gerais definidores do gênero no Brasil, e mais ainda particularidades significativas que lhes dão identidade singular frente às demais elementos de expressões do gênero no cenário nacional.

ABSTRACT

The *choro* can be considered an important Brazilian culture expression, owning general aspects that from in different contexts that happened in the country and specific characteristics determined by the singularity in each musical universe. This work shows a specific study about the *choro* from Pernambuco, it has the work of the composer Rossini Ferreira as the central focus. From an ethnomusicological search from this composer this work has the general objective show the formal elements that describe the Rossini Ferreira work, manifesting its particularity aesthetic-musical and the social cultural dimension more embracing that from his work. The work was based on a quality search, fundamentally supported in a bibliographical and documental search, that allowed to understand the aspects related to the *choro* history of Rossini Ferreira, besides were effected a great research work that includes the realization of the interviews, the material sound collecting and the experience of the musical practice of the Rossini work since the contacts with the musicians straightly related to the composer production. From this search was possible to release characteristics intrinsic to rossiniwork, as well the aspects related to the cultural universe and the *choro* composer forming. The work evidenced that the *choro* songs of the composer fit to general elements definers of the style in Brazil and have significant particularities that give them the singular identity to the other expressions of the genre in the national scenery.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E QUADROS

CAPITULO II(fotos)

Foto 1 – Personagens marcantes do nascimento do choro	40
Foto 2 – Ao bom amigo e melhor solista Rossini a saudade de Jacob - 1959	41
Foto 3 – A viagem de Jeep de Pernambuco para o Rio em 07/11/1959.	42
Foto 4 – Rossini num duelo com Jacob acompanhado por Zé do Carmo.	43

CAPITULO III(fotos)

Foto 5 – O menino Rossini em Nazaré da Mata	45
Foto 6 – O adolescente Rossini	48
Foto 7 – O Bando Pernambucano	49
Foto 8 – Para Rossini com um abraço dos Quitandinha Serenaders	50
Foto 9 – Rossini ao bandolim, Zé do Carmo ao violão dinâmico, na Rádio.	52
Foto 10 – <i>Festa Varandão</i> – Aldemar Paiva e Rossini	53
Foto 11 – Conjunto Os Amigos do Choro	54
Foto 12 – Marco Cesar, Rossini, Orlando Silveira e Canhoto do cavaquinho	57
Foto 13 – Ao grande amigo e <i>chorão</i> Rossini com o abraço do conjunto <i>Atlântico</i>	58
Foto 14 – Rossini na Europa com a <i>Dedilhadas</i>	62
Foto 15 – Dalva, Bozo, Rossini, Ritinha, Angelita, Aldemar: <i>O contador de Causos</i>	63

CAPITULO IV (quadros / figuras)

Quadros

Quadro 1 – Características estético-estruturais da obra de Rossini.....	73
---	----

Figuras

Figura 1 – Música: <i>Abraçando Avena</i> . Forma ABA	75
Figura 2 – Música: <i>Lúcia Batista</i> . Forma ABACA.	76
Figura 3 – Música: <i>Novos Rumos</i> (compassos 17-18) (Arpejo-Intermédio).....	77
Figura 4 – Música: <i>Novos Rumos</i> (compassos: 36 a 38) (Arpejo Final).....	77
Figura 5 – Música: <i>Ansiedade</i> (Binário).....	77
Figura 6 – Música: <i>Maria Angélica</i> (Ternário)	78

Figura 7 – Música: <i>Raio de Sol</i> (Ternário).....	78
Figura 8 – Música: <i>Chorando com Wilson Maria</i> . (Moderado)	78
Figura 9 – Música: <i>Lembranças de Recife</i> . (Presto).....	78
Figura 10 – Música: <i>Romântico</i> (parte “A” tom “F”)	79
Figura 11 – Música: <i>Romântico</i> - parte “B” - “Bb” (subdominante de “F”)	79
Figura 12 – Música: <i>Novos Rumos</i> (partes A e B: de 2 a 7; 19 a 34; 16 compassos)	80
Figura 13 – Música: <i>Choro pra Denise</i>	81
Figura 14 – Música: <i>Carmem</i> (Tesis).....	82
Figura 15 – Música: <i>Choro no natal</i> (Tesis)	82
Figura 16 – Música : <i>Romântico</i> (Tesis)	82
Figura 17 – Música: <i>Teimosa</i> (Tesis)	82
Figura 18 – Música: <i>Abraçando Avena</i> (Melodias cromáticas - compasso 2, 3 e 6)	83
Figura 19 – Música: <i>Ansiedade</i> (Melodias cromáticas - compassos 2/4/6/)	83
Figura 20 – Música: <i>Ansiedade</i> (compasso 1 - Introdução Violão)	84
Figura 21 – Música: <i>Abraçando Avena</i> (compasso 1 - Introdução Violão)	84
Figura 22 – Música: <i>Tristeza de um carnaval</i> (compasso 1 - Introdução Violão)	84
Figura 23 – Música: <i>Lúcia Batista</i> (Xote ? / Maxixe)	85
Figura 24 – Música: <i>Teimosa</i> (Xote? / Maxixe)	85
Figura 25 – Música: <i>No meu tempo era assim</i> (Xote ? / Maxixe).....	85
Figura 26 – Música: <i>Amigo Cosme</i> (tonalidade menor) (Dm)	86
Figura 27 – Música: <i>Mais uma saudade</i> (tonalidade menor) (Am.....	86
Figura 28 – Música “ <i>Tristeza de um carnaval</i>	87
Figura 29 – Música <i>Maria Angélica</i>	88
Figura 30 – Música : <i>Raio de Sol</i> (Tonalização)	88
Figura 31 – Música: <i>Maria Angélica</i> . (plasticidade).....	90
Figura 32 – Música: <i>Choro pra Denise</i> . (duas oitavas e mais)	90
Figura 33 – Música: <i>Poesias do Aldemar</i> (arpejo – comp. 32).....	91
Figura 34 – Música: <i>Amigo Cosme</i> (arpejo menor – compassos 36)	91
Figura 35 – Música: <i>Ansiedade</i> (Coda com final cíclico: “fade out” (comp.70 a 73).....	91
Figura 36 – Música:“ <i>Arte e manhas do Marquinhos</i>	91

Anexos (fotos /discografia / fac-símile)

Foto 16 – Rossini e a poetisa Ana Ivo	99
Foto 17 – Maria e Rita Rossini com Aldemar e Angelita	102
Foto 18 - Wilson Maria e Rossini numa peleja	105

Figura 37 – Album de partituras 1	117
Figura 38 – Album de partituras 2.....	118

Discografia

Figura 39 – Amigos do Choro (Disco)	121
Figura 40 – Chorinho do Capibaribe (Disco)	122
Figura 41 – Choros Românticos (Disco)	123
Figura 42 – Um alô para o Six (Disco).....	124

Participações Discográficas

Figura 43 – Conjunto Época de Ouro – 1976 (Participação)	125
Figura 44 – Altamiro Carrilho (Antologia do choro vol.2) – 1977 (Participação).....	125
Figura 45 – Os Carioquinhas no Choro (Participação).....	125
Figura 46 – Galo Preto (Participação)	126
Figura 47 – Festival Carrefour (Participação)	126
Figura 48 – Festival dos Festivais (Participação).....	127
Figura 49 – Adalberto Cavalcanti (Inspirações) (Participação)	127
Figura 50 – Jorge Cardoso (Som de Bandolim) (Participação).....	128
Figura 51 – Chorando no Computador (Participação)	128
Figura 52 – Na casa do Didi (Participação).....	129
Figura 53 – Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco (Participação).....	129
Figura 54 – Conjunto Pernambucano de Choro (Participação).....	129
Figura 55 – Conjunto Sarau (Participação)	130
Figura 56 – Oboé no choro (Participação).....	130
Figura 57 – Os bambas do bandolim (Participação).....	131
Figura 58 – Choro Contemporain (Participação)	131

Acervo Fotográfico

Foto 25 – Rossini memino (dois momentos).....	135
Foto 26 – Rossini adolescente (três momentos)	135
Foto 27 – A união de Rossini e Maria Rita	135
Foto 28 – A filha Suzana	135
Foto 29 – Agripina Ferreira (<i>Mãe Tita</i>).....	136
Foto 30 – Agripina e Petronila	136

Foto 31 – A sobrinha neta Gloria Marisa	136
Foto 32 – Rossini e a filha Suzana/Rio	136
Foto 34 – Maria Rita / Ritinha (1946)	136
Foto 35 – Rossini em 1937	136
Foto 36 – Rossini e Ritinha 1946	137
Foto 37 – Rossini e Ritinha anos 50	137
Foto 38 – Maria Isa , Tia Nila e Gloria Marisa	137
Foto 39 – Tia Nila (100 anos setembro de 2003)	137
Foto 40 – Silvio Reis Ferreira Pinangé - Sobrinho	137
Foto 41 – Robertson Ferraz	137
Foto 42 – Rossini e o Conjunto <i>Bando Pernambucano</i>	138
Foto 43 – Rossini Ferreira com Zé do Carmo	138
Foto 44 – Zé do Carmo(1), Alfredo Medeiros(3) e de pé João Dias(5) e.Rossini(7).....	139
Foto 45 – João Dias(2), Rossini(3), Alfredo Medeiros(3) e Zé do Carmo(6)	139
Foto 46 – Capistrano de Moraes, Alfredo Medeiros.....	139
Foto 47 – Rossini e a evolução, e a revolução dos bandolins	140
Foto 48 – Zé do Carmo e Canhoto em contraponto	140
Foto 49 – Rossini Ferreira, agradecendo a homenagem do clube do Choro.	140
Foto 50 – Rafael Rabelo, Rossini, Abel Ferreira.....	141
Foto 51 – Hamilton Holanda com o irmão	141
Foto 52 – A Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco	141
Foto 53 – Henrique Annes, Bozo, Rossini, Ivanildo Maciel e Marco César.....	141
Foto 54 – Capiba, Dalva Torres, Zivaldo Maia e Rossini.	142
Foto 55 – Rossini e Asssi, <i>O Six</i>	142
Foto 56 – Rossini, Wilson Maria e Bozo.....	142
Foto 57 – Wilson Maria, Rossini Ferreira, Bozo, Marco irmão de Lanca	142
Foto 58 – Rossini, Marco Cesar, Meira e Jorginho do Pandeiro.....	143
Foto 59 – Ao grande amigo Rossini e família com um abraço- Henrique Annes	143
Foto 60 – Rossini e Orlando Silveira	143
Foto 61 – Canhoto da Paraíba	143
Foto 62 – Márcio do cavaco, Rossini e Dr. Menna	144
Foto 63 – Gilberto Paulo, Rossini.	144
Foto 64 – Rossini na Europa	144
Foto 65 – Na Europa com Maria Rita.....	144
Foto 66 – Rossini e Bozo em apresentação	144

Foto 67 – Rossini e Ritinha (Na casa do Didi).....	145
Foto 68 – Dalva Torres , Bozo e Rossini (Na casa do Didi)	145
Foto 69 – Rossini e Bozo (7 cordas) (Na casa do Didi)	145
Foto 70 – Rossini e Menna Barreto (em Meditação musical)	146
Foto 71 – Em reunião na casa de Menna Barreto.....	146
Foto 70 – A imagem que ficou (Rossini Ferreira).....	147

Fac-Símile

Figura 59 – Música: Melancolia- Manuscrito Da 1ª Partitura.....	148
Figura 60 – Música: Samira - Manuscrito de Rossini (Partitura).....	149
Figura 61 – Música Dr. Menna - Manuscrito de Wilson Maria (Partitura).....	150
Figura 62 – Carta de Wilson para Rossini.....	151
Figura 63 – Carta e Wilson para Rossini - Atente para o detalhe das observações.....	152
Figura 64 – Carta de Rossini, datilografada, para Wilson Maria	153
Figura 65 – Carta manuscrito de Rossini para Wilson Maria	154
Figura 66 – Música Ansiedade - 1º lugar no I Fest do Choro Brasileiro - Brasileirinho	155
Figura 67 – Música: Recado - Melhor choro inédito - prêmio Sec. de Cultura do Rio.....	156
Figura 68 – Música: Cinema Mudo - 1º lugar no Festival Pernambuco Música Hoje.....	157
Figura 69 – Música: Novos Rumos - Finalista do Fest. dos Festivais da Rede Globo	158
Figura 70 – Música: Maria Angélica - 3º Lugar no Festival Itaú-Fundarpe	159
Figura 71 – Música: Lembranças de Recife - Gravada por: Altamiro Carrilho e outros	160
Figura 72 – Música Abraçando Avena - Ao Amigo e bandolinista Avena de Castro.....	161
Figura 73 – Música Chorando com Wilson Maria - Ao amigo Wilson Maria.....	162
Figura 74 – Música: Ritinha - Valsa (Rancheira) dedicada a companheira Maria Rita.....	163
Figura 75 – Música: Poesias do Aldemar - Ao amigo Aldemar Paiva.....	164
Figura 76 – Programa da 1ª Eliminatória (Festival dos Festivais)	165
Figura 77 – Programa com letra e partitura de Novos Rumos e histórico dos autores	166
Figura 78 – Homenagem à cultura viva de Pernambuco.....	167
Figura 79 – Programa do Show “Novos Rumos” com Rossini Ferreira	168
Figura 80 – Programa do show lítero musical c/ participação de Rossini ao bandolim.....	169

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPITULO I	
1 (RE)DESCOBRINDO O MUNDO CHORÃO DE ROSSINI FERREIRA À LUZ DA PESQUISA EM ETNOMUSICOLOGIA	20
1.1 O estudo da obra de Rossini com base nos direcionamentos da pesquisa etnomusicológica	22
1.2 A descoberta da obra de Rossini com campo de pesquisa	22
1.3 A base metodológica da pesquisa realizada	24
1.4 Os instrumentos de coleta de dados	24
1.4.1 Pesquisa bibliográfica	25
1.4.2 Pesquisa documental	25
1.4.3 Pesquisa sonoro-documental	25
1.4.4 Entrevistas semi-estruturadas	26
1.4.5 Observação participante	26
1.5 Os instrumentos de organização e análise de dados	27
1.5.1 Procedimentos de organização e análise de dados	27
1.5.2 Constituição do referencial teórico	27
1.5.3 Categorização dos diferentes momentos da vida e da obra de Rossini	27
1.5.4 Transcrição das entrevistas	28
1.5.5 Análise da fala dos entrevistados	28
1.5.6 Transcrições das músicas	28
1.6 Apresentação dos resultados	29
CAPITULO II	
2 O CHORO: DO CONTEXTO BRASILEIRO AO UNIVERSO SINGULAR DE PERNAMBUCO	30
2.1 O choro na literatura nacional	30
2.2 Rumo à(s) história(s) do choro	32
2.3 O choro no Brasil: dos primeiros passos à consolidação do gênero	34
2.4 O choro em Pernambuco	37
2.5 O Renascimento do choro	40
2.5.1 O movimento musical nacionalista de Jacob	40
2.5.2 A viagem de jipe de Recife para o Rio	42
2.5.3 Na casa de Jacob do bandolim	43
CAPITULO III	
3 HISTORIANDO ROSSINI	45
3.1 A infância e a música em Nazaré da Mata	45
3.2 A adolescência na cidade do Recife	48
3.3 A juventude e o conjunto “Bando Pernambucano”	49
3.4 A Seguradora e a Rádio Clube de Pernambuco	51
3.5 A morada no Rio de Janeiro	53
3.6 Chorando com os Amigos	54

3.7	O brilho dos anos de 1970, no Rio	57
3.8	Visitando Olinda e Recife, despontando nos festivais	59
3.9	De volta e de vez em Pernambuco e a “Orquestra de cordas Dedilhadas de Pernambuco	59
3.10	Chorinho do Capibaribe	60
3.11	Com a “Dedilhadas” na Europa	62
3.12	Primeiro disco solo: “Choros Românticos	63
3.13	A tristeza dos últimos dias	65
3.14	Os dias de melancolia	65
3.15	O último adeus	66
3.16	O símbolo incólume: O bandolim	66

CAPITULO IV

4	O CHORO DE ROSSINI E SUAS DIMENSÕES ESTÉTICAS	68
4.1	Rossini Ferreira sob a ótica dos chorões	68
4.2	Dimensões estéticas do choro de Rossini	71
4.2.1	Forma/estrutura	74
4.2.2	Forma de compasso	77
4.2.3	Andamento	72
4.2.4	Tonalidades	79
4.2.5	Números de compasso	79
4.2.6	Acento	82
4.2.7	Melodia	83
4.2.8	Introdução	83
4.2.9	Gênero	84
4.2.10	Modo tonal	85
4.2.11	Modulação	86
4.2.12	Tessitura	90
4.2.13	Coda	90

CONCLUSÃO	92
------------------------	-----------

REFERÊNCIAS	94
Fontes bibliográficas	94
Fontes Jornalísticas	96
Fontes on-line	96
Acervos	96

ANEXOS	97
Anexo A Parcerias Poéticas	98
Anexo A-1 Os poemas (letras)	99
Anexo A-2 As músicas que possuem poemas (letras)	103
Anexo B Parcerias Musicais	104
Anexo B-1 O Ofertório	105
Anexo B-2 Os Tribubos	110
Anexo C Rossini pelos amigos	111
Anexo D A obra	114

Anexo D-1	As composições de Rossini	114
Anexo D-2	O álbum de partituras	117
Anexo D-3	O dia da criação	119
Anexo E	Discografia	121
Anexo F	Participações discográficas	125
Anexo G	As músicas com gravações em disco	133
Anexo H	As músicas ainda por gravar	134
Anexo I	O acervo fotográfico	135
Anexo J	Documentos fac-símile	148
Anexo K	Os entrevistados	170
Anexo L	A cidade de Nazareth da Mata	171
Anexo M	A rádio clube de Pernambuco	172

INTRODUÇÃO

A música brasileira tem se caracterizado por múltiplas vertentes constituídas por expressões musicais singulares, em que a forma de se fazer música, bem como de significá-la estão associadas a valores e nuances estabelecida pelas distintas relações da música com o contexto cultural em que acontece. Das muitas expressões musicais existentes no Brasil, podemos apontar o choro como uma das mais representativas, dada a sua importância como fenômeno específico da cultura musical brasileira, que se consolidou como uma das primeiras manifestações da música popular do País.

Baseado nessa perspectiva, elegi como universo de estudo uma prática musical do estado de Pernambuco, mais especificamente da cidade de Recife, tendo como foco de pesquisa a obra do compositor e bandolinista Rossini Ferreira. Dessa forma o trabalho de pesquisa realizado abrangeu os choros do compositor, buscando revelar características fundamentais que constituem a sua obra.

Ao se falar do choro, certamente emergem nomes de importantes compositores e músicos em geral que se destacaram no cenário artístico brasileiro. Nesse contexto, merece menção a obra e a produção musical do bandolinista pernambucano Rossini Ferreira, nascido em Nazareth da Mata, no ano de 1919, começo do século XX, sendo neto, filho e irmão de músicos.

Rossini, então, desde cedo demonstrou interesse e aptidão pela música, tendo iniciado sua trajetória musical em bandas, com instrumentos de sopro. Posteriormente passou a se dedicar especificamente o bandolim, instrumento que se tornou grande referencial de sua produção.

Contemporâneo de Pixinguinha (Alfredo da Rocha Vianna), Waldir Azevedo e Jacob do Bandolim, teve seus trabalhos em constante intercâmbio com os chorões de outros estados da federação como: Jacob do Bandolim, Dário, Tonhé, Marco César, entre outros. Rossini possuía um estilo próprio e ímpar de tocar e compor. Assim, produziu uma gama de composições, o que lhe concedeu destaque no universo do choro pernambucano e brasileiro, haja vista os festivais, onde se destacou, conseguindo premiações com peças que ganharam grande respaldo entre os chorões.

O choro, definido por muitos dos seus adeptos como um jeito especial de se abrazeirar a música, com instrumentos específicos e definidos, possuindo adeptos por todo cenário artístico nacional, tendo características marcantes e singulares em praticamente todo

Brasil. Tal característica está presente também em Pernambuco e, de forma mais específica, na obra de Rossini.

Descortinando as possibilidades práticas e teóricas do bandolim, através dos seus variados compositores e intérpretes, me deparei com a obra do compositor pernambucano Rossini Ferreira, e, parafraseando Augusto de Campos, “ouvivendo” a sua música, e com suas nuances melódicas, harmônicas e seus elementos modulantes característicos, instaurou-se, em mim, a inquietação por um maior conhecimento do teor artístico e cultural deste seu trabalho, seus elementos formais e estruturais, observando e procurando melhor compreender a obra desse compositor, ainda desconhecida por grande parte dos diletantes, amantes, músicos, instrumentistas e também pelos inúmeros estudiosos de música do Brasil.

Assim, considerando essa realidade, este trabalho apresenta os elementos formais constitutivos da obra do compositor e bandolinista Rossini Ferreira, evidenciando suas peculiaridades estético-musicais e as dimensões socioculturais mais abrangentes que constituem a sua obra.

O trabalho teve como base uma pesquisa qualitativa, alicerçada fundamentalmente na pesquisa bibliográfica e documental, que permitiu compreender aspectos relacionados à história do choro e de Rossini Ferreira e sua obra. Além disso, foi efetivado um trabalho de campo, que abrangeu a realização de entrevistas, a coleta de material sonoro e a vivência da prática musical da obra de Rossini a partir do contato com músicos que têm relação direta com a produção musical do compositor.

A fim de apresentar de forma sistemática os resultados da pesquisa, estruturei este trabalho em quatro capítulos, com vistas a analisar a contextualização do choro no cenário musical do Brasil e, mais especificamente, de Pernambuco, enfatizando de forma mais aprofundada trajetória musical de Rossini Ferreira juntamente com as características fundamentais que constituem os seus choros.

Dessa forma, a segunda seção apresenta os fundamentos teóricos que alicerçaram a construção da pesquisa na área de etnomusicologia, bem como a metodologia que alicerçou o processo investigativo e as definições estruturais do trabalho.

A terceira seção traz uma abordagem histórica do choro no Brasil, tendo como base uma revisão da literatura sobre o gênero, bem como concepções e produções dos diferentes praticantes dessa expressão musical no país. Nessa parte do trabalho, enfocamos também aspectos históricos do choro em Pernambuco, evidenciado a correlação do movimento do choro com outros estados do país, e a inserção do compositor Rossini Ferreira no movimento nacional.

No quarto capítulo são apresentados os aspectos biográficos do compositor Rossini passando pela trajetória musical no cenário brasileiro desde Nazareth da Mata até o fim de seus dias em Recife. São retratados, também, nessa parte do trabalho, as sutilezas e os aspectos gerais que definiram a formação musical do compositor, bem como a sua produção musical.

O quinto capítulo se atém mais especificamente aos aspectos estruturais dos choros do compositor, analisando as características centrais que constituem essas obras, bem como as particularidades que a definem. Nesse capítulo, são evidenciados parte do repertório dos choros de Rossini, sintetizando as dimensões estruturais e socioculturais que dão identidade à essa sua produção.

CAPITULO I

(RE)DESCOBRINDO O MUNDO CHORÃO DE ROSSINI FERREIRA A LUZ DA PESQUISA EM ETNOMUSICOLOGIA

A escolha de uma determinada manifestação musical como fenômeno de estudo não define, a priori, um campo de abordagem investigativa. Tal campo só é definido de fato quando se estabelece os parâmetros e as diretrizes conceituais e metodológicas que nortearam a realização do trabalho de pesquisa. Em síntese, não é o objeto de estudo que defini uma área, mas a forma de olhar para esse objeto.

Foi com essa convicção que me adentrei no estudo da obra de Rossini e, desde a elaboração do projeto de pesquisa, defini a etnomusicologia como vertente investigativa para a realização do trabalho.

Tal fato só foi possível graças à abertura da área na atualidade que ampliou seu campo de estudo, entendendo quer qualquer fenômeno musical, independente de sua natureza étnica e/ou exótica, pode ser abordado com uma expressão musical integrada à rede de significados de uma determinada cultura a partir das interações sociais concebidas pelos humanos em suas múltiplas relações sociais (GEERTZ, 1989).

Como afirma Manuel Veiga (2004, p. 125) “a antiga antropologia e a etnomusicologia de tintura colonialista racionalizavam, em termos de relacionamentos, sua preferência pelas culturas isoladas, a serem observadas e interpretadas por estudiosos a ela não pertencentes”.

Como a área hoje caminha numa vertente investigativa muito mais ampla e pluricultural, pude inter-relacionar o meu interesse de estudo, abordando a obra de Rossini Ferreira, com as perspectivas e as abordagens de estudos da etnomusicologia. Entre outras coisas, a pesquisa etnomusicológica possibilitou compreender a obra do compositor de forma sincrônica, contextualizando uma produção já realizada com a realidade sociocultural que a permeia na sociedade contemporânea.

Revisando a literatura da área o que se percebe é um novo panorama para um etnomusicologia que se realiza na atualidade. Panorama estabelecido por uma mudança de concepção, mas principalmente por novas formas de pensar as abordagens metodológicas da investigação. Essa convicção, de um cenário mais aberto para os estudos etnomusicológicos

definidos por uma forma mais ampla de lidar com as músicas investigadas encontra um paralelo significativo na definição de Béhague (2004, p. 41) quando afirmou que “[...] a metodologia mudou o rumo teórico e prático da etnomusicologia moderna”.

É partindo da abertura gerada pelo novo perfil da área que muitas vertentes musicais vêm sendo estudadas na atualidade dentro da etnomusicologia, inclusive a chamada música popular urbana, categoria em que se enquadra o fenômeno por mim estudado e analisado nesta dissertação.

Uma das motivações para estudar a obra de Rossini e para escolher a etnomusicologia como campo norteador desse estudo foi o fato de entender que a produção desse compositor é de grande relevância social, haja vista que apresenta uma forma de compor choro integrada aos valores e às características culturais de seu contexto específico, mas que se inter-relaciona com os aspectos gerais dessa manifestação musical no país.

Entendo que a definição desse campo de estudo, então, possibilitou lidar com um universo rico da música, mas que, em linhas gerais, ainda é desconhecido do grande público, dos músicos e dos estudiosos da música. Acredito que, apresentar a obra de Rossini, a partir de uma compreensão holística de sua configuração, é a contribuição que a realização dessa pesquisa pode oferecer à luz da abordagem etnomusicológica que foi realizada.

Portanto considero o trabalho relevante entendendo, em concordância com a etnomusicóloga Salwa El-Shawan Castelo Branco (2004, p. 31), que: “[...] os etnomusicólogos devem assumir as suas responsabilidades sociais e, com base nas ferramentas e nos conhecimentos adquiridos, contribuir para a defesa dos direitos culturais das populações e para a ação social e cultural dentro e fora da academia”.

Sem a pretensão de dizer que este trabalho vai divulgar ou difundir a obra de Rossini, fazendo com que ela seja reconhecida e valorizada, acredito que esta dissertação, da forma como está estruturada, pode ser uma alternativa para se conhecer e para se ter acesso à produção do compositor. Vale salientar que constitui essa obra e foi motivado por essas questões que realizei essa pesquisa e estruturei esta dissertação, tendo como referencial o campo de estudos da etnomusicologia.

1.1 O estudo da obra de Rossini com base nos direcionamentos da pesquisa etnomusicológica

Para Queiroz (2005) a pesquisa em etnomusicologia exige do estudioso da área estratégias múltiplas que me permita lidar com as especificidades contextuais do fenômeno musical estudado. Para o autor, tal fato exige do etnomusicólogo capacidade para lidar com diferentes ferramentas e com distintas abordagens de pesquisa para que possa, a partir de um arsenal metodológico, realizar as escolhas necessárias para compreensão do seu campo de investigação.

Com base nessa concepção tracei e defini a base metodológica da pesquisa realizada, buscando instrumentos de coleta e análise dos dados que permitissem uma leitura crítica e contextualizada da obra de Rossini.

1.2 A descoberta da obra de Rossini como campo de pesquisa

Já transitei, viandante, por outras especializações, mas sem muita identidade ou empatia, mais por contingência do contexto acadêmico. Agora estou deveras motivado, pelo despertar e pelo tema em questão, de forma consciente e degustando saborosamente. Buscando essa forma poética para sintetizar a satisfação em realizar este trabalho quero, de fato, demonstrar o que me levou a uma identificação direta com obra de Rossini e, naturalmente, a sua escolha como fenômeno de estudo no mestrado.

Durante minha trajetória musical sempre fui motivado a estudar a música, buscando formas diferenciadas para a sua compreensão e prática. Como bandolinista interessa-me de forma mais direta o trabalho de intérpretes e compositores que fizeram do instrumento sua grande ferramenta expressiva. Assim, buscando descobrir as possibilidades do bandolim através dos seus grandes intérpretes e compositores, me deparei com a obra do pernambucano Rossini Ferreira. Como músico, a primeira impressão que tive é que se tratava de uma obra distinta, dotada de uma gama de modulações inusitadas. Dessa maneira, logo de cara, instaurou-se em mim a indagação: por que um instrumentista e compositor de tamanho calado e teor artístico não se encontrava inserido na história do choro brasileiro? Confesso que essa visão, até meio “romantizada”, da obra do compositor foi a mola propulsora para o trabalho. Todavia, juntada a essa admiração, veio a busca científica que, para além dos

deslumbre de um admirador, pudesse fornecer uma visão crítica e analítica da obra de Rossini.

Meus primeiros contatos com a obra de Rossini se deram informalmente, a partir da minha atuação como músico em rodas de choro na cidade de João Pessoa e Recife. Sua produção já se apresentava familiar para os amigos músicos praticante do choro e o contato com eles me propiciou ouvir Rossini e posteriormente ter acesso a algumas das suas músicas. Desde o primeiro momento, sua música, como *Novos Rumos*, *Chorando com Wilson Maria*, *Poesias do Ademar*, entre outras, despertaram o meu interesse, me levando a ter um contato mais direto e sistemático com a produção do compositor. Nesse período tive acesso também ao álbum de partituras, elaborado pelo próprio Rossini, em parceria com seu amigo campinense (Paraibano) Wilson Maria dos Santos, podendo então perceber a nuances dos aspectos melódicos que caracterizam a obra do compositor.

A partir desses contatos estritamente musicais com a obra de Rossini, surgiu, então, o interesse de realizar um estudo mais sistemático sobre a sua produção, fato que se concretizou com o meu ingresso no Curso de Especialização em Etnomusicologia, coordenado pelo professor Carlos Sandroni na Universidade Federal de Pernambuco.

Ao entrar em contato com o Curso causou-me surpresa a abrangência e a flexibilidade da área que, até então era, para mim, uma disciplina que estudava músicas exóticas, de contextos relacionados às culturas afro, indígena, orientais etc. A partir de então passei a compreender um pouco melhor do que tratava os estudos etnomusicológicos e, assim, almejei a possibilidade de estudar uma expressão musical que fosse mais próxima da minha vivência e do meu campo de interesse enquanto músico.

Aí veio então a descoberta do choro de Rossini e o contato mais direto com a obra do compositor, fato que me levou a elaborar a monografia de conclusão do curso baseada na produção chorística de Rosini. A monografia intitulada *O choro pernambucano em Rossini Ferreira* foi então um passo fundamental para que começasse a perceber a riqueza da obra do compositor e a necessidade de que continuasse aprofundando os meus estudos acerca dessa manifestação musical.

O mestrado, uma segunda etapa a ser galgada, na certeza de ampliar e consolidar mais e mais o universo Rossiniano, não se mostrava palpável, a princípio, é quando desponta na UFPB o Mestrado em etnomusicologia, configurando assim o momento ideal para adentrar com um novo projeto, uma nova proposta e perspectiva na tentativa de poder aprofundar o trabalho iniciado na especialização. Assim, em 2006 iniciei o mestrado em etnomusicologia e, mais uma vez, tomei a obra de Rossini Ferreira como fenômeno de estudo, iniciando, dessa

forma, um novo trabalho de pesquisa alicerçado pelos conhecimentos que já tinha adquirido ao longo o estudo para o Curso de especialização.

Os fatos relatados acima evidenciam, de forma sintética, como se deu a descoberta da obra de Rossini como foco de estudo e revela ainda as perspectivas que me levaram a conceber o estudo dessa expressão musical dentro da ótica da etnomusicologia. Motivado pelos direcionamentos da área estruturei o trabalho de campo que me levou aos resultados que apresento aqui nesta dissertação.

1.3 A base metodológica da pesquisa realizada

Uma das principais características que definem a área de etnomusicologia e a natureza do seu trabalho de campo, haja vista que grande parte dos estudos realizados nesse campo lida com expressões musicais vivas que acontecem simultaneamente ao processo de coleta dos dados. Todavia, a natureza do fenômeno por mim abordado, uma produção musical já concretizada e estabelecida, me fez tomar novos direcionamentos, levando para a abordagem etnomusicológica aspectos relacionados a um estudo histórico e sistemático da música, que mesmo lidando com uma manifestação produzida no passado, buscou compreendê-la a partir de uma visão atual, co-relacionando-a com o universo cultural que a rodeia.

Assim, defini e estruturei uma metodologia que teve que lidar com fontes documentais, arquivos sonoros e outros recursos diversificados que eram exigidos pelo processo investigativo.

1.4 Os instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados tiveram então com finalidade dar conta de me guiar pela trajetória do compositor, bem como me possibilitar as análises e compreensões dos aspectos fundamentais que definem a obra e, mais especificamente, os choros do compositor. Por essa ótica estabelecemos e aplicamos os instrumentos de coleta de dados que apresento a seguir.

1.4.1 Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica foi uma importante etapa do trabalho, possibilitando o acesso a fontes que forneceram informações gerais sobre o Choro e a música brasileira, bem como fundamentos teóricos que nortearam as perspectivas conceituais e analíticas do trabalho. Além das produções bibliográficas específicas do campo da etnomusicologia, estudos de autores de outros campos da música fizeram parte do escopo dessa etapa da investigação.

1.4.2 Pesquisa documental

Essa etapa do trabalho foi fundamental para que pudéssemos estudar de forma abrangente a obra de Rossini, haja vista que a pesquisa em documentos como partituras manuscritas, cartas, jornais e outros materiais não publicados possibilitaram uma leitura da trajetória histórica do compositor, bem como das características fundamentais que constituem a sua obra. Vale salientar que estes documentos foram coletados, sobretudo, com a família e amigos do compositor que não tinham interesse de guardas tais materiais. Assim, esses materiais foram cedidos para os trabalhos e, portanto, diversas fotos, partituras e outras fontes utilizadas e citadas ao longo da dissertação fazem parte do meu acervo particular que pretendo disponibilizar para outros trabalhos sobre a obra de Rossini.

1.4.3 Pesquisa sonoro-documental

Os discos gravados pelo compositor foram outra importante fonte para a pesquisa e mereceu um trabalho de coleta amplo e bastante sistematizado. Posso afirmar que tive acesso à toda a produção gravada e comercializada de Rossini, podendo apresentar neste trabalho as informações que abrangem a totalidade da sua obra. Merece menção à parte o importante material sonoro, não gravado em disco e outras formas de registros comerciais, que pude também pude coletar ao longo da pesquisa e que foram peças fundamentais para apresentar e analisar a trajetória musical do músico estudado. Trata-se de dezenas de fitas

cassetes, VHS entre outros, com músicas e depoimentos do compositor. Esses materiais que foram coletados na Fundação Joaquim Nabuco de Pernambuco e também, como os demais documentos, cedidas por familiares e amigos.

1.4.4 Entrevistas semi-estruturadas

A coleta de depoimentos de músicos ligados à produção musical de Rosini, bem como de amigos e familiares do compositor foi outra fonte importante de obtenção de dados. Assim de posse das informações coletadas a partir da pesquisa bibliográfica, documental e sonora, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, coletando depoimentos que retratassem a aspectos gerais em torno da carreira e do trabalho artístico realizado pelo compositor. A metodologia de realização das entrevistas foi bastante diversificada, sendo muita delas realizadas face a face como os respondentes, em visita à cidade do Recife, e outras realizadas por telefone, agilizando assim o processo de coleta dos dados. As gravações realizadas in loco foram gravadas a fim de facilitar para o posterior procedimento analítico. Essa etapa do trabalho permitiu, sobretudo, elucidar a visão de pessoas ligadas ao contexto cultural do compositor acerca de sua obra, aspectos que se mostrou de grande importância para as reflexões apresentadas no trabalho.

1.4.5 Observação participante

Esse foi um instrumento que, pela característica da pesquisa realizada para a elaboração desta dissertação, teve em menos evidência no trabalho de coleta de dados. De maneira geral a minha participação efetiva no universo cultural que permeia a obra de Rossini se deu pela visita a contextos ligados à prática musical do choro e, mais especificamente, à obra do compositor em Recife. Nesse sentido, assisti a rodas de choro, concertos e eventos musicais em geral que pudessem, mesmo que indiretamente contribuir para os estudos acerca da obra analisada.

1.5 Os instrumentos de organização e análise de dados

1.5.1 Procedimentos de organização e análise dos dados

A fim de realizar uma leitura acurada dos dados, os instrumentos de análise foram definidos de forma que dessem conta das especificidades das informações obtidas a partir de cada ferramenta de coleta. Dessa maneira, buscou-se trabalhos com procedimentos de organização e análise que, da melhor forma possível, permitisse extrair dos dados coletados o maior número de informações, garantindo, dentro do possível, uma interpretação mais real e contextualizada com o fenômeno estudado. Com o intuito de permitir uma maior compreensão das ferramentas utilizadas descrevo a seguir a natureza os procedimentos organizacionais e analíticos utilizados.

1.5.2 Constituição do referencial teórico

A partir da pesquisa bibliográfica foram extraídos bases e trechos teóricos que serviram de alicerce para as reflexões e para as definições analíticas realizadas ao longo da dissertação. Evidentemente a partir da análise do material selecionado na pesquisa bibliográfica diversos referenciais foram estabelecidos sendo que, alguns deles, não necessariamente precisaram ser citados no trabalho.

1.5.3 Categorização dos diferentes momentos da vida e da obra de Rossini

Os documentos coletados, juntamente com os dados bibliográficos, permitiram reconstituir parte da história da vida musical de Rossini. Esse processo foi realizado a partir de um trabalho sistemático de consulta aos materiais, agrupando informações sobre a obra do compositor e sobre sua trajetória de acordo com épocas, produções e movimentos musicais que foram significativos para a consolidação da vida musical do compositor.

1.5.4 Transcrição das entrevistas

O processo de transcrição das entrevistas foi realizado buscando extrair das gravações realizadas informações que servissem de base para análises das questões levantadas ao longo do trabalho. Tais transcrições serviram, inclusive, de exemplos para ilustrar afirmações e discussões realizadas ao longo do texto. Já as entrevistas realizadas por telefone foram transcritas simultaneamente, com os ajustes devidos após o encerramento de cada uma delas.

1.5.5 Análise da fala dos entrevistados

Após as transcrições os depoimentos foram agrupados em categorias afim que permitissem sua fácil localização quando da necessidade de serem utilizadas na construção do texto. Durante esse processo visou-se, também, obter pontos comuns e divergentes de cada entrevista acerca da trajetória musical de Rossini, bem como de sua obra e, dessa forma, construir reflexões e discussões significativas a partir do teor da fala de cada entrevistado.

1.5.6 Transcrições das músicas

As transcrições musicais foram realizadas de acordo com a perspectiva de estudiosos da etnomusicologia, como Ellingsom (1991) e Queiroz 2005, entendendo que essa maneira de objetivar a expressão musical em uma linguagem escrita permite compreender, inclusive, aspectos relacionados á subjetividade que de fato caracteriza o fenômeno musical.

Com esse intuito, a partir de todo o material sonoro coletado, as transcrições estruturadas no trabalho tiveram como finalidade apresentar os aspectos estéticos centrais (melódicos, rítmicos e harmônicos) que caracterizam a obra de Rossini. Junto a esse processo harmonizei todos os choros levantados ao longo da pesquisa, consolidando, assim, no processo de análise uma visão acurada acerca dos aspectos centrais que constituem a obra do

compositor. De maneira geral as transcrições sistematizadas ao longo da pesquisa estão apresentadas no capítulo 4, fornecendo a base para as análises musicais realizadas nesta parte do trabalho.

1.6 Apresentação dos resultados

Baseado no material pesquisado, e suas informações e no processo investigativo essa dissertação foi estruturada e procura apresentar as particularidades dessa obra evidenciadas pela pesquisa.

O trabalho foi estruturado com base nas normas da ABNT e das determinações do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba para a elaboração da dissertação final de conclusão do curso. Todavia, dada a natureza singular de algumas fontes e formas de apresentação que constituem o trabalho foi preciso estruturar estratégias que possibilitassem a inserção de documentos e informações consideradas de suma importância para a efetivação do trabalho.

Assim os três capítulos a seguir trazem informações e discussões que considero fundamentais para conhecer e compreender as características marcantes da obra de Rossini Ferreira, o que implica, naturalmente, o entendimento e compreensão do universo cultural e social que delinearão a formação e a carreira deste importante artista da música de Pernambuco.

CAPÍTULO II

O CHORO: DO CONTEXTO BRASILEIRO AO UNIVERSO SINGULAR DE PERNAMBUCO

2.1 O choro na literatura nacional

Há uma gama de títulos que abordam ou fazem menção ao choro, no entanto grande parte dos trabalhos se atém mais especificamente a questões históricas, descritivas e estruturais do gênero, não aprofundando, de forma direta, em análises mais relacionadas ao universo intrínseco que caracteriza a identidade do choro e a inter-relação entre a estética musical do gênero e as dimensões socioculturais dos diferentes contextos em que acontece. Assim, dos trabalhos encontrados na literatura nacional, verifica-se que, em parte, não evidenciam os elementos de análise; relevando, sobretudo, os aspectos biográficos de compositores e instrumentistas de relevância no contexto urbano do país.

Com o objetivo de compreender de que forma vem sendo abordado o choro no âmbito dos estudos relacionados ao gênero no país, realizamos, nessa parte do trabalho, uma revisão de obras que abordam o choro, sem, no entanto, nos atermos aos detalhes específicos de cada trabalho. Focamos nossa análise na discussão de aspectos gerais que caracterizam os estudos já realizados, dando ênfase, sobretudo, nas abordagens que têm relação mais direta com o foco da investigação realizada no contexto do choro de Pernambuco, mais especificamente, no que se refere à obra de Rossini Ferreira.

Numa perspectiva geral, os estudos que abordam o choro na literatura nacional têm um grande índice de recorrência em dissertações, teses e monografias, trabalhos estes, realizados fundamentalmente nos programas de pós-graduação do país. Outros formatos bibliográficos como livros, artigos científicos, etc. também podem ser encontrados na nossa literatura científica, porém em número mais reduzido.

A fim de contextualizar o presente trabalho com estudos já realizados acerca do gênero no Brasil, apresento, a seguir, obras e autores que se dedicaram ao estudo sistemático do choro como expressão musical brasileira.

Como início, destacamos, entre outros, o livro *O Choro: Reminiscências dos chorões antigos*, de Alexandre Gonçalves Pinto (1978), mais conhecido como o “Animal”. Este livro é arrebatador de diversas críticas positivas, pelo vasto material da memória musical,

carioca, ali exposto, e críticas negativas pelo seu formato, discurso e desenvolvimentos inexistentes. Todavia, apesar dos problemas que apresenta, é uma obra de fundamental importância para a literatura do choro por descreve e apresentar um número significativo de compositores e intérpretes do século XIX e XX, apresentando as suas características técnicas e qualidades intrínsecas. Além disso, retrata costumes e fatos e histórias jocosas que marcaram a trajetória do choro, principalmente, no contexto cultural do Rio de Janeiro.

Uma obra que merece destaque é o livro *O Choro: do quintal ao Municipal*, de Henrique Cazes 1998. O autor, com base em gravações diversas do choro ao longo do tempo, publicações e documentos relacionados à história do gênero no país, e na sua experiência como músico atuante no contexto contemporâneo dessa expressão musical, faz importantes análises e descrições acerca da identidade dessa manifestação cultural no Brasil. De início, o autor realiza uma breve discussão sobre a etimológica do termo choro, mas sem um aprofundamento mais substancial ficando praticamente na exposição histórica e cronológica relacionada à consolidação do gênero, tendo como tônica o universo do Rio de Janeiro. Outros aspectos que enfatiza ao longo do livro são os instrumentos, instrumentistas e grupos musicais de relevância no contexto do choro. Ao longo de sua abordagem Cazes realiza, inclusive, uma incursão pelo nordeste brasileiro, lembrando nomes de nordestinos que obtiveram destaque no cenário nacional do choro como: João Pernambuco, Lupercê Miranda, Romualdo Miranda, Conceição Dias, Canhoto da Paraíba e Rossini Ferreira, entre outros.

Em *Pixinguinha vida e obra*, Sérgio Cabral (1980) apresenta a trajetória do músico, dando ênfase à descrição de suas músicas e aos fatos que marcaram sua carreira de compositor. Todavia, o autor não se aprofunda em aspectos mais relacionados às dimensões artísticas e estéticas socioculturais que caracterizam a obra e à produção musical geral de Alfredo da Rocha Vianna, Pixinguinha.

Na dissertação de mestrado, *O Choro: e o seu significado na obra de Edino Krieger*, Ignez Melo (1996) apresenta elementos importantes em relação à origem e desenvolvimento do Choro, enfatizando as características do gênero. Todavia o trabalho não aborda acerca dos aspectos estruturais e estéticos, fazendo, nesse sentido, apenas uma pequena discussão sobre a construção melódica e a forma característica da expressão musical.

Ricardo Albin (1997) também apresenta em *MPB: a história de um século* importantes contribuições para o estudo do choro. Mesmo não se atendo a um exaustivo trabalho acerca do gênero que possa elucidar questões relacionadas às suas dimensões estruturais e culturais, o autor traz uma significativa documentação fotográfica, com

características e elementos ilustrativos que retratam dimensões acerca da trajetória do choro no país.

Por último que fazer menção ao livro *Choro: a social history of a brasilian popular music* de Livingston-Isenhour e Garcia (2005) que apresenta um amplo estudo sobre o choro no Brasil, fazendo uma abrangência representativa do gênero tanto no que se refere à sua dimensão estética quanto no tange às sua inserção social no cenário brasileiro. Considero esse trabalho, apesar de publicado por autores estrangeiros, como um dos mais exaustivos estudos sistematizados sobre o choro no país, tendo sido, portanto, uma fonte de valor para esta dissertação.

Certamente não destaquei as obras retratadas anteriormente como sendo as únicas que abordam o assunto, tampouco temos a pretensão de apresentá-las como as mais importantes. Mas os estudos que elegi e comentei acima são, sem dúvida, os que forneceram as perspectivas mais direcionadas para a realidade da pesquisa acerca da obra de Rossini Ferreira. Assim, o que foi intentado retratar com a apresentação dos autores e obras mencionados anteriormente, foram as perspectivas que têm norteado os estudos acerca do choro ao longo da história, evidenciando os elementos fundamentais que têm sido elucidados e refletidos a partir dessas publicações.

2.2 Rumo à(s) história(s) do choro

O Choro é um gênero altamente difundido pelo Brasil na atualidade, estando presente em distintos contextos culturais do país. Por conseqüência possui praticantes e adeptos em quase todo o território nacional.

Por mais que diversos autores já tenham se dedicado à compreensão dos aspectos históricos e socioculturais que caracterizam o gênero musical no país, percebe-se que há ainda muito a ser realizado, para que se possam ser traçadas algumas linhas gerais acerca da dimensão histórica no país, elegendo como foco as controvérsias em relação ao surgimento e consolidação dessa representativa manifestação da cultura popular brasileira.

Pesquisadores, músicos e estudiosos como Câmara Cascudo, Jaques Raimundo, José Ramos Tinhorão, Zuza Homem de Melo, Maurício Carrilho, Henrique Cazes, Lúcio Rangel, Ari Vasconcelos, entre outros, vêm ao longo das últimas décadas investindo em discussões e estudos acerca do choro, com resultados substanciais, e ainda com lacunas nos

aspectos fundamentais que melhor evidenciem a complexidade e da amplitude que caracteriza o gênero em suas distintas ramificações pelo país.

Segundo Henrique Cazes (1998, p. 17) “o processo de mistura de estilos e sotaques que levou ao nascimento do choro no Brasil” também ocorreu na consolidação de expressões musicais características de outros países. As misturas que estão na base de diferentes expressões musicais urbanas, principalmente no continente americano, são frutos, geralmente, do somatório dos sotaques dos colonizadores, elementos da cultura européia e, da influência negra e ameríndia. Desse amálgama foram se delineando os gêneros e aspectos musicais distintos que estão na base da música popular urbana nos moldes que hoje conhecemos.

Observando *o maxixe* brasileiro, *o beguine* da martinica, *o danzon* de Santiago de Cuba, *o rag-time* norte-americano, é possível perceber que todos trazem, à sua maneira, certas características da polca européia. Todavia, essas características foram adaptadas, transformadas e re-significadas musicalmente, a partir do contato da cultura local com culturas de colonizadores (português, espanhol, francês, inglês) e com a de povos de outras culturas como a africana.

Em relação à denominação choro, encontramos diferentes perspectivas na nossa literatura. Cazes (1998) afirma que existem diversos pontos de vista em relação à origem do nome do choro. Assim, comentando sobre estudos que buscaram apresentar aspectos relacionados à história do choro, o autor destaca as seguintes abordagens: O folclorista Luís da Câmara Cascudo acreditava que o choro vinha de *xolo*, um baile que os escravos faziam nas fazendas e que teria a palavra gradativamente mudada para xoro e finalmente *choro*. Já Ari Vasconcelos crê que o termo tem origem nos *choromeleiros*, corporação de músicos de importância no período colonial e assinala que esses músicos não executavam somente as *charamelas* (instrumentos de palheta, precursores dos oboés, fagotes e clarinetes). O povo teria passado a chamar qualquer tipo de agrupamento instrumental de *choromeleiros*, sendo que, logo em seguida, encurtaram o termo para choro. José Ramos Tinhorão acredita que o choro deriva da impressão de *melancolia* gerada pelas baixarias do violão e que a palavra *chorão* seria uma decorrência desse lamento. Essa última hipótese, ou mais precisamente a sua fundamentação, poderia, ainda de acordo com Cazes, ser facilmente descartada já que a baixaria do violão passou a ser utilizada no choro somente a partir dos anos de 1920, não sendo uma característica que se apresentava no início da consolidação do gênero.

Ao longo dos últimos 50 anos o termo choro tem aparecido em vários tipos de publicações, grande parte delas sem uma sistematização metodológica mais científica, se

referindo tanto a um jeito de tocar e a um evento musical quanto a uma forma específica de se compor. Todavia, tais publicações retratam a multiplicidade de características que definem esse gênero nos diferentes contextos culturais em que tem sido praticado.

2.3 O choro no Brasil: dos primeiros passos à consolidação do gênero

A nossa história começa, indubitavelmente, com os índios. A música brasileira existe desde há muito e antecede ao ano de 1500 (século XVI), ano do descobrimento. Co-existia com os silvícolas que aqui habitavam e, ainda habitam, com seus cantos, suas danças, seus rituais, sua música. Poderíamos denominar essa música de música “Tupiniquim” ou “tupi-guarani”, o que seria, numa visão macro, a nossa primeira manifestação musical.

Com o descobrimento e sua desbravação, aportaram aqui os primeiros jesuítas, com suas Missões, sua arte, sua música sacra, seus cantos litúrgicos, seu lirismo eclesiástico, seu cantochão, configurando a primeira influência da música brasileira, quando lhes são repassados, aos *bugres*, de modo imperativo, os padrões e conceitos da arte e da música litúrgica européia. Portanto, temos aí a configuração da história primeira da música brasileira, em princípio nativa, agora miscigenada num processo de constante mutação.

A Família Real portuguesa chega ao Brasil, em 1808, trazendo um surto de modernização, melhorias urbanas, investimentos para a criação de uma infra-estrutura e serviços públicos como correios, estradas de ferro. Logo em seguida, em 1815, a cidade do Rio de Janeiro é promulgada a capital do Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarves passando por várias reformas políticas urbanas e culturais, quando medram os vínculos empregatícios e são criados uma variedade de cargos e encargos públicos.

Em julho de 1845, a polca é de fato apresentada ao público do Rio de Janeiro e logo conquista-o e torna-se moda. A reforma urbana, os instrumentos e as músicas trazidas da Europa, juntamente com a abolição do tráfico de escravos no Brasil (1850) pode ser considerado o fator “receita” para o surgimento do “Choro”, surgido de uma nova classe social, a classe média, nessa altura, composta por funcionários públicos (correios, instrumentistas de bandas militares, pequenos comerciantes, geralmente de origem negra, nos subúrbios do Rio de Janeiro). Esta nova classe social, sem compromisso e prevalecendo o diletantismo, passa a se reunir com bastante frequência e a formar conjuntos para tocar “de ouvido” as músicas da época, já com algumas mesclas de alguns ritmos africanos e já

enraizados na cultura brasileira como o batuque, o lundu passando a serem tocados de modo abasileirado por esses músicos (aparentemente de pouca técnica) e desse modo denominados de “Chorões”.

Mesmo não se podendo afirmar ou fixar uma data e ou uma música para o surgimento de um gênero musical, por ser este um processo lento, gradual e contínuo, nos idos de 1870 se destaca no meio instrumental, o flautista Joaquim Antonio da Silva Calado que juntamente com seu conjunto, ficou conhecido como “O choro de Calado”. Calado tinha grande conhecimento musical, era professor do Conservatório Imperial e, costumava reunir bons músicos da época pelo prazer de tocar. Seu conjunto era composto de violões (dois) cavaquinho e flauta (naturalmente), como instrumento solista. Essa formação também era denominada de “pau e corda” por serem as flautas, nesse período, de ébano (madeira). Segundo Diniz (2003) no conjunto de Calado, os instrumentistas tinham liberdade para o improviso sobre o acompanhamento harmônico e suas modulações, de certa complexibilidade, por vezes com a intenção de “derrubar” os outros músicos, ou seja, chegar a um grau de dificuldade tamanha que os demais músicos não dêem conta da execução. Assim, os grupos faziam os arranjos dos gêneros músicas da época como: a polca, a mazurca, o schottis, a valsa entre outros. Já nessa época, era característico o uso dos bordões e, como foi visto, o improviso de caráter melancólico, cantábile. Desenvolve-se aí uma interação, um diálogo entre solo e acompanhamento (uma das características do choro de até hoje em dia). Assim, começam a aparecer conjuntos com a mesma formação.

Desta forma também, Joaquim Antonio da Silva Calado, passa a ser considerado um dos principais responsáveis e pioneiros, ou ainda, principal colaborador, para o surgimento do choro, tendo ainda a música “Flor Amorosa”, de sua autoria, com marco fundamental e pioneiro do Choro (DINIZ, 2003). Esta polca-choro foi composta por Calado, ganhando letra depois de Catulo da Paixão Cearense, e é tocada até os dias de hoje pelos chorões. Do conjunto de Calado participavam, Figueira, flautista, seu aluno, e a maestrina Chiquinha Gonzaga, pioneira como primeira chorona, ambos seus amigos, que mais tarde viriam a se tornar, também, personagens importantes desse universo musical que é o Choro.

Portanto, o choro tem sua constatação, seu amálgama, sua pedra fundamental há, pelo menos, 130 anos. Os grupos que o fazem possuem a denominação de Grupos de choro ou ainda Grupos de Chorinho, denominação carinhosa, refutada por alguns, mas estabelecida e aceita pela maioria daqueles que fazem o choro que são, ainda hoje, denominados de Chorões.

Ainda um pouco mais adiante, nesse período, as bandas militares vêm a se dedicar à música brasileira, em especial ao choro, dando grande contribuição a esse gênero

através de instrumentos como oficleide, bombardino, piston etc. Vale destacar a capital importância da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, sob a batuta do maestro e compositor Anacleto de Medeiros.

O gênero *choro* é possuidor de bastante flexibilidade, tanto na rítmica como no andamento, geralmente possui um ritmo moderado ou andante, podendo ser canção, modinha, samba, valsa. Pixinguinha, por exemplo, pelo seu virtuosismo, compôs uma gama de choros que denominou de choros ligeiros, os quais estão bastante propensos ao alegre ou mesmo ao alegre assai, o nosso alegre, célere, agitado, tendo como característica o virtuosismo, juntamente com o improviso, fruto do estudo, da técnica e muito suor,

O choro, uma das primeiras expressões da música popular urbana típica do Brasil é possuidor de grandes graus de dificuldades em sua execução. Pixinguinha e Luperce Miranda, por exemplo, possuem choros de grandes graus de dificuldade e virtuosismo como: *Ix0* e *Segura ele* (Pixinguinha), *Picadinha à baiana* e *Quando me lembro* (Luperce).

A música brasileira, propriamente dita, com conotação de gênero, só vem a aparecer por volta de 1730, afirma Waldenir Caldas (1985). Contudo, apenas no final do século XIX tem a configuração e a síntese de seus ritmos principais, fruto híbrido da miscigenação de seus constitutivos étnicos indígenas (cantos e danças colocar em roda-pé) *cateretê*, afro *lundu* e branco *habanera*. Caldas afirma ainda que esses três elementos rítmicos se constituam como os mais importantes na formação rítmica brasileira, originando entre outros ritmos a modinha, o tango brasileiro, o maxixe, que afirma vir do samba. Assim como a habanera e a polca, o tango-brasileiro surge, oficialmente em 1871, com a peça *Olhos matadores*, de Henrique Mesquita. É nas mãos de Ernesto Nazareth que o tango-brasileiro se desenvolve através de composições como: *Odeon*, *Fon-fon*, *Escovado*, *Escorregando* entre outros. Nazareth foi professor, pianista [de cinema e de loja de partituras] e também inova no estilo da valsa com as peças: *Helena*, *Fidalga*, *Coração que sente*.

Assim o choro, vem se transformando, se moldando, se aperfeiçoando, em sua forma, seu sotaque e, paulatinamente, se consolida em gênero tipicamente brasileiro, abrasileirando tudo que *toca*, a ponto tal de mesclar, miscigenar, amalgamar, tornando híbrido, até posterior definição, certos ritmos assim denominados: a polca-choro, a polca-lundu, o tango brasileiro, o samba-choro etc. As novas gerações passam a divulgar esses sons nos bailes e salões da alta sociedade, não ficando o choro apenas nos subúrbios.

Vários são os compositores de importância fundamental para o choro como, por exemplo: Joaquim Calado, Viriato Figueira, Patápio Silva, Irineu de Almeida. Temos ainda seus patronos maiores: Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth, Pixinguinha, Anacleto de

Medeiros, esses considerados como divisores de água do choro e sua pré-história. Esse divisor pode ser validado, também, para a música brasileira, que tem sua herança musical no choro.

2.4 O choro em Pernambuco

O choro, apesar de ser atribuído ao Rio, também tem suas sementes e raízes fincadas em diferentes contextos do país. Entre esses diferentes universos enfatizo o estado de Pernambuco como importante referência. O Estado, desde há muito, tem dado grande contribuição e gerado uma gama de instrumentistas que, por suas características e peculiaridades, de certa forma, cria também uma cor própria, certa textura. O choro tem no violão é seu grande aliado, juntamente com o cavaquinho e a flauta, estabelecendo, assim, a sua estruturação formal primeira.

Para referenciar algumas das grandes contribuições oriundas de Pernambuco que marcaram a música brasileira, e de foram direta o choro, basta citar nomes como João Pernambuco e Quincas Laranjeiras, por exemplo. João Pernambuco é considerado o primeiro grande compositor de choro para violão. Quincas Laranjeiras além de compositor e precursor do ensino do violão por música (através de partituras, escalas e solfejos) no Brasil, tendo importante participação em composições que até hoje demarcam espaço nas rodas de Choro.

Além dos nomes mencionados anteriormente, mais ligados ao violão, outros importante personagens inseriram o choro de Pernambuco na pauta musical do país, podendo ser mencionados os nomes como: o bandolinista Luperce Miranda (o qual antecede a Jacob do Bandolim, concebendo composições, para o bandolim, com muito virtuosismo); a pianista *Tia Amélia* (herdeira de Chiquinha Gonzaga, pesquisadora do folclore, compositora, concertista); os violonistas Romualdo Miranda (irmão de Luperce), Zé do Carmo, Alfredo Medeiros, Armando Cunha, Benedito Santos, Ernani Reis (o Garoto do nordeste), Miró Rosé [introdutor do sete cordas em Pernambuco], Manoel Xavier de Brito, o *Tozinho*, grande divulgador do violão de sete cordas, pai do bandolinista Marco Cesar; os, também violonistas, Cariocas pernambucanos: João Teixeira Guimarães - João Pernambuco, Quincas Laranjeiras (Joaquim Francisco dos Santos) e Meira (Jaime Tomás Florence) e mais ainda os violonistas Bibi, Otacílio Feitosa, Milton Dantas, Conceição Dias (representante e atuante feminina do violão), João Dias, Henrique Annes, Canhoto da Paraíba (teve forte participação apesar de paraibano e era convidado ilustre), o flautista Felinho (coordenou a Rádio Clube de Pernambuco

durante vários anos assumindo depois dele o Rossini Ferreira); os cavaquinhistas: Nelson Miranda, Claudio Souza, Osmundo Soares, Antonio da Silva Torres - Jacaré; os sanfoneiros Martins da Sanfona e Sivuca (Paraibano que tem seu início, profissional musical, na Radio Clube de Pernambuco); o pandeirista José Pitui; o clarinetista Severino Araújo, os bandolinistas: Severino Oliveira, Aprígio de França, Rossini Ferreira, Marco Cesar, Adalberto Cavalcanti, entre outros. Pelo exposto percebemos quão grande é a quantidade de instrumentistas de cordas dedilhadas, principalmente violonistas em Pernambuco.

Sendo conhecedor da música de João Pernambuco e do choro carioca, Turíbio Santos afirma:

O choro pernambucano tem certa especificidade, sendo diferente do choro do Rio. O choro de Jacob, de Pixinguinha apresenta certa linearidade onde a síncope não é a tônica, não entra tão forte, como entra no choro do João Pernambuco, por exemplo. O tipo de harmonia, de concepção do choro, presumivelmente tem aí a influência pernambucana, ou dos ritmos pernambucanos. A massa sonora é mais afirmativa. Menos moleque, menos malandro, é mais afirmativo (SOARES, p. 43).

Pernambuco tem o pioneirismo radiofônico, no Brasil, através da Rádio Clube de Pernambuco a primeira do Brasil e da América Latina, com sua primeira experiência em 19 de abril de 1919, com essa infinidade de chorões e outros mais, a Rádio possuía um programa dedicado ao gênero que foi muito importante *Clube das Cordas* isso na década de 50. Nesse programa se apresentava a maioria dos acima citados, que na sua maioria absoluta eram compositores, e tinham como sócios de honra, o Canhoto da Paraíba, Conceição Dias (que foi praticamente a única violonista mulher de seu tempo a tocar na radio, no Recife) e Rossini Ferreira.

Mais tarde, em 4 de julho de 1948, é inaugurada a Radio Jornal do Commercio - *A Vênus Platinada do Nordeste* - Com a Rádio Jornal vem o programa *Quando os Violões se Encontram*, transmitido entre os anos 1950 e 1960, concentrando os melhores violonistas do nordeste. Esse programa, *Quando os Violões se Encontram*, vem a ter mais audiência que o seu concorrente, *Clube das cordas* e, era dedicado exclusivamente ao violão pernambucano abrigando os melhores violonistas do Nordeste. Outros programas, como *Miscelâneas Sonoras*, existiram anteriores a este, mas não com o mesmo impacto.

Esses foram programas de ampla divulgação das canções e choros da época e, principalmente, da música instrumental. Havia, também, homenagens aos amigos e suas

memórias. Eram também apresentadas, parafraseando a expressão da época, grandes *páginas musicais* ou, como se diz ainda hoje, grandes *pérolas musicais*.

Quanto ao universo bandolinista pernambucano podemos dividi-lo em três fases distintas: a fase primeira é a do bandolinista e virtuoso *Luperce Miranda*, o primeiro bandolinista pernambucano de destaque nacional e internacional. Desenvolveu um estilo de solos muito próprio onde explorava o virtuosismo, compondo para um instrumento também usado para o acompanhamento. Estava sempre presentes nas gravações de cantores e grupos da época. Era muito requisitado nas emissoras de Rádio. Sua música requiritava muita técnica e agilidade. Foi o maior vulto do Bandolim que antecedeu a Jacob Pick Bitencourt. “Seu estilo, marcante, está presente em composições como: *Picadinho à baiana*, *Prelúdio em ré maior*, *História de um bandolim* e *Quando me lembro*, entre outras.

A segunda fase é a do bandolinista e compositor *Rossini Ferreira*, considerado um bandolinista dos mais românticos senão o mais romântico, pelo percentual e quase totalidade de sua obra. Teve capital importância na Radio clube chegando, mais tarde, a dirigir o regional da mesma. Possui composições de destaque como: *Tristeza de um Carnaval*, *Cinema Mudo* e *Novos Rumos* entre outras. Rossini Ferreira é o foco deste trabalho monográfico onde será abordado amiúde

A terceira fase fica com o bandolinista e também compositor, arranjador, regente pernambucano *Marco César* coordenador do *Conjunto pernambucano de choro*, da *Orquestra Retratos do Nordeste*. É detentor de um grande acervo do universo musical de Pernambuco entre partituras, gravações, discos e vídeos. É professor de instrumentos de cordas dedilhadas como bandolim, bandola, bandolocello, cavaquinho, violão de seis e de sete cordas, viola nordestina. É responsável pela nova geração de instrumentistas de cordas dedilhadas que ora desponta em Recife, Olinda e outros municípios de Pernambuco, trabalho este que já desenvolve há três décadas.

2.5 O renascimento do choro

2.5.1 O movimento musical nacionalista de Jacob



FOTO 1 – Personagens marcantes do renascimento do choro. De pé: Carlinhos, Rui de Moraes e Silva, Jacob, César Faria (pai de Paulinho da viola) e Alfredo Medeiros; sentadas as violonistas Conceição Dias e Neide com o oferecimento de punho de Jacob do Bandolim para Rossini: “Ao bom Rossini com o abraço do Jacob, Neide, Conceição e Carlinhos - 1958”.

Por volta de 1959, o grande bandolinista, Jacob Pick Betencourt, sacode o sul do Brasil, com um movimento nacionalista que se consolidaria num dos grandes acontecimentos, convocou a Guanabara para uma série de apresentações com os mais renomados e expressivos instrumentistas desse País. Reuniu no Rio, um grupo de aficionados e diletantes intransigentes da boa música, capazes de não medir esforços em prol do Chorinho. Pernambuco não poderia deixar de estar presente e passar em brancas nuvens. Assim, se fez representar com os seus mais ilustres representantes. Então se fizeram presentes: o professor José do Carmo, Francisco Soares - *O Canhoto da Paraíba* - que na época possuía a carinhosa alcunha de *Sacristão*, Conceição Dias, e João Dias. Todos músicos atuantes e exímios instrumentistas, juntamente

com Rossini Ferreira único bandolinista da empreitada, todos atuavam como solistas. Em pequenos e coloquiais festivais, as apresentações foram se multiplicando, como também, os encontros seresteiros e boêmios na residência do próprio Jacob do Bandolim, com convidados especiais, como: mestre Pixinguinha, o cantor Almirante, o instrumentista e compositor Paulinho Tapajós e o maestro Radamés Gnatalli, entre outros.

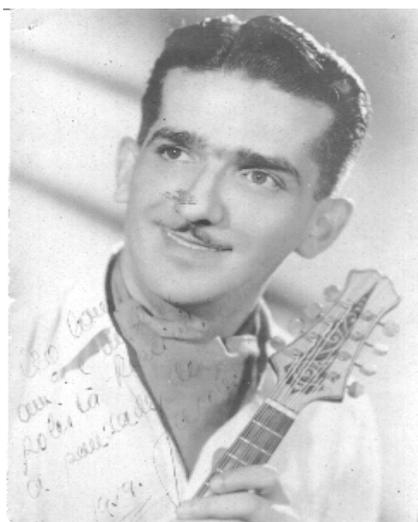


FOTO 2 - Ao bom amigo e melhor solista Rossini a saudade de Jacob 1959. (Dedicatória de punho para Rossini)

Nessa época Rossini já era autor de diversos títulos de aceitação popular (mas, ainda desconhecidos do grande público), algumas dessas músicas se perderam com o passar dos anos, pois o autor ainda não tivera a preocupação de escrever ou mesmo documentar muitas das suas criações. Mesmo, assim, marcou presença com muitas de suas obras. Por exemplo, o frevo “Lembranças de Recife”, chegou a merecer elogios de renomados críticos e músicos bandolinistas como Jacob, Evandro e Isaías. Pouco tempo depois “Lembranças de Recife”, viria a constar do disco intitulado “Clube do Choro” (1976) documentado pelo conjunto “Época de Ouro”, com solo do também bandolinista Deo Rian e foi também gravado, mais adiante, (1996) pelo bandolinista e admirador de Rossini, o exímio bandolinista Jorge Cardoso.

2.5.2 A viagem de jipe de Recife para o Rio

a)



b)



c)



FOTO 3 – Viagem de Jeep de Pernambuco para o Rio em 07/11/1959

FOTO 3a: do lado esquerdo Conceição Dias e Zé do Carmo, e do lado direito Rossini Ferreira, João Dias Canhoto da Paraíba, apontando para o pára-choque (Cheguei no Aro) sentada no meio-fio Melita.

FOTO 3b: de pé Melita, Zé do Carmo, Conceição e João Dias, Rossini Ferreira e agachado Canhoto da Paraíba.(OBS: Atentem para a bagagem na traseira do jeep)

FOTO 3c: da esquerda para a direita de pé: Melita, Zé do Carmo, Canhoto da Paraíba, Conceição Dias, João Dias e agachado, Rossini Ferreira

O mês era outubro, o ano 1959 os amigos e músicos nordestinos fizeram uma viagem para o Rio de Janeiro, a convite de Jacob do Bandolim, num jeep, de propriedade de João Dias, que durou, mais precisamente, cinco dias e cinco noites.

A largada foi do Recife, em 16 de outubro. O destino, Rio de Janeiro, casa de Jacob do Bandolim, lá chegando, em 20 de outubro de 1959.

Passaram lá, no Rio de Janeiro, dezessete intensos e musicais dias, onde se apresentaram nos mais variados locais, em situações as mais diversas, e por vezes adversas, sendo assim, apresentados à comunidade chorística carioca e paulista, ali presentes.

Não havia estrada asfaltada, tudo, era barro, poeira e pó. Tudo, fruto de um convite, de uma promessa. João Dias prometera ao amigo e também escrivão, Jacob do Bandolim, que levaria a sua trupe, de músicos pernambucanos, a sua casa em Jacarepaguá e, para cumprir essa promessa equipou seu Jeep Willys acoplado na traseira, do mesmo, uma caçamba¹, para levar as bagagens dos seus seis tripulantes: João e sua esposa Conceição Dias, Zé do Carmo e sua esposa Melita, Rossini Ferreira e Canhoto da Paraíba.

Por coincidência ou não o número da placa do Jeep era o mesmo número do telefone do cartório “Pragana” onde o João Dias trabalhava, placa de número 6722. Conceição Dias fez umas batatas para enfrentar a poeira da estrada. João Dias vestiu-se de cangaceiro, com chapéu e tudo (chapéu de couro, armas, cinturão de balas etc.) que pertencera a Sabino, cangaceiro de Lampião e, que lhe fora presenteado por um juiz amigo seu, o qual prendera o jagunço, isto com receio de alguma abordagem indevida (assalto) na estrada.

E o Jeep descerrava aquelas paisagens de xiquexique e mandacaru. O casal Dias na frente. Nos bancos de trás estavam: Zé do Carmo, Melita, Rossini Ferreira e Canhoto da Paraíba, que nesse tempo era magrinho, pesava 60 quilos.

2.5.3 Na casa de Jacob do Bandolim



FOTO 4 - Rossini num duelo com Jacó, acompanhados por Zé do Carmo

¹ Nas fotos acima, não consta a caçamba e sim um grande volume de bagagens, na hora “h” a caçamba não deu certo daí, utilizou-se a tampa traseira do Jeep

Como já foi dito, na casa de Jacob eram realizadas as mais famosas e respeitadas reuniões musicais (rodas de choro) do Rio, famosas pela sua organização e o alto nível dos músicos que ali se apresentavam. Jacob costumava gravar todas as músicas com títulos, ano de produção, nome, autor, parcerias etc. Havia um roteiro a ser seguido e respeitado, traçado por ele, Jacob. Tudo era sistematicamente planejado, documentado e arquivado. Havia dois momentos bem distintos. O primeiro: a música e o silêncio ou, mais precisamente, só música, sua audição e conseqüente documentação. Ai de quem quebrasse esse ritual. Por exemplo, à aquele que assim o procedesse, lhes era servido numa bandeja, um recado no qual constava a solicitação para que o mesmo, se retirasse do recinto. Num segundo momento era a algazarra, a descontração e aí tudo podia, tudo valia, tudo vírgula, evidentemente. Continuando, retomando o fio da meada, se apresentavam ali os mestres mais ilustres como: Pixinguinha, Dilermando Reis, Radamés Gnattali, entre outros e por fim eles vieram a conhecer o trabalho e a arte dos pernambucanos: Conceição Dias, Zé do Carmo, Canhoto da Paraíba e Rossini Ferreira.

Rossini ficou admirado com os músicos pernambucanos. Ficou estupefato com a maestria impecável de Canhoto da Paraíba, naquele período mais conhecido como “Sacristão”.

Em suma, toda essa trajetória que inter-relacionou aventura, música e amizade resultou num movimento fortalecedor do choro no Brasil, que, pode-se afirmar, teve na figura de Jacob do Bandolim seu grande mentor. Todavia, esse movimento, que podemos denominar como uma (re)significação do choro, influenciou e motivou músicos e apreciadores da música de diferentes contextos a criar, praticar e apreciar o choro. Assim, entendo que tal aspecto também foi um marco para a carreira de Rossini que, a partir desse período passou a se dedicar mais especificamente à performance e à composição do choro, sendo, inclusive, mais (re)conhecido no cenário musical do choro nacional.

CAPÍTULO III

HISTORIANDO ROSSINI

A história de vida de uma pessoa é aspecto determinante para a definição de sua inserção social, tendo uma influência em todos os aspectos culturais consolidados pelo indivíduo. Partindo dessa premissa, esse capítulo apresenta a trajetória de Rossini Ferreira, afim de contextualizar o processo e o universo formativo cultural e musical do compositor com a caracterização de sua carreira artística e composicional.

3.1 A infância e a música em Nazaré da Mata



FOTO 5 - O menino Rossini em Nazaré da Mata

No dia 19 de julho de 1919 nasceu na cidade de Nazaré da Mata, antigo município de Igarassu, em Pernambuco, Rossini Ferreira. Filho de uma família de músicos, o menino de Nazaré da Mata desde cedo despontou para o universo musical.

Distando apenas 65 km da capital pernambucana Recife, Nazaré da Mata, é pródiga em reunir manifestações culturais a exemplo dos maracatus e outras manifestações da cultura popular.

Rossini, que era chamado de Rossi pelos seus familiares e os amigos mais próximos, era filho de Antonio Sabino Ferreira Filho e Severina Etelvina Ferreira de Araújo, Teve quatro irmãos: Agripina Ferreira, a primogênita, carinhosamente chamada de *Mãe Tita*,

à qual dedicou a valsa homônima “*Tita*”, seria a responsável primeira pelos primeiros passos, musicais de Rossini. Petronila Ferreira, também carinhosamente chamada de “Tia Nila”, Eliodoro Ferreira e Antonio Sabino Ferreira Neto.

A sua irmã Agripina Ferreira “Tita” casou uma primeira vez com Samuel e teve uma filha de nome Éster que se casou com Ernesto Nazareth Filho - *o Nazarezinho* - filho do grande músico Ernesto Nazareth. Tita casou-se uma segunda vez com Gerson de Barros Pinangé, descendente dos índios Funiô, com quem teve dois filhos: Silvio Reis Ferreira Pinangé e Maria Isa Reis Ferreira Pinangé, coloquialmente, chamada de *Isa* que, por sua vez, concebeu oito filhos e um destes, a filha, de nome Gloria Marisa tem o sangue musical dos Ferreira nos filhos Tiago, Vinícius e, principalmente Robertson André Coutinho Ferraz que é compositor e músico, saxofonista e flautista (transversal), em Petrolina Pernambuco.

Petronila Ferreira *Tia Nila*, por sua vez, teve dois filhos: Guinemer Ferreira que foi um grande pianista em Pernambuco e Valdólrrio Ferreira Farias que é pai de Ceres Ferreira violonista e professora do conservatório no Rio de Janeiro e Danilo Ferreira, que foi integrante do *Tamba Trio e*, atualmente, mora no México..

Antonio Sabino Ferreira Filho, o pai, era compositor e compunha muitos dobrados e valsas. Tinha o hábito de presentear os amigos com as suas músicas através de dedicatórias, o que era voga naquele período e hábito esse, que Rossini adota mais tarde. Antonio Sabino Ferreira Filho era detentor de um acervo musical que, infelizmente, foi dizimado por uma das cheias que devastaram a cidade do Recife. Possivelmente deverá existir algum resquícios dessas partituras no acervo particular de algum homenageado ou ainda, no acervo da Banda de Música de Nazaré da Mata e adjacências, como também na metrópole recifense, onde militou musicalmente.

Pelo perfil acima traçado tem-se a percepção da musicalidade da família Ferreira em todas as suas gerações, ora expostas, as quais orbitam o universo Rossiniano.

Rossini ainda menino já externava aptidões para o envolvimento com a musica e com os instrumentos musicais. Sendo filho e neto de músicos, desde logo, se familiarizou com os instrumentos da “Banda de Música”. Seu avô e seu pai tocavam clarinete e, devido às suas familiaridades coma música e os instrumentos de sopro, foram profissionais e mestres da “Banda de Música de Nazaré da Mata”, de Carpina e de cidades vizinhas daquela região.

Pela influência, e de certo modo, imposição familiar, foi sendo lapidado em Rossini, paulatinamente, o gosto pela música, e assim, aos sete anos de idade, já era titular do trompete e saía tocando à frente da *Banda.de Música Euterpina Juvenil de Nazaré da Mata*, também chamada de *Capa Bode*.

Lembra Tia Nila.

[...] papai aprendeu música ainda muito pequeno e obrigava todo mundo a tocar. Lá em casa a família todinha tocava. Papai fazia a gente aprender música. Todo mundo tinha que aprender música. Os meninos todos tocaram naquelas bandas, quando eram pequenos.

Agripina Ferreira, Tita, tocava violino e bandolim. Rossini, na tenra idade, tinha curiosidade pelos instrumentos de cordas e costumava pegar, às escondidas, o bambolim da irmã para tocar. Ela não gostava nada disso. Não gostava quando ele tocava no seu bandolim, pois tinha uma mão ou palheta muito pesada e costumava quebrar as cordas, quando as feria com excesso e vigor. Ainda assim, segundo o próprio, furtava-o às longe da sua vista, e ia pegando uma vez aqui, uma vez ali, e foi tocando e foi ouvindo e aprendendo, tornando-se assim um autodidata e, por fim, dominando o instrumento:

[...] fui aprendendo assim quase um autodidata, não tive escola de música, naquela época não existia esse negócio de conservatório, era no ouvido, era no ouvido [...] (Acervo fonográfico da Fundação Joaquim Nabuco)

Esse modo de tocar, essa palhetada, o acompanhou em sua trajetória e já adulto e profissional, ainda costuma quebrar cordas e por vezes até palhetas, tal o vigor de seu plectro.

É também, nesse período que Rossini faz o curso primário na Escola Municipal em Nazaré da Mata que ficava na rua do (único) cinema da cidade.

E assim caminha na sua senda e, com oito anos, finda por convencer a sua irmã “Tita” e Rossini recebe, da mesma, um bandolim de presente, juntamente com algumas aulas de música. Adentra, então, na sua vida, o bandolim. E com este (o bandolim) e as primeiras aulas, são dados os primeiros passos, transformando em definitivo a sua trajetória.

Daí em diante passa a se interessar e se encantar pelo bandolim e, paulatinamente, vai deixando o trompete de lado e foi se distanciando, cada vez mais, da Banda de Música, até que se viu integrante de um dos primeiros, senão o primeiro, conjunto musical de Nazaré da Mata denominado “Gente da Terra”.

3.2 A adolescência na cidade do Recife



FOTO 6 - O adolescente Rossini

Alguns anos mais tarde, agora já com doze anos (1931), acompanha a sua família, por motivos profissionais e trabalhistas, mudando-se e passando a residir na cidade do Recife. Sobre essa mudança diz “Tia Nila”:

[...] nos mudamos para Recife porque papai achou de trabalhar lá, como músico. Ele veio tocar numa festa do governador, onde tocou um dos seus dobrados, e quando tocou bateram tanta palma...quiseram que papai ficasse logo para morar. Papai ficou emocionado. Então viemos todos para Recife (in loco).

A princípio, ainda menino, Rossini se depara com os percalços desta fase de ambientação, neste novo universo e, paulatinamente, vai se moldando ao mundo musical recifense. Após alguns contatos o jovem Rossini passa a interagir e a se relacionar com os músicos da capital, constituindo e integrando, com um grupo de rapazes, um conjunto que vem a ter a denominação de: conjunto musical “Bando Pernambucano”², grupo este que veio a fazer história em Pernambuco.

² O termo *Bando* é muito usado aqui no nordeste para grupo de pessoas animais ou multidão – tem também a conotação pejorativa de bandoleiros, bandidos.

3.3 A juventude e o conjunto *Bando Pernambucano*



FOTO 7 – O conjunto *Bando Pernambucano*

Este novo grupo musical, que ora surgia na cidade do Recife, se dedicava à execução das músicas da época, vigentes no nordeste e característicos da região como: cocos, emboladas, sambas matutos etc.

Esse foi um período de muita efervescência e fertilidade para o Grupo. Nessa época ouvia-se falar do Bando da Lua, dos Anjos do Inferno e outros, todos, mais precisamente conjuntos vocais. O “Bando Pernambucano”, de certa forma, se assemelhava a estes grupos mas possuía um estilo próprio nas suas músicas (toadas, sambas matutos, xotes, baiões), no figurino com as suas especificidades da terra. O Grupo logo ascende, e com rapidez, atinge meteoricamente a aceitação popular. O Grupo começa a se estabelecer com suas especificidades e valores e logo desperta e se faz perceber. Tem início uma nova trajetória, no meio artístico, o Grupo vai atravessando fronteiras. Os eventos e os convites vão se multiplicando e, dentre esses, desponta um em especial, que seria para a realização de uma temporada no centro-sul do País.

Esse convite aconteceu numa das apresentações do Bando Pernambucano na residência de Fileno de Miranda, que era o dono da Usina Catende. Estavam presentes, dentre os convidados, o conde Pereira Carneiro, proprietário do Jornal e da Rádio Jornal do Brasil do Rio de Janeiro, e que na época, tencionava difundir a música brasileira e a música do do nordestino. Na época encontrava-se como diretor artístico, da Rádio, o Maestro Francisco Mignone. A Rádio Jornal do Brasil transmitia, exclusivamente, música clássica. Mas resolve inovar, e daí, a direção da emissora principia um processo de exceção, procurando conquistar um público ainda maior, através da mostra da música de características nacional. Após uma campanha de esclarecimento, uma nova programação é lançada no ar.

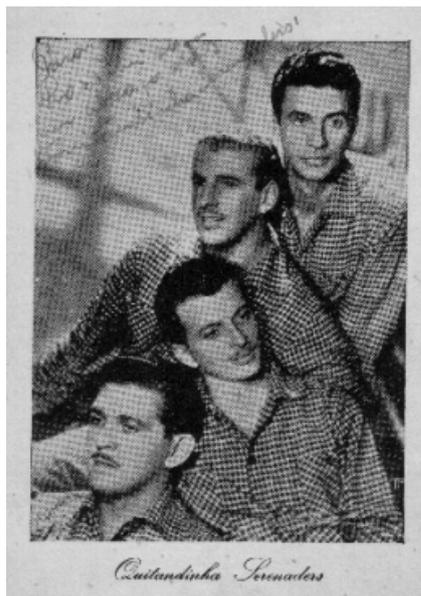


FOTO 8 - Para Rossini com um abraço dos “Quitandinha Serenaders”. (No tempo do Bando Pernambucano)

Esta apresentação, na casa de Fileno de Miranda, onde se fazia presente o Conde Pereira Carneiro, surpreende a todos com a sua qualidade, mesmo distando em muito do movimento cultural do centro sul do País. Estava também presente, nesta apresentação, o então Governador do Estado de Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti que se propôs a apoiar o Grupo na empreitada de fazer uma temporada no Rio de Janeiro, arcando com o ônus das passagens, ficando o Conde Pereira Carneiro responsável pelas estadias e gastronomias. Diz Rossini Ferreira sobre esta viagem:

Ficamos lá no Rio de Janeiro uma porção de tempo. Eu já com dezessete anos naquela época. Tocamos na Rádio Nacional, tocamos no programa A Voz do Brasil e fizemos uma série de coisas [...]. Passamos quase quatro meses no Rio de Janeiro, naquela boa vida [...]. Isso foi muito bom. Foi na época do Bando da Lua. Existia uma porção, depois veio os Anjos do Inferno, veio uma porção de conjuntos assim, tudo conjunto vocal. (Fundação Joaquim Nabuco – Acervo fonográfico).

A temporada do “Bando Pernambucano” foi um sucesso absoluto. Depois, de volta ao Recife o grupo faz, ainda, algumas apresentações e desfalece do meio artístico, tão célere quanto veio, sem maiores explicações ou notícias.

3.4 A Seguradora e a Rádio Clube de Pernambuco

Chegado então o fim da temporada do “Bando Pernambucano”, no Rio de Janeiro, o grupo retorna ao Recife e, mais uma vez, Rossini se defronta com a arrumação artística da casa. À princípio parece não ter sido difícil o restabelecimento da ordem para a reconquista da estabilidade e de um espaço no cenário artístico musical pernambucano.

Nesse período, a família Ferreira morava no centro da cidade do Recife, na Rua Padre Floriano, da qual sai durante o carnaval, o Bloco Carnavalesco *Galo da Madrugada*. É nessa época também ano de 1936, com dezessete anos, que Rossini inicia a sua atividade de labor, extra musical, e tem sua primeira experiência trabalhista, numa loja de eletro-eletrônicos chamada “Byton”, na Rua Nova, no centro da cidade de Recife. Logo em seguida passa a trabalhar na empresa de seguros “Seguradora Bahia” e por fim na Seguradora Dias Lins. Seguradora esta, na qual trabalha simultaneamente às suas atividades artísticas, até a sua aposentadoria, no início da década de 1980.

É também nesse período que Rossini faz o curso ginásial e o profissionalizante de técnico em Contabilidade, na Rua do Hospício, no centro da cidade do Recife.

É ainda nesse mesmo período, simultaneamente, quando já corria pela cidade, as suas qualidades de bandolinista e cavaquinho, que Rossini recebe, por intermédio do violonista José do Carmo, um convite do maestro Nelson Ferreira, então diretor da PRA-8 Rádio Clube de Pernambuco, para participar e integrar o regional da emissora. Nessa época, a Rádio Clube de Pernambuco estava no auge do seu pioneirismo e era uma das poucas emissoras da Região. Nesse período quem se encontrava à frente do Regional da Rádio Clube de Pernambuco era o Felinho.

Rossini passa então a integrar o regional. Quando da chegada de Rossini faziam parte do regional: Felinho (flauta, saxofone e coordenação), Rossini Ferreira (bandolim), José do Carmo (violão solo e acompanhamento), Benedito Santos (segundo violão), Osmundo Soares (cavaquinho), Zé Pitiu (pandeiro). Também fizeram parte deste Regional da PRA-8: Otacílio Feitosa (violão acompanhamento), Bibi (cavaquinho e violão) e Cláudio Souza (cavaquinho), entre outros. Estavam em toda programação da emissora. Não eram vinculados através de contratos de prestação de serviços, mas sim contratados como funcionários da Rádio Clube, de carteira e tal [...] como afirma Rossini Ferreira:

[...] Não éramos contratados não (prestação de serviços), éramos funcionários, na carteira, e tal [...]. Depois, com o surgimento da Rádio Jornal do Comércio, eu tive um convite pra ir para lá, essa coisa [...] Então a Rádio Clube melhorou a situação, pagou mais um pouquinho né? Melhorou meu ordenado e tal [...]. Foi bom como o diabo pra gente [...]. Com a concorrência, a Rádio Clube providenciou logo um estúdio melhor e fez lá aquele prédio novo, compreendeu, senão [...]



FOTO 9- Rossini ao bandolim e Zé do Carmo ao violão dinâmico, na Rádio.

Nessa época, a Rádio Clube contava com um departamento de rádio e teatro, musicoteca, duas orquestras e o regional de Felinho. Diz o radialista, produtor, redator, apresentador, comediante e contador de “Causos” Aldemar Paiva:

[...] Nesse regional de Felinho, que contava com os violões de Benedito Santos e Zé do Carmo, além da flauta e do saxofone de Felinho, nós tínhamos a presença já brilhante do bandolinista Rossini Ferreira. Trabalhamos juntos durante algum tempo [...]. Nessa época a Rádio Clube fazia diversos programas de música e, dentre eles estava “O Clube das Cordas”, de onde vinha muita gente das redondezas, das cidades satélites, que tocavam violão, bandolim. Era uma festa nesse dia. A Rádio Jornal do Comércio, por sua vez, também tinha um programa nessa linha: “Quando os violões se encontram” (antagonista de “O clube das Cordas”) onde tinha convidados como: Ernani Reis, Luperce Miranda (muito amigo de Rossini com o qual tocou muitas das vezes, não só com ele mas com o Nelson Ferreira também) entre outros [...] e esses programas rivalizavam pela disputa de público e audiência.



FOTO 10 - “Festa no Varandão” – Aldemar Paiva (ao centro) e Rossini com seu bandolim.

As rádios tinham programas tipicamente regionais e concorridíssimos como é o caso do programa da Rádio Clube “Festa no Varandão”, por exemplo. Afirma Aldemar Paiva:

[...] Rossini se integrou ao Rádio clube de Pernambuco onde eu já me situava como diretor artístico. Nesse cargo passei vinte anos. Juntos nós realizamos algumas produções memoráveis, inclusive uma tipicamente regional chamada de “Festa no Varandão”. Mais adiante, o regional da Rádio Clube passou a ser comandado por Rossini Ferreira. Felinho já não se encontrava mais entre nós. Rossini era o bandolinista do regional, Pitio o pandeirista, Zé do Carmo e Benedito Santos os violonistas e o cavaquinista era o Osmundo Soares, que era muito querido e famoso. Nós concorriamos com os grandes astros e estrelas que visitavam a Rádio Jornal do Comércio. Às quartas-feiras à noite chegavam os caminhões, das adjacências, dos municípios mais próximos, das fazendas, dos bairros e então tínhamos um auditório gigante, superlotado, para assistir “Festa no Varandão”. Eu me lembro que Rossini tinha um chorinho “Domingo Alegre”, que executava sempre no programa “Miscelâneas Sonoras de José Édison”.

3.5 A morada no Rio de Janeiro

Engajado profissionalmente, na empresa de seguros, a Seguradora Lins, do Grupo Empresarial Armando Monteiro recebe da mesma, por desfrutar de alto conceito e estima por sua capacidade e integridade, uma solicitação imperativa para uma atividade no Rio de Janeiro. Proposta esta que envolve muitas decisões e responsabilidades, com a música, com a família com a carreira num todo.

E assim, por ser funcionário de grande responsabilidade e integridade tem a confiança da empresa e assume a incumbência de fazer uma auditoria na sucursal, da seguradora, no Rio de Janeiro. Empreendimento que para coordenar com maestria se faz necessário ir morar lá, no Rio de Janeiro.

Daí afasta-se da cidade do Recife e das suas atividades artísticas, na Rádio Clube transferindo-se e fixando moradia no Rio de Janeiro, lá permanecendo por quinze anos, do ano de 1969 até o ano de 1984.

Rossini já havia visitado o Rio por outras vezes e uma das vezes é aquela que fez com a trupe nordestina em 1959, ha exatos dez anos atrás, para a casa de Jacob do Bandolim. Logo, chegando ao Rio, logo e logo, se integra à vida musical carioca e ao convívio dos grandes amigos do choro. Depois de um período de entrosamento com outros músicos, também amantes do choro, se reunindo aqui e ali, com certa regularidade, se unem em torno de um consenso e desponta no meio artístico com o conjunto “*Amigos do Choro*”, onde faz valer o seu talento, tirando com sua palheta firme e segura o som romântico que lhe é peculiar.

Com o grupo participa de diversos eventos musicais, programas de rádio e televisão numa atividade profissional musical intensa. Diz Gloria Marisa: “Quando ele chegava no Rio ficava ativo porque lá não faltavam convites. As pessoas se reúnem sempre. Estavam sempre se reunindo. Ele não parava da hora que chegava até [...]”.

3.6 Chorando com os Amigos



FOTO 11- O conjunto “Amigos do Choro” - de pé: Wilson Dias da Cunha (pandeiro), Carlos Eduardo de Souza (violão), Adoniran Pinto Borges (violão de 7 cordas), Nilza Peixoto de Oliveira (afoxé), Jair Justino de Oliveira (violão). Sentados: Gerson Ferreira Pinto (flauta), Altair Manoel dos Reis (cavaquinho) e Rossini Ferreira (bandolim).

A história do Grupo tem início em 1966, ainda sem Rossini, quando um grupo de amigos, que se reúnem e tocam juntos, aprioristicamente, e tão somente, diletantismo de tocar e de ouvir esse gênero, um tanto e quanto fora da mídia ou da moda, naquele momento: O choro. E assim, vão se multiplicando os encontros e as toçadas.

Nesse movimento, nesse vai e vem, de Rossini ao Rio de Janeiro e, principalmente naquela viagem de 1959, Rossini planta muitas amizades dentro do universo chorístico, o que facilitou, e em muito, o entrosamento para o relacionamento e efetivação dos trabalhos no meio artístico. Assim, quando fixou morada no Rio, não teve muita dificuldade em consolidar o sonho. Lembra Rossini:

[...] eu deixei bons amigos lá no Rio de Janeiro nessa visita [à casa de Jacob)] fui apresentado a muita gente da roda musical do choro e tive a oportunidade de conhecer muita gente e isso me ajudou muito. Quando eu voltei para morar no Rio eu já não cheguei tão estranho [...] foi muito bom [...]

Mais tarde, após muita luta, em 1972, é que o Grupo se moldando e se estruturando. Dois motivos foram cruciais para a formação e efetivação do Grupo: os incentivos dados pela pianista Maria Alice Saraiva e o local dos ensaios oferecidos pela Academia de Música Fernando Azevedo. E assim, viria à luz esse conjunto que se destacaria e marcaria presença nesse período de renascimento do choro.

Nos primeiros passos sempre são difíceis. Os meios de comunicação, praticamente inexistentes para o grupo. Mas, persistiam tocando em reuniões, casas de amigos e em outros convívios interno, dos seus componentes.

É no Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio de Janeiro, onde se dá o primeiro e feliz encontro de “amigos do Choro”, através de Gerson, flautista do grupo, com o pesquisador e musicólogo Ari Vasconcelos e que viria a modificar radicalmente o seu trajeto. Nesse período Ari Vasconcelos acabara de conseguir um dos seus grandes feitos da sua vida, segundo o próprio: a compra do arquivo de Jacob do Bandolim para o MIS do Rio e assim se expressa:

[...] foi talvez o maior triunfo da minha vida, devotada em sua maior parte à música popular brasileira, convencer a Cia. De cigarros Souza Cruz a adquirir e doar àquela instituição cultural, o arquivo de Jacob do Bandolim, especializado justamente em choro e cujo destino preocupava a todos os estudiosos da matéria [...]

Gerson procurou o Ari no MIS pois pesquisava sobre o choro. Foi aí que Ari ouviu pela primeira vez falar do grupo “Amigos do Choro”. E quando então começa a

organizar a “Semana Jacob do Bandolim” – um marco histórico da música popular brasileira, pois constituir-se-ia no ponto de partida do renascimento do choro – convida o conjunto Amigos do Choro para se apresentar em uma das noites, como astro desse dia.

Ari faz o convite sem muita convicção, o faz às escuras, pois ainda não conhecia, não havia escutado o Grupo.

Alguns dias após de ter efetivado o convite, Gerson o convida para assistir o grupo numa *Roda* em casa de amigos, e consegue leva-lo ao bairro de Santa Tereza, onde estava acontecendo à festa. É aí então que Ari Vasconcellos tem a oportunidade de ouvir o Grupo e assim se expressa depois de desfrutar desse momento ímpar diz Ari:

[...] Saí dessa festa com os ouvidos ainda embebidos em choro da melhor qualidade e com a certeza de que o grupo não comprometeria, mas pelo contrário, seria um dos pontos altos da Semana Jacob do Bandolim. E então Grupo se apresenta no MIS, para um grande público, formado quase que exclusivamente por jovens, no período, entre 16 e 22 de junho de 1975, sob inúmeros e calorosos aplausos. Altamiro Carrilho, Niquinho do Acordeon, Abel Ferreira, A Fina Flor do Samba, Berredo, Ademilde Fonseca, Elizete Cardoso, Maria Alice Saraiva, Deo Rian, Época de Ouro e [...] LAST BUT NOT LEAST [...]. “Os amigos do Choro”.

E não fica só por aí, a aceitação do grupo. Cresce, e mais e mais, o seu reconhecimento e o seu sucesso não param. Diversas foram as apresentações que se sucederam. Descortinam-se, assim, os horizontes. É como se o céu se abrisse e o sol realmente brilhasse através de uma fresta que medra, pouco a pouco para todos, também, para os Amigos do Choro. Em meados de 1977, o musicólogo e pesquisador, Ari Vasconcelos, é interpelado por uma solicitação do maestro Marlos Nobre e de Gilberto Lannes pra que o mesmo faça uma indicação de um grupo de choro para se apresentar no programa “Concertos para a Juventude” (TVE/TV Globo) e de pronto ele recomenda “Os Amigos do Choro” e o resultado, como era de se esperar foi realmente maravilhoso. Para os “Concertos para a Juventude” foram apresentados dois Tapes e em datas distintas: o primeiro em 04 de setembro de 1977 e o segundo em 12 de fevereiro de 1978. E assim, diversas outras solicitações e apresentações em TVs, foram se sucedendo, a exemplo do programa Fantástico (07/08/1977) e do programa Levanta a Poeira (TV Globo Rio de Janeiro - 25/02/1978).

A caminhada e o sucesso do grupo perdura, por um bom tempo, daí com a perda de um dos seus membros, o cavaquinista Altair Manoel dos Reis, o Reizinho, o Grupo se abala e tem início o processo de desestruturação e derrocada do Grupo que, paulatinamente, vai desaparecendo, como a luz de uma vela que, aos pouco, se apaga.

3.7 O brilho dos anos de 1970, no Rio



FOTO 12 - De pé: Marco César e Rossini, sentados: Orlando Silveira e canhoto (do cavaquinho)

A década de 70 foi um período de muita fertilidade e reconhecimento para Rossini Ferreira e sua obra. Logo de início, na primeira metade de 1977, no Concurso que para o “Melhor conjunto de choro e melhor choro inédito”, realizado pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, no Teatro João Caetano, obtém o prêmio de primeiro lugar [com distinção e troféu] tanto para o *melhor choro inédito* como para o de *melhor conjunto de Choro*, isto com o conjunto *Amigos do Choro*. Na categoria de choro inédito, com a composição “*Recado*” e na categoria de conjunto de choro, com o conjunto “*Amigos do Choro*”. Com a sua arte, a sua música, Rossini começava a conquistar o Brasil. O choro “*Recado*” foi defendido pelo conjunto “Galo Preto”, que também fez a documentação em disco do mesmo.

Não tardou muito e, ainda neste ano de 1977 desponta com outra grande façanha quando vem a ser detentor do primeiríssimo lugar no I Festival do Choro Brasileiro—denominado de Brasileirinho, realizado pela TV Bandeirantes em São Paulo, com o chorinho de sua autoria “*Ansiedade*”. Vale salientar que o choro “*Ansiedade*” concorreu com 1.200 outros chorinhos, arrebatando o primeiríssimo lugar, concorrendo com grandes nomes da MPB, como Sivuca, detentor do 2º lugar, tamanho o nível do Festival. Além da premiação a música vem a constar como destaque do disco “O fino do Choro” da TV Bandeirantes. Logo em seguida, é gravada também por renomados artistas e Grupos, como por exemplo: o

flautista “Altamiro Carrilho” no disco “LP” Antologia do Choro Vol. 2, pelo Grupo de choro “Os Carioquinhos no Choro”, onde despontava o virtuose Rafael Rabelo.

No ano seguinte, em 1978, faz a gravação para a RGE/Fermata do seu primeiro LP, com o conjunto “Amigos do Choro”, ainda um vinil “LP” de 33 rpm, com título homônimo. Nesse disco, sete das composições apresentadas, são de autoria de Rossini (ver discografia).



Foto 13 - Ao grande amigo e chorão Rossini Ferreira, com o abraço do conjunto “Atlântico” - Isaías do bandolim, Otávio, Jaime soares, Waldomiro, Waldir Guide, Bitelli e G.B.Almeida

Simultaneamente às apresentações, o grupo se apresenta, ainda, na “Feira do Choro”, no Museu da Imagem e do Som e no Planetário da Gávea.

Após término do conjunto “Amigos do choro” sempre de posse do seu inseparável bandolim, Rossini Ferreira integrou o grupo de cordas que acompanhou o mestre Cartola no teatro Clara Nunes no show “Outra vez Cartola”. Rossini recebe convite do maestro Orlando Silveira e se apresenta no IBAM³ com o conjunto regional de “Canhoto”. Vem a reativação do Clube do Choro no Rio de Janeiro, abrindo, mais uma vez, o espaço para os profissionais das cordas dedilhadas.

Rossini é laureado com placa de prata por sua participação no II Festival do Choro e no Clube do Choro em Niterói. Em seguida toca na Sala Sidney Miller, da Funarte dentro da série Instrumental, da qual participa Ademilde Fonseca, a Rainha do Chorinho.

³ O Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) foi criado em 1 de outubro de 1952 na cidade do Rio de Janeiro com o objetivo de fomentar o movimento municipalista no Brasil.

3.8 Visitando Olinda e Recife, despontando nos festivais

Rossini Ferreira voltou ao Recife, em 1983, desta feita, convidado para a instalação do Clube do Choro de Olinda, e como grande representante do choro pernambucano, não poderia deixar de marcar presença neste momento importante para o choro olindense e pernambucano.

Com a parceria poética de Ana Ivo participa do “I Festival MPB Itaú Fundarpe de Música”, realizado no Pátio do Mosteiro de São Bento, em Olinda em março de 1984, sendo detentor da 3ª Colocação com a música “*Maria Angélica*” onde a cantora Dalva Torres, além da interpretação, consagra-se como melhor intérprete.

Mais adiante, ainda com esta feliz parceria com a poetisa Ana Ivo, poeta letrista de diversos de seus choros, detentores de premiações em festivais, choros como: *Novos Rumos*, *Maria Angélica*, *Cinema Mudo*. No então “Festival Pernambuco Música Hoje”, foi detentor do primeiro lugar com a música “*Cinema Mudo*”, uma valsa, a qual Paulo Fernando Craverro cognomina de *Valsa Chapliniana*, segundo a conotação e intenção da poetisa e também artista plástica Ana Ivo. Também participa do “Carrefour Festival”, fazendo parte do disco, produto final deste, também com esta música “*Cinema Mudo*” e sempre com a interpretação da cantora Dalva Torres (a intérprete preferida de Rossini) e neste festival (Carrefour) com o acompanhamento da Banda Carrefour (flauta e sax: Paulo Garfunkel, trompete: Cláudio Faria, teclados: Sérgio Sciotti/Marcelo Zanettini, baixo/flauta: Derico sciotti, guitarra/baixo: Sérgio Bello, bateria: Christiano Rocha, regente: Marinho Boffa) tendo o bandolim de Rossini Ferreira na introdução, na coda e no contraponto, e o violão de sete cordas, de Ewerton Brandão (o Bozo), além do arranjo e regência de Marinho Boffa.

3.9 De volta e de vez em Pernambuco: A “Dedilhadas de Pernambuco”

Rossini, muito querido e respeitado, em Pernambuco, além de nutrir um grande carinho e forte relação pela cidade do Recife. Sabedores da sua liberação da empresa [aposentadoria], e com o apoio de amigos como Dr. Gilberto Marques Paulo e o violonista Henrique Annes, recebe o convite para atuar junto ao Conservatório Pernambucano de Música como professor e, paralelamente, vir a ser um dos membros da Orquestra de Cordas

Dedilhadas de Pernambuco, integrando o naipe dos bandolins, juntamente com Marco Cesar e Ivanildo Maciel.

Com a *Orquestra de cordas dedilhadas de Pernambuco* fez diversas apresentações e circuitos. Apresenta-se por várias vezes, na sala Sidney Miller. Grava discos, os últimos com o apoio da Funarte-Rio. Com o amigo e violonista Canhoto da Paraíba participou do show *Quinze anos sem Jacob do Bandolim*. Apresentou-se, ainda, no evento *Recife e seus Artistas Populares*, também, no programa da Globo “*Música para Todos*” entre outros.

3.10 Chorinho do Capibaribe

Numa dessas andanças pelo sul, com A Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco, recebe convite para a gravação de mais um disco, aproveitando o ensejo de estarem no Rio, desta vez em parceria com Henrique Annes e grava pela “Arcasom” o disco intitulado: “*Chorinho do Capibaribe*”. O jornalista Roberto M. Moura, melhor do que ninguém expressa e historia esse momento, na contracapa do disco *Chorinho do Capibaribe*:

Mais de um século depois de ter consolidado uma linguagem musical essencialmente brasileira, o choro ainda é capaz de se mostrar novo e criativo, como neste disco que em magnífica hora está sendo lançado. Por ser o gênero musical mais refinado que nós temos, o choro tem sempre o privilégio de acolher entre os seus cultores os maiores talentos dentre os instrumentistas de cada geração, nascidos em qualquer um dos oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados do Brasil. Se do ponto de vista da execução, novos nomes surgem sempre, depurando estilos, terçando improvisos, criando modulações que fazem soar de forma diferente até melodias consagradas pelo cantarolar do homem da rua, o fato é que não se tem notícia de um LP de choros inéditos, que tal como este, tem todas as condições de ser colocado na mesma prateleira onde estão por exemplo, Pixinguinha, Jacob do Bandolim ou Villa-Lobos. Para o público que acompanha o choro, a citação do nome de Rossini Ferreira, bandolinista pernambucano, decifra a metade da esfinge. Levam a sua assinatura sete faixas desse disco. As outras seis, são de Henrique Annes, também pernambucano, mas violonista. Ambos integram a Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco, que não faz muito tempo andou deslumbrando o Sul-Maravilha. Foi a partir dessa viagem que este disco começou a nascer, muito dentro daquele espírito do próprio choro. Há entre os músicos um sentimento imanente de camaradagem e, no choro especialmente, quando eles se juntam é praticamente impossível que cada um não desembainhe seu instrumento em clima de sarau e saudável competição. Terminada a temporada na Sala Funarte-Sidney Miller, no Rio de Janeiro, alguns membros da Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco deixaram-se ficar no Rio, ao sabor dos encontros com os chorões cariocas. O resultado aí

está – e é imbatível. Rossini e Henrique, juntos com João Lyra, Marco César, Mário Moraes Rego, Marcos Silva Araújo, Ivanildo Maciel e Passarinho, juntaram-se ao maestro Ugo Marotta e ao brasileiríssimo Chiquinho do Acordeon para produzir este disco que abre esplendidamente a temporada fonográfica de 1985.

A não ser a percussão e o clarinete, os demais instrumentos dos músicos nordestinos são de cordas. A felicidade de somar seus timbres com a riqueza cromática da flauta synt de Ugo Marotta e à suavidade do acordeon de Chiquinho acrescentou às músicas de Henrique e Rossini um brilho inesperado. Um sabor inclusive desconhecido do público que aplaudiu a Orquestra de Cordas Dedilhadas, no Rio. Observe-se o clima de absoluto respeito com que a flauta e o acordeon “entram” na música de Henrique e Rossini Ferreira sem em momento algum modificar-lhe o sentido ou a intenção. Bandolim, flauta, clarinete e acordeon, ao contrário, parecem tão sintonizados entre si, tão entrosados, que a única coisa difícil de acreditar neste disco é que, antes, esses músicos jamais tivessem tocado juntos. Por exemplo, no choro que abre o disco, “*Lembranças de Gravatá*”, Rossini expõe o tema no bandolim e Ugo apresenta um solo-improvisado. Na belíssima “Raio de Sol” depois de uma exposição de Chiquinho do Acordeon, modulações inusitadas correm por conta do bandolim de Rossini. Há momentos no disco em que o clarinete surge em contrapontos, como em “Devaneio”, enriquecendo ainda mais a delicadeza dos solos de bandolim e acordeon. No amálgama das sonoridades dessas doze polegadas, sucumbem todos os regionalismos, todos os sotaques. Além da delícia do encontro, o que resta tem identidade definida: é o Brasil.

Logo a seguir, em Recife, participa da gravação radiofônica do programa *Memória da nossa gente* da Fonoteca da Fundação Joaquim Nabuco com a colaboração do Centro de Produção de Rádio da Universitária de Pernambuco, sob a direção de Renato Phaelante, para a divulgação do disco “Chorinho do Capibaribe”, onde Renato Phaelante aproveita o ensejo para conhecer um pouco mais sobre a vida de Rossini. Participa ainda do “Projeto Pixinguinha” e foi, também, um dos finalistas do “Festival dos Festivais” da rede globo de televisão, cuja música “*Novos Rumos*”, com poesia de Ana Ivo e a interpretação de Cida Moreira, foi aclamada pela crítica (a música teve alusões a Greshwin e a Cartola) e é um dos sucessos do LP promocional do Festival.

Neste mesmo ano de 1984, quando do seu regresso para Pernambuco, Rossini recebe calorosas homenagens. Participa de vários recitais como o show “Cerca viva” no Teatro do Forte (às 20hs, em 15, 16, 17 e 18 de março de 1984) numa promoção da Fundarpe e do Museu Cidade do Recife. No dia 23 de março do mesmo ano de 1984, participa do “I Festival Itau Fundarpe de Música Popular” (às 21hs no Largo do Mosteiro de São Bento, em Olinda). Logo adiante é homenageado (em 9 de setembro de 1984, às 20hs) pelo Conservatório Pernambuco de Música, no evento denominado *Homenagem à cultura viva de*

Pernambuco. Participa também do show em sua homenagem *Novos Rumos*, no Teatro do Parque, em 26 de setembro de 1984, às 20hs.

Além da apresentação de trabalhos, com a Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte, Minas Gerais. Festival de inverno de Ouro Preto, Free Jazz Festival no Rio, Concertos na sala Cecília Meireles.

3.11 Com a “Orquestra de Cordas Dedilhadas” na Europa



FOTO 14 - Rossini na Europa com a *Dedilhadas*..

Em 1985 Rossini vai a Europa, com a Orquestra de cordas Dedilhadas de Pernambuco, como representante do Brasil nas festividades do 4º centenário da batalha de Aljubarrota, na cidade de Batalha em Portugal.

Rossini vai outra vez à Europa, desta vez com o Projeto “Cumplicidades”, patrocinado pelo Consulado Português, no contexto de um show denominado *O Criador de Causos* de Aldemar Paiva. Era desenvolvido por Aldemar alinhavado pelas músicas de Rossini e Aldemar com a participação de Dalva Torres e Bozo e uma trilha sonora excepcional, produzida e gravada pelo maestro Clóvis Pereira, que servia de play-back durante todo o espetáculo, ao longo do show. Assim se expressa Aldemar Paiva:

Dalva cantava as músicas de Antonio Maria, num monólogo que eu tenho: Monólogo para Antonio Maria, com esta orquestração, esta partitura especial de Clóvis onde ele abria os espaços para o bandolim de Rossini. Dalva de vez em quando ainda canta com essa trilha sonora. Ela tinha um número primoroso que era aplaudido de pé que era o “Cinema Mudo”, de Rossini Ferreira e Ana Ivo, que ela fazia a caráter, fazia de melindrosa.



FOTO 15 - Dalva, Bozo, Rossini, Ritinha, Angelita, Aldemar: *O contador de Causos*.

3.12 Primeiro disco solo: “Choros Românticos”

Após todo esse trajeto Rossini grava, em 1994 o disco “Choros Românticos” numa produção conjunta com Valter G. Santos, também grande baluarte na luta pela divulgação e reconhecimento da obra de Rossini. Este é o seu primeiro disco “LP” solo e recebe da crítica especializada inúmeros elogios, em todo país, por esse trabalho editado pela RGE/Fermata. Nesse disco todas as músicas são inéditas e de sua autoria: 1 – Chorando com Wilson Maria / 2 – Lúcia Batista / 3 – Romântico / 4 – No meu tempo era assim / 5 – Poesias do Aldemar / 6 – Josete / 7 – Novos Rumos / 8 – Dr. Menna / 9 – Fascinante / 10 – Samira / 11 – Foi um Sonho / 12 – Tristeza de um carnaval / 14 – Um alô para o Six / 15 – Raio de Sol. Tem o acompanhamento de Tony Azevedo nos violões de seis e de sete cordas, Márcio Almeida no cavaquinho (Marcio do cavaco), Darly Guimarães no pandeiro e Rossini, evidentemente ao bandolim. Sobre a produção deste disco diz Valter Santos [contracapa do disco *Chorinhos Românticos*]:

A idéia surgiu do interesse do próprio Rossini que reclamava que não tinha como realizar um disco, devido as dificuldades naturais do mercado fonográfico brasileiro. Foi então que surgiu a idéia de bancarmos a gravação do disco de Rossini. Em principio foi feito orçamento para a prensagem de 1000 discos LP, 1000 fitas cassetes (ainda se usava) e 1000 CD. Foi contratado o estúdio Havai no Rio de Janeiro, por recomendação do próprio Rossini que já havia gravado naquele estúdio. Tratava-se de um estúdio antigo muito bom, com excelente aparelhagem. Em contatos com o Sr. William Luna, proprietário do estúdio, iniciamos as gravações. Rossini fez os arranjos na hora e convidou os seguintes músicos: Tony (violão de 7 cordas), Marcos Hulk (cavaquinho), Darly (pandeiro) e Tony na dobradinha de violão de seis cordas. Todas as faixas foram gravadas em um só dia. Todavia, enquanto a qualidade da gravação ficou muito boa, a prensagem deixou muito a desejar, uma vez que o estúdio não tinha máquinas para fazê-lo, necessitando recorrer a terceiros. Como eu não tinha tempo de ficar acompanhando a prensagem, deixamos tudo por conta do proprietário do estúdio, e lamentavelmente não foram prensados os CD. Foram fabricados mil discos LP, e mil fitas cassetes. Os discos foram distribuídos em lojas do Rio de Janeiro e Espírito Santo, com muita dificuldade, pois pouca gente conhecia o artista Rossini. Uns pensavam que eram banda de forró, outros pensavam que eram de pagodes, enfim, o retrato da cultura brasileira. Outro fato importante que afetou a vendagem foi a falta de divulgação nas rádios, uma vez que, apenas as grandes gravadoras tem recursos financeiros para bancar a publicidade na mídia, e custa muito caro. Eu mesmo levei o disco do Rossini no Programa da Radio Nacional, aos domingos, que toca musica brasileira, serestas, etc, e teve grande repercussão, recebi vários telefonemas e consegui vender bastante. Infelizmente o total das vendas não cobriram os custos de produção. Como foi um projeto piloto, sem nenhuma estrutura de divulgação por trás, o objetivo final não foi propriamente comercial, mas deixar gravada para a historia da musica brasileira, uma pequena parte da obra deste mestre que foi Rossini Ferreira. Até hoje me procuram para saber se encontram o disco do Rossini. Eu ainda tenho alguns exemplares e quando alguém me encomenda eu faço cópia em CD, do disco.

Três anos após a gravação de “Choros Românticos” Rossini Ferreira grava o quarto disco, sendo o segundo solo, agora em “CD”, intitulado “Um alô para o Six”. Este disco é uma homenagem ao grande amigo cavaquinhista, hexadactílico, Francisco de Assis Carvalho da Silva. Nesse disco o Assis executa duas músicas de sua autoria uma “Um maxixe par Serginho” em homenagem ao Sérgio esposo de Jaira Paes e Rossinando, uma homenagem a Rossini.

Esse disco na realidade é a junção do disco “Choros Românticos”, adicionado de cinco novas músicas: Jaira, Choro Íntimo, Um chorinho pra Letícia, Um maxixe pra Serginho e Rossinando e mais duas regravações que são: Raio de sol e Um alô para o Six. Atesta Valter Santos:

A segunda produção foi realizada pela Kuarup Discos, através do seu Diretor-Presidente Mario Aratana. Com o consentimento do Rossini, cedi os direitos de gravação para a Kuarup prensar outro disco, no caso seria CD, acrescentando musicas do Francisco de Assis, o Six. Essa produção eu não participei ativamente, apenas cedi a fita master da gravação do estúdio Havai, a qual foi utilizada para elaborar o CD.

3.13 A tristeza dos últimos dias

Nos últimos tempos, final dos anos 90, já com perda da agilidade, com lapsos de memória e também com um pouco de “Parkson”, o que gerava certa insegurança, Rossini se furtava e não queria mais tocar. Com muito custo tocava para os amigos mais chegados e para os familiares mais próximos. Como se não bastasse, vem somar-se a tudo isso o afastamento dos amigos músicos, que se profissionalizaram e buscavam um mercado remunerador e assim foram ficando escassas as reuniões, as tocadas, os saraus.

Rossini começa a se sentir à parte, abandonado e magoado recusava os poucos convites de admiradores e amigos para tocar. É tanto que se desfez dos seus bandolins. A amiga e parceira Ana Ivo se lembra de certos desabafos de Rossini em sua casa:

[...] nos últimos dias de vida ele me disse que ia vender os bandolins por que não tava sendo chamado pra tocar. Ele disse: Não é que eu esteja precisando do dinheiro do bandolim mas eu não posso ficar olhando pra o meu bandolim sem ter a possibilidade de tocar pra ninguém”.

3.14 Os dias de melancolia

O neto de Rossini, Leonardo Espínola Carneiro lembra que ele era uma pessoa alegre, gostava e vivia a tocar, sentado na varanda, o seu bandolim E assim, amanhecia e anoitecia. Lembra Leonardo: “Tínhamos tudo o que queríamos dele mas, havia sempre alguma argumentação. Na última semana ele ficou indiferente. Não contestava nada do que pedíamos ou fazíamos [...]”

A irmã Nila recorda:

Uma semana antes do seu adeus ele preparou um almoço para nós três, em seu apartamento, eu, Isa e Glória Marisa. Nós fomos e eu não esqueço, ele na janela dando chau par gente. Parece que ele estava sentindo, estava se despedindo, pois ele nunca fez isso antes, de ficar na janela. A gente de longe e ele dando chau. Eu bem baixinho cantando uma valsinha chorando com saudade dele.

3.15 O último adeus

Rossini Ferreira não se sentia muito bem, naquela tarde de segunda-feira, do dia 28 de fevereiro de 2000, por volta das 15 horas, respirava com dificuldade, lembra Leonardo.

Adonis, seu irmão, e um amigo deste, levaram-no até a unidade do Unicordis do bairro de Boa Viagem, onde havia uma consulta marcada para mais tarde. No entanto, o músico não pode ser atendido, em caráter de emergência por causa de um suposto limite de cobertura do plano de saúde. Foram então para o hospital Osvaldo Cruz.

Chegando ao hospital público Osvaldo Cruz, a espera foi grande. Como já estava quase na hora da consulta no Unicordis, retornaram para Boa Viagem. Lá, Rossini foi submetido a um eletrocardiograma e, quando estava preste a ir embora, teve outro ataque cardíaco, desta vez fatal.

De acordo com Leonardo suas últimas palavras foram: *“vai ficar tudo bem...”*

No ano e no dia bissexto, dia 29 de fevereiro de 2000, ainda início do terceiro milênio, às 11 horas da manhã, numa terça-feira, no Campo Santo de Santo Amaro, num choro em uníssono, foram prestadas as últimas homenagens ao amigo e mestre do bandolim, Rossini Ferreira.

3.16 O símbolo incólume: O Bandolim

O Rossini externava querer que ficassem com amigos Marco César e Wilson Maria os seus bandolins, o que se deu em parte.

Em Pernambuco, o bandolinista e amigo Marco César guarda, ainda hoje, com muito carinho e, por vezes, se apresenta com o bandolim com o qual ele ganhou o I Festival Nacional do Choro (Brasileirinho) e fez a maioria das suas músicas.

Lembra Marco César:

Ele influenciou vários músicos, como Jorge Cardoso, Pedrinho Amorim, no Rio, Eu (Marco) e Adalberto Cavalcanti, aqui no Recife”. Diz ainda: “Jacob do Bandolim dizia que *um dia Rossini iria assombrar o Brasil*. E assombrou, quando ganhou o 1º Festival Nacional do Choro”. Prossegue Marco: “Nesses últimos tempos, foi um dos maiores compositores para o bandolim, pois conseguia caminhos harmônicos que ninguém conseguia.

Na Paraíba com o amigo Wilson Maria, deveria ter ficado o outro bambolim de Rossini mas, lembra Wilson: *“no período que a família me ofereceu o bandolim não pude*

ficar com o mesmo por força maior. Findou por ficar sob a guarda do cavaquinista de Campina Grande-PB, Duduta, que é também Luthier. Confeciona e coleciona instrumentos que pertenceram a celebridades como o bandolim de Rossini Ferreira, um dos violões que pertenceu a Rafael Rabelo.

CAPÍTULO IV

O CHORO DE ROSSINI E SUAS DIMENSÕES ESTÉTICAS

Com o objetivo de compreender as características gerais que constituem os choros de Rossini, apresento neste capítulo as dimensões estético-estruturais da obra do compositor, contextualizado esses aspectos com as demais questões que permeiam a sua produção musical, mais especificamente o choro.

Assim, faço ao longo dessa parte uma análise de vinte e duas, das peças compostas especificamente para bandolim, observando e apresentando os elementos fundamentais que alicerçam os choros de Rossini Ferreira. Selecionei, então, um percentual representativo obras do compositor, sobretudo, aquelas que tiveram um papel primordial na aceitação e divulgação de sua obra.

Dessa forma foram selecionadas as seguintes músicas: 1) Abraçando Avena; 2) Amigo Cosme; 3) Ansiedade; 4) Arte & manhas do Marquinhos; 5) Carmem; 6) Chorando com Wilson Maria; 7) Choro no natal; 8) Choro pra Denise; 9) Cinema mudo; 10) Dr. Menna; 11) Josete; 12) Lúcia Baptista; 13) Mais uma Saudade; 14) Maria Angélica; 15) No meu tempo era assim; 16) Novos rumos; 17) Poesias do Aldemar; 18) Raio de sol; 19) Ritinha; 20) Romântico; 21) Teimosa; 22) Tristeza de um carnaval.

Tendo essas músicas como base, a análise foi realizada considerando, fundamentalmente, os seguintes aspectos: 1) Forma; 2) Compasso; 3) Andamento; 4) Tonalidade; 5) Número de compasso; 6) Acento tônico; 7) Melodia (quanto ao intervalo); 8) Introdução; 9) Gênero; 10) Modo; 11) Modulações (quanto a melodia); 12) Tessitura (melódica); 13) Coda. Esses aspectos serão, então analisados ao longo desse capítulo, afim de elucidar as questões centrais que constituem os choros de Rossini.

4.1 Rossini Ferreira sob a ótica dos chorões

A música, a priori, supõe-se ter uma concepção intencional natural e, a posteriori, passa a ter uma utilidade plural, para o deleite de alguns e usufruto de outros, com o intuito da harmonia, do homem, ou seja, o seu estar bem. Alan Merriam em seu trabalho “The Anthropology of Music” no cap. XI, aborda essa particularidade de uma obra de arte, no caso a música, o que seria sua função e seu uso. Não desmerecendo os demais capítulos deste

trabalho mas, esse em especial (cap. XI), me tomou de assalto. Baseado no mesmo, podemos dizer que a música, melhor dizendo, as suas funções implicam em contribuir, de um modo racional, para o ser humano, no sentido da unidade, da comunhão, do relacionamento que fortifica, que sedimenta e dá base e estrutura para o crescimento, equilíbrio, maturidade e convivência harmônica e pacífica do homem. A música tem uma responsabilidade incomensurável, neste sentido, e o faz com muita propriedade. O compositor cria, consciente ou não, esperando ter a sua música uma função. É a sua expectativa. E ela, a música, tem essa função na cultura e para a cultura. Rossini, concebeu uma obra que possui representativa, e não só sou eu quem o diz, mas os depoimentos de nomes conceituados e respeitados dentro do universo musical do choro como: Marco Cesar, bandolinista, compositor e, sobretudo professor, responsável pela nova geração de chorões, que ora desponta no contexto do choro pernambucano. Maurício Carrilho, violonista, compositor empenhado em disseminar, por esse Brasil territorial, os elementos históricos e práticos do choro. Dalva Torres cantora, arranjadora especialista em elementos específicos da música popular brasileira em particular na obra de “Ismael Silva” e também no choro em geral e Rossiniano. Ana Ivo poetisa, artista plástica, produtora e animadora cultural mentora do casarão das artes na cidade universitária em Recife.. Walter Guedes dos Santos dileitante incondicional do choro, crítico e produtor cultural. Ewerton Brndão (Bozo) violonista de seis e de sete cordas, cavaquinho, envereda também pelo ritmos nordestinos. Aldemar Paiva escritor, poeta, comunicador, contador de “causos”, declamador, conhecedor, como ninguém, do contexto artístico e cultural de Pernambuco. Jorge Cardoso grande bandolinista integrante do clube do choro brasiliense. Todos a atestarem com imparcialidade e sensibilidade crítica e artística, a obra musical de Rossini Ferreira, a exemplo dos depoimentos, abaixo citados (gravados em entrevistas no ano de 2003):

Além de ser um exímio executante do seu instrumento, o bandolim, Rossini impregnava aquilo com a sua própria alma e além do mais, eu considero Rossini um compositor tão importante como Jacob. Olhe ele tem verdadeiras obras primas. Não tem nada mais bonito do que Ansiedade...(Ele tocou, tocou... pra Maurício Carrilho, que achou tudo bonito e interpelou: agora toque uma feia. E ele tocou Feia de Jacob). Há um toque de humor no seu trabalho [...] (Aldemar Paiva).

Ele tinha uma felicidade quando tocava tão grande [...] Não foi explorado do Rossini tudo o que ele podia dar pra gente, porque ele tava sempre disponível, nunca se negava, ah! Porque não vai ser pago, ah! Por que... é amor a arte. Era um grande amante da sua própria arte. [...] Quando eu conheci Rossini parecia que a gente se conhecia há séculos, sabe!, mil idéias, mil coisas, por que eu já fazia alguma letra pra Henrique (Annes). Quando ele chegou eu já fui enlouquecendo querendo fazer as coisas por que eu achei as músicas de Rossini simplesmente lindas. (Ana Ivo)

Rossini Ferreira, sem sombras de dúvida, foi um grande instrumentista, pois tocava de maneira individual, sem comparação com outros bandolinistas. Tirava um som puro, forte, limpo, de grande interpretação de suas musicas e de outros compositores também... depois de Jacob, pouca gente escreveu tanto para esse instrumento. Rossini Ferreira representa uma escola que só ele criou, sua maneira inigualável de tirar o som do bandolim com sua pureza (Walter Guedes dos Santos).

Eu acho que ele foi importante não só para o choro pernambucano, mas para o choro no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, porque ele influenciou muita gente, inclusive eu sou um dos discípulos de Rossini, seguidores de Rossini, entendeu, tanto é que eu estou com os dois bandolins que foram dele e me espelhei muito em Rossini, vi muito Rossini tocar, acompanhei Rossini muito e eu posso dizer a você que ele foi, assim, um grande incentivador, depois de meu pai [...]. Ele influenciou vários músicos, como Jorge Cardoso, Pedrinho Amorim, no Rio, Eu (Marco) e Adalberto Cavalcanti, aqui no Recife. [Diz ainda] Jacob do Bandolim dizia que *um dia Rossini iria assombrar o Brasil*. E assombrou, quando ganhou o 1º Festival Nacional do Choro. [Prossegue Marco:] Nesses últimos tempos, foi um dos maiores compositores para o bandolim, pois conseguia caminhos harmônicos que ninguém conseguia (Marco Cesar).

Foi no ano de 1986, no mês de agosto, em Fortaleza, e eu estava iniciando o estudo do bandolim. Não conhecia nada sobre bandolim e, ver o mestre Rossini Ferreira tocando foi inesquecível para mim. Ele tocava com um vigor e uma sonoridade que me impressionou e marcou até hoje na arte de tocar o bandolim. Ele tinha estilo que resumia Jacob do bandolim e seu conterrâneo o pernambucano Luperce Miranda. Ele colocava muito dele também em seu bandolim com suas construções melódicas e arquitetura sentimental como constatamos nas gravações. Rossini tocou o primeiro frevo em bandolim que ouvi em minha vida. Depois disso, nunca mais deixei de tocar frevo e sei que é uma escola assim como o choro, de difícil execução e rítmica fantástica. Lembro-me que Rossini deu-me a partitura deste frevo chamado "*Lembranças de Recife*", que já tinha sido gravada pelo bandolinista Deo Rian, anos antes, mas que resolvi gravar em meu primeiro CD solo "*Som de bandolim*", independente, que teve indicações a alguns prêmios, inclusive o prêmio Sharp – 98. Rossini foi um grande amigo e instrutor, sem saber sua importância, assim como a música pernambucana e os gêneros nordestinos. *Este CD de nome "*Som de Bandolim*" trás a gravação da música *lembranças de Recife* e uma dedicação (na sua contra-capa) a Rossini Ferreira: "*Rossini, minha humilde homenagem ao Sr. neste CD, é pouco diante da riqueza de suas composições, talento e nossa grande amizade, é uma honra para mim!*". Jorge Cardoso 13-11-1996" (Jorge Cardoso)

Tinha uma capacidade incrível de improvisar. E tinha uma maneira muito particular. Rossini era o Rossini! A música do Rossini tinha uma linha muito forte. A música de Rossini tinha influências mais das raízes do choro. Ele nem pensava em harmonia, não se preocupava muito não, apesar de que ele se preocupava na hora que ia tocar. Ele tinha uma noção de modular. Isso aí ele tinha. Não é pra própria harmonia em si, mas sim da modulação. Quando ele compunha já pensava como é que ele ia fazer aquela modulação. Na música "*Raio de Sol*" originalmente não tinha aquela modulação. Quando ele fez aquela valsa eu me lembro muito bem, ele disse: olha vamos fazer uma modulação aqui porque essa valsa só tem duas partes e ficou muito curta. Eu lembro de "*Maria Angélica*". Maria Angélica não é brincadeira não, que por sinal tinha letra ninguém melhor do que Dalva (Torres) interpretou Rossini. Ela era a interprete preferida de Rossini. Eu brincava muito com ele: Rossini por que você não faz um choro ruim. Faça um choro ruim, você só tem coisa boa. Se eu fosse fazer um disco com a obra de Rossini ia ser um dilema pra mim pra escolher. Você fica sem saber o que escolher porque é uma melhor do que outra (*Everton Brandão – Bozo*).

A partir desses depoimentos/declarações dos entrevistados, podemos dizer da importância de Rossini Ferreira para o choro pernambucano e também da cidade do Rio de Janeiro, berço do samba e do choro e, conseqüentemente, para o choro do Brasil, pois, pelo acima exposto, influenciou uma gama de músicos e instrumentistas. Rossini foi grande incentivador e também inovador, com o seu estilo e suas técnicas, influenciando nomes consagrados na “Música Instrumental Brasileira” como: Marco Cesar, Adalberto Cavalcanti, Ewerton Brandão (Bozo) de Pernambuco; Jorge Cardoso, do Ceará, agora radicado em Brasília; Pedro Amorim no Rio, entre outros, como bem atestam os depoimentos supra mencionados.

Como disse, em entrevista, Ewerton Brandão: Rossini era o “*Rossini*”. Bozó diz ainda: “Se eu fosse fazer um disco com a obra de Rossini iria ser um dilema pra mim escolher. Você fica sem saber que música escolher porque é uma melhor do que outra”.

Walter Santos, por sua vez, fala dessa singularidade de estilo: “Rossini Ferreira, sem sombras de dúvida, foi um grande instrumentista, pois tocava de maneira individual, sem comparação com outros bandolinistas. Diz ainda: “Rossini Ferreira representa uma escola que só ele criou com sua maneira inigualável de tirar o som do bandolim.”

É, exatamente, por essa seara, onde se atem o objeto desta pesquisa. Nesse singular, nesse diferencial, os chamados caminhos harmônicos, através dos quais e onde tão bem se expressava conquistou o reconhecimento de todos aqueles que o escutavam os seus encadeamentos harmônicos e suas melodias modulantes. Diz Bozó: “*Quando ele compunha, ele já pensava como é que ele ia fazer aquela modulação*”. Outra singularidade de Rossini era a capacidade improvisadora que possuía. Diz Bozó: “*Ele tinha uma capacidade incrível de improvisar, tinha uma maneira muito particular de improvisar*”.

Por essas e outras características Rossini criou um estilo próprio, pelos seus encadeamentos harmônicos, por suas linhas melódicas de larga tessitura e características modulantes assim como pelos elementos cromáticos em suas melodias.

4.2 Dimensões estéticas do choro de Rossini

Considerando as obras selecionadas para análise, apresentamos, a seguir, os aspectos fundamentais que constituem os choros de Rossini, a fim de elucidar as dimensões gerais que constituem a sua música. O QUADRO 1 sintetiza, de maneira geral, as características

estruturais das obras analisadas. Características essas que são pormenorizadas ao longo do capítulo. No QUADRO 1 são apresentadas vinte e três músicas, detalhadas em treze tópicos. A relação “Músicas X Tópicos” possibilitará uma visão dos elementos gerais e de algumas das especificidades da obra de Rossini Ferreira.

QUADRO 1 – Características estético-estruturais da obra de Rossini

MÚSICAS/TÓPICOS	1 Forma	2 Compasso	3 Andamento	4 Tonalidade			5 Nº Comp.			6 Acento	7 Melodia (qto ao intervalo)	8 Introdução	9 Gênero	10 Modo	11 Modulação (qto à melodia)	12 Tessitura melódica	13 Coda
				1	2	3	A	B	C								
1 - Abraçando Avena	A-B-A	Binário	Moderado	C	C	_	24	34	--	Arsis	Cromática.	Sim *	Choro	Maior	Modulante	2ª/8ª.	Acorde.
2 - Amigo Cosme	A-B-A	Binário	Moderado	Dm	F	--	16	16	--	Arsis	Diatônica	Não	Choro	menor	Tonal	2ª/8ª.	Arp/asc.
3 - Ansiedade	A-B-A	Binário	Moderado	G	C	--	32	32	--	Arsis	Diatônica	Sim *	Choro	Maior	Modulante	2ª/8ª.	Cíclica
4 - Arte e Manha do Marquinhos	A-B-A	Binário	Moderado	F	Dm	--	32	32	--	Arsis	Diatônica	Sim *	Samba/choro	Maior	Tonal	2ª/8ª.	Cíclica
5 - Carmem	A-B-A		Moderado	A	D	--	20	32	--	Arsis	Diatônica	Não	choro	Maior	Modulante	2ª/8ª..	Ar/asc/des.
6 - Chorando com Wilson Maria	A-B-A	Binário	Moderado	F	Bm	--	16	16	--	Arsis	Diatônica	Não	choro	Maior	Tonal	2ª/8ª.	Arp/asc.
7 - Choro no Natal	A-B-A	Binário	Moderado	C	G	--	24	16	--	Tésis	Cromática.	Não	Choro	Maior	Modulante	11/2ª/8ª	Arp/asc.
8 - Choro pra Denise*	ABACA	Binário	Moderado	G	E	C	16	16	16	Arsis	Diatônica	Não	Choro	Maior	Tonal	2ª/8ª.	Arp/asc.
9 - Cinema mudo	A-B-A	Ternário	Moderado	F	F	--	32	18	--	Arsis	Diatônica	Sim *	Valsa/choro	Maior	Tonal	2ª/8ª.	Arp/asc.
10- Dr. Menna *	ABACA	Binário	Moderado	G	D	C	16	16	16	Arsis	Diatônica	Não	Choro	Maior	Tonal	2ª/8ª.	Arp/asc.
11- Josete	A-B-A	Ternário	Moderado	D	G	--	32	32	--	Arsis	Diatônica	Não	Valsa/choro	Maior	Tonal	2ª/8ª.	Arp/asc.
12- Lúcia Baptista *	ABACA	Binário	Moderado	G	D	C	16	16	12	Tésis	Diatônica	Não	Maxixe	Maior	Tonal	2ª/8ª.	Arp/asc.
13- Mais uma saudade	A-B-A	Binário	Moderado	Am	A	--	16	16	--	Arsis	Diatônica	Não	Choro	menor	Tonal	2ª/8ª.	Arp/asc.
14- Maria Angélica	A-B-A	Ternário	Moderado	D	G	--	16	16	--	Arsis	Cromática.	Não	Valsa/choro	Maior	Modulante	2ª/8ª.	Arp/des.
15- No meu tempo era assim *	ABACA	Binário	Moderado	G	Em	--	16	16	--	Arsis	Diatônica	Não	Maxixe	Maior	Tonal	2ª/8ª.	Arp/asc.
16- Novos Rumos	A-B-A	Binário	Moderado	G	C	--	16	16	--	Arsis	Diatônica	Não	Choro	Maior	Tonal	2ª/8ª.	Arp/asc.
17- Poesias do Aldemar	A-B-A	Binário	Moderado	A	D	--	16	8	--	Arsis	Cromática	Não	Choro	Maior	Modulante	2ª/8ª.	Arp/asc.
18- Raio de Sol	A-B-A	Ternário	Moderado	G	Gm	--	16	32	--	Arsis	Cromática.	Sim *	Valsa/choro	Maior	Modulante	2ª/8ª.	Arp/asc.
19- Ritinha *	ABACA	Ternário	Presto	G	G	C	20	16	16	Arsis	Diatônica	Não	Rancheira	Maior	Tonal	11/2ª/8ª	Arp/des.
20- Romântico	A-B-A	Binário	Moderado	F	Bb	--	16	16	--	Tésis	Diatônica	Não	Choro	Maior	Tonal	11/2ª/8ª	Arp/asc.
21- Teimosa *	ABACA	Binário	Moderado	D	Dm	G	16	16	16	Tésis	Diatônica	Sim *	Maxixe	Maior	Tonal	2ª/8ª.	Arp/asc.
22- Tristeza de um carnaval	A-B-A	Binário	Moderado	G	Gm	--	16	16	--	Arsis	Cromática.	Sim *	Choro	Maior	Modulante	2ª/8ª.	Arp/asc.

4.2.1 Forma/estrutura

Lembrarmos que a Forma aqui abordada leva em conta praticamente os aspectos “horizontais” melódicos da música e não os aspectos “verticais” (harmonia). Na música de Rossini Ferreira a forma, em sua maioria, tem como predominância o Rondó, prevalecendo as formas A-B-A. (FIGURA-1.(parte geral)

A forma A-B-A-C-A como aparecia no choro do começo do século XX nas músicas de Rossini Ferreira porém, pouco acontece, como nas peças: FIGURA-2 (partitura geral). Cada uma dessas partes está em tonalidades distintas e as modulações são corriqueiras, ou seja, vão para os tons conhecidos, ou previsíveis, como sendo, vizinhos ou relativos.

Dos elementos melódicos, na música de Rossini, observa-se os finais de frases das secções, tanto no intermédio como no final das mesmas. Comumente, são finalizadas, com um arpejo, em sua maioria, ascendentes. A secção “A” comumente termina com um arpejo na tônica Ex. FIGURA 3. (compasso 17-18). A secção “B” também tem um arpejo que, em boa parte das vezes, é conclusivo FIGURA 4. (COMPASSO 36).

Abraçando Avena

Rossini Ferreira

1. C 2. C 3. Am7 4. A^b 5. G7 6. C

7. Am7 8. Gm 9. A7 10. Dm7 Dm/C 11. G7/B 12. C Em7/B

13. Am7 Am7/G 14. D7/F# 15. 16. D7 17. G7 18. C7

19. F7 20. B^b7 21. E^b 22. G7 23. C Cdim7 24. m7 *To Coda*
G7

25. 1. C Cdim7 Dm7 G7 26. C Cdim7 Dm7 G7 27. C Cdim7 28. Dm7 Dm7/C

29. G7/B 30. C 31. 32. C7 33. A7 34. m7

35. Dm7/C 36. F 37. G7 38. C 39. Am7 40. D7

41. D7 42. G# 43. G7 44. Dm7 Dm7/C 45. G7 46.

47. C 48. C7 49. C7 50. 51. F 52. A^b

53. A^b 54. C 55. A7 56. Dm7 57. G7 58. C Cdim7 Dm7 G7

59. C Cdim7 60. C 61. C 62. C

D.S. al Coda *Coda*

Mügart Edições

FIGURA 1 - Música: *Abraçando Avena*. Forma ABA; Parte "A" (compasso 1 – 25) Ponte (compassos 27-28); Parte "B" (compassos 28 - 58/59).

Lucia Batista

xote

Rossini Ferreira

1. 2. 3. 4. 5.

6. 7. 8. 9. 10.

11. 12. 13. 14. 15.

To Coda *To Fine* 1. 2. 17. 18. 19. 20.

21. 22. 23. 24. 25.

26. 27. 28. 29. 30.

31. 32. 33. 34. 35. *D.S. al Coda*

36. *Coda* 37. 38. 39. 40.

41. 42. 43. 44. 45.

46. 47. 48. 49. 50. *D.S. al Fine* *Fine*

Múzart Edições

FIGURA 2 – Música: *Lúcia Batista*. Forma ABACA. Parte “A” (compassos 1-17). Parte “B”: (compassos 19-34). Parte “C” (compassos 19-48)

FIGURA 3 - Música: *Novos Rumos* (compassos 17-18) (Arpejo-Intermédio)

FIGURA 4 - Música: *Novos Rumos* (compassos: 36 a 38) (Arpejo Final)

4.2.2 Forma de compasso

Vemos que a forma de compasso mais utilizada, na obra de Rossini é a forma BINÁRIA e tem predominância quase que total. FIGURA- 1-2-5

FIGURA 5 - Música: *Ansiedade* (Binário)

A forma **Ternária** (Figuras – 6/7.), estão algumas músicas como: 19 - “Raio De Sol” e 15 - “Maria Angélica”. As demais são binárias.

FIGURA 6 – Música: *Maria Angélica* (Ternário)

FIGURA 7 – Música: *Raio de Sol* (Ternário)

4.2.3 Andamento

Quanto ao andamento, o grau de velocidade e aceleração, em praticamente todas as músicas se mantém num só andamento como na FIGURA 8, em uma constante, metronomicamente no andamento **Moderado**, bem característico nos choros, não ficando dentro do contexto geral, diferenciando dos frevos que são mais céleres a exemplo de “Lembranças de Recife”. FIGURA 9.

FIGURA 8 – Música: *Chorando com Wilson Maria*. (Moderado)

FIGURA 9 – Música: *Lembranças de Recife*. (Presto)

4.2.4 Tonalidades

Como vimos no tópico Forma(1) as músicas de Rossini possuem duas parte , afora algumas exceções que possuem três partes. A tonalidade das partes “A” estão dentro da tessitura e da estrutura harmônica e melódica do instrumento, no caso, o bandolim. Em suas tonalidades prevalece a tonalidade de Sol (G) com 40% de ocorrência, em seguida Dó (C) com 20% e depois Lá (A), Fá (F) e Ré (D) com 10% cada, como sugere o “Quadro “Analítico”.

Quanto às relações de tonalidades da parte “A“ e B” comumente tem seus tons relacionados como grau de parentesco ou vizinhança, ou seja, ou são tons vizinhos ou tons relativos. Sem inovações aparentes, pois esta é uma característica da maioria dos choros. Isto também acontece quando as peças possuem três partes. FIGURAS 10/11.

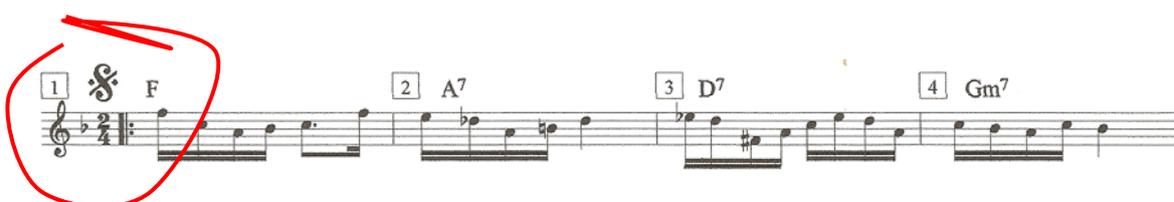


FIGURA 10 – Música: *Romântico* (parte “A” tom “F”)

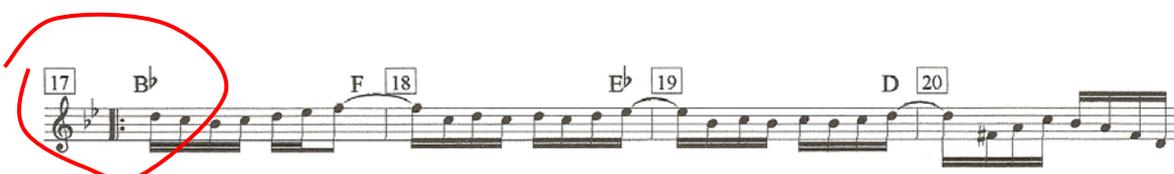


FIGURA 11 – Música : *Romântico* - parte “B” - “Bb” (subdominante de “F”) compasso 17

4.2.5 Números de compasso

Outra característica na música de Rossini é o equilíbrio entre os números de compasso das partes constituintes, ou seja, o equilíbrio entre as partes “A” e ”B”ou “C” que, em boa parte delas, possuem o mesmo número de compassos constituindo assim uma simetria. Este equilíbrio é apresentado em quatorze das vinte e três músicas analisadas, como sendo: “Ansiedade”; “Tristeza de um carnaval”; “Novos Rumos”; “Raio de Sol”; “Arte e Manhas Dio Marquinhos”; “Poesias do Aldemar”; “Maria Angélica” e “Choro pra Denise” que dessas é a única que tem três partes e mantém o equilíbrio nas suas três partes.(FIG. 12 e 13)

Novos Rumos

Rossini Ferreira

1. G^6 2. Am^7 D^7 3. Bm^7 $B^b dim$ 4. Am^7 D^7

5. Bm^7 $B^b dim$ 6. Am^7 D^7 7. G Em^7 8. B $F\#^7$

9. B^7 C $C\#$ D^7 10. Am^7 Bb° 11. Bm^7 E^7 12. Am^7 D^7

13. Bm^7 E^7 14. Am^7 B^7 15. Em^7 $C\#^\circ$ 16. G^6 To Coda $G\# dim$ Am^7 $D^7(9)$

17. 1. G^6 G^6 $G\# dim$ 18. G^6 G^7 19. C $G(\#5)$ 20. C $Gmaj^7(+5)$

21. C $C\# dim$ 22. Dm^7 Dm^7/C 23. $Bm^7(b5)$ $E^7(\#5)$ 24. Am Am^7/G 25. $D^7/F\#$ D^7

26. G G^7 27. C^7 28. F 29. D^7

30. Gm^7 31. Ab^7 32. D^b^7 33. Dm^7 G^7 34. 1. C Dm^7 G^7

2. D.S. al Coda C C $C\#$ D^7 36. G Coda Em 37. Em F $F\#$ G 38.

Muzart Edições

FIGURA 12 – Música: *Novos Rumos* (partes “A” e “B” : de 2 a 17; 19 a 34; 16 compassos)

Choro pra Denise

Rossini Ferreira

1 2 3 4 5

6 7 8 9 10

11 12 13 14 15

16 *To Coda* 17 18 *Fine* 19 20

21 22 23 24 25

26 27 28 29 30

31 32 33 34 35 *D.S. al Co*

36 37 *Coda* 38 39 40

41 42 43 44 45

46 47 48 49 50

51 52 53 54 *D.S. al Fine*

Mizart Edições

FIGURA 13 – Música: *Choro pra Denise* (partes “A”, “B” e “C”: com 16 compassos cada : compassos 2 a 17; 19 a 34; 38 a 53.)

4.2.6 Acento

O início da maioria das peças de Rossini, quase que em sua totalidade, encontra-se no tempo fraco do compasso, no acento átono, em **Anacruse (Ársis)** (FIG. 1/2/5/6/7/8/9/12/13, por exemplo), são exceções as peças que começam no tempo forte do compasso (TÉSIS) como por exemplo: “CARMEM”; “CHORO NO NATAL”; “ROMÂNTICO” e “TEIMOSA”. (FIG. 14/15/16/17), as demais têm início em anacruse.

FIGURA 14 – Música: *Carmem* (Tesis)

The musical score for 'Carmem' (Tesis) is shown in 2/4 time with a key signature of one sharp (F#). The first measure (1) is circled in red and contains a treble clef, a key signature change to one sharp, and a whole note chord 'A'. The subsequent measures are numbered 2 through 13, with chords: 2 (Cdim), 3 (Bm), 4 (E7), 5 (A), 6 (Cdim), 7 (Bm), 8 (E7), 9 (A), 10 (A7), 11 (D), 12 (D#dim), and 13 (D/F#).

FIGURA 15 - Música: *Choro no natal* (Tesis)

The musical score for 'Choro no natal' (Tesis) is shown in 2/4 time with a key signature of one sharp (F#). The first measure (1) is circled in red and contains a treble clef, a key signature change to one sharp, and a whole note chord 'C'. The subsequent measures are numbered 2 through 8, with chords: 2 (Bbdim, A7), 3 (D7, G7), 4 (C), 5 (Ab, Bb7), 6 (Eb, D7), 7 (G, D7), and 8 (G, bC7).

FIGURA 15 - Música: *Choro no natal* (Tesis)

FIGURA 16 – Música : *Romântico* (Tesis)

The musical score for 'Romântico' (Tesis) is shown in 2/4 time with a key signature of two flats (Bb, Eb). The first measure (1) is circled in red and contains a treble clef, a key signature change to two flats, and a whole note chord 'F'. The subsequent measures are numbered 2 through 4, with chords: 2 (A7), 3 (D7), and 4 (Gm7).

FIGURA 16 – Música : *Romântico* (Tesis)

FIGURA 17 - Música: *Teimosa* (Tesis)

The musical score for 'Teimosa' (Tesis) is shown in 2/4 time with a key signature of one sharp (F#). The first measure (1) is circled in red and contains a treble clef, a key signature change to one sharp, and a whole note chord 'A'. The subsequent measures are numbered 2 through 10, with chords: 2 (A), 3 (A), 4 (A), 5 (A), 6 (A), 7 (A), 8 (A), 9 (A), and 10 (A).

FIGURA 17 - Música: *Teimosa* (Tesis)

To Code

4.2.7 Melodia

Há nas melodias de Rossini a utilização de praticamente todos os intervalos, não só diatônicos, mas, também cromáticos, saltos ascendentes e descendentes com grandes intervalos. Contudo a ocorrência dos intervalos de segunda menor (cromáticos) possui certa relevância em suas melodias onde denomino de **“Elementos Cromáticas”**, isto em boa parte dos seus choros (românticos), nos choros “Abraçando Avena”, “Ansiedade”, por exemplo. FIG. 18/19.

The image shows a musical score for 'Abraçando Avena' in 2/4 time. The melody is written on a single staff. Chords are indicated above the staff: 1 C, 2 C, 3 Am7, 4 Ab, 5 G7, 6 C, 7 Am7, 8 Gm, 9 A7, 10 Dm7, 10 Dm/C, 11 G7/B, 12 C, and 12 Em7/B. Three specific intervals are circled in red: the interval between the notes in measure 2 (C and B), the interval between the notes in measure 3 (A and G), and the interval between the notes in measure 6 (C and B).

FIGURA 18 – Música: *Abraçando Avena* (Melodias cromáticas - compasso 2, 3 e 6)

The image shows a musical score for 'Ansiedade' in 2/4 time. The melody is written on a single staff. Chords are indicated above the staff: 1 C7, 2 G, 3 G#dim, 4 Am7, 5 #dim, 6 Bm7, 7 G7, 8 C, 9 E7, 9 Am7, 9 Am7/G, 10 D/F#, 11 D7, 12 G/B, 13 E7, 14 A7, and 15. The word 'VIOLÃO' is written above measure 6. Three specific intervals are circled in red: the interval between the notes in measure 2 (G and F#), the interval between the notes in measure 3 (G# and G), and the interval between the notes in measure 4 (A and G).

FIGURA 19 – Música: *Ansiedade* (Melodias cromáticas - compassos 2/4/6/)

4.2.8 Introdução

Nas músicas de Rossini a introdução não é uma prática afora raras exceções. Em alguns casos como nas peças: ANSIEDADE (ascendente), ABRAÇANDO AVENA (descendente) e TRISTESA DE UM CARNAVAL (descendente) (FIGURAS 20/21/22/). Temos como introdução uma escala tonal (diatônica), ora ascendente ora descendente, executada pelo elemento harmonizador e contrapontístico que é o violão de 7 cordas. Originalmente não é uma práxis as peças de Rossini possuírem introdução.

FIGURA 20 – Música: *Ansiiedade* (compasso 1 - Introdução Violão)

FIGURA 21 – Música: *Abraçando Avena* (compasso 1 - Introdução Violão)

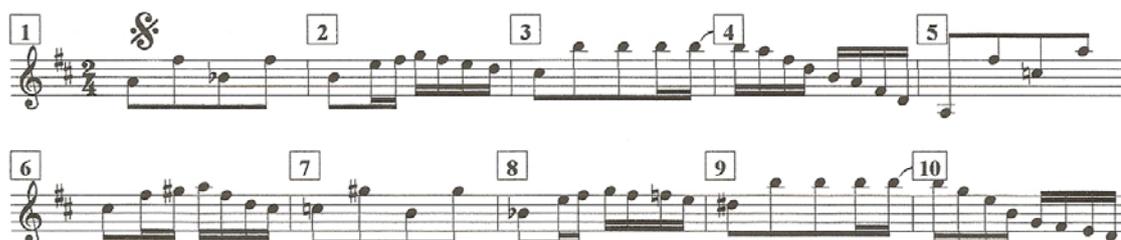
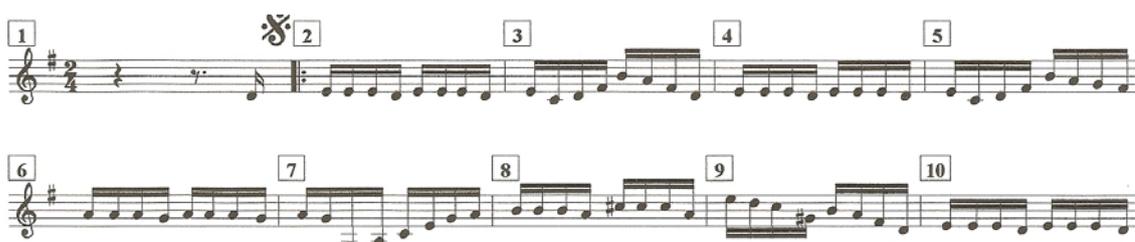
FIGURA 22 – Música: *Tristeza de um carnaval* (compasso 1 - Introdução Violão)

4.2.9 Gênero

Os gêneros são os mais variados, prevalecendo o gênero “Choro”, logo em seguida a valsa: Os gêneros na obra de Rossini ficam assim distribuídos:

Quarenta e quatro (44) “Choros”, treze (13) “Valsas”, três (3) “Xotes/Maxixes”, dois (2) “Frevos”, dois (2) “Sambas”, um (1) Maxixe, uma (1) “Rancheira” (valsa ligeira), perfazendo um total de sessenta e seis (66) músicas. Contudo, contando com mais duas (2) músicas encontradas durante as pesquisas, “Toró” com Wilson Maria e “Compadre Alfredo” com Chico Soares (O canhoto da Paraíba), esse total ascende para sessenta e oito (68) músicas.

Há uma pequena controvérsia no tocante às peças que Rossini cognomina de “Xote”. Este gênero não condiz com o universo do choro, ficando mais ajustado tanto em termo de afinidade semântica como rítmica, a denominação maxixe em justaposição ao xote. FIGURA 23/24/25. (peças com denominação xote, mas que são maxixes).

FIGURA 23 – Música: *Lúcia Batista* (Xote ? / Maxixe)FIGURA 24 – Música: *Teimosa* (Xote? / Maxixe)FIGURA 25 – Música: *No meu tempo era assim* (Xote ? / Maxixe)

4.2.10 Modo tonal

A maioria das suas músicas possui tonalidades maiores exceto duas delas como sendo: “*Amigo Cosme*” (FIGURA 26) dedicada ao amigo “*Cosme*” da cidade do Recife, esta em parceria com Roberto Vale que fez a primeira parte e, “*Mais uma saudade*” (FIGURA 27), em homenagem “*Tozinho*”, pai de Marco César. Segundo Wilson Maria; *Rossini não costumava fazer músicas em tonalidades menores*.

As tonalidades dessas onze peças de Rossini possuem Modo Maior. No repertório do Rossini Ferreira mesmo as valsas como Maria Angélica e Raio de Sol também são calcadas em tons maiores. Em todo o repertório de Rossini encontramos apenas duas músicas em tonalidade menor e uma delas tem é iniciada por deu parceiro.

Há presença de tonalidade menor apresentadas nas partes intermediárias das músicas as chamadas: parte “B” ou parte “C”. Há também a presença de tonalidades menores durante as modulações passageiras.



FIGURA 26 – Música: *Amigo Cosme* (tonalidade menor) (Dm)



FIGURA 27 – Música: *Mais uma saudade* (tonalidade menor) (Am)

4.2.11 Modulação

As modulações ou “Linhas melódicas Modulantes” são características na obra de Rossini Ferreira. Além das modulações de práxis, que ocorrem nas mudanças de uma parte para outra, o Rossini costuma fazer com que as suas melodias passassem através das tonalidades. Essas modulações ora passageiras, ora de empréstimos, ora seqüências, mostra uma certa riqueza melódica e harmônica a exemplo de: *Tristeza de um carnaval* (fig.28), *Maria Angélica* (Fig.29), *Raio de Sol*, entre outras. FIG. 30.

Tristeza de um Carnaval

Rossini Ferreira

1 2 G 3 D D#dim 4 Em

5 Dm7 G7 6 C C#dim 7 Bm7 E7 8 A7

9 Cm7 D7 10 G 11 D D#dim 12 Em

13 Dm7 G7 14 C C#dim 15 G E7 16 Am7 Eb7 D7 To Coda

17 1 G D7 18 2 G F#7 19 Bm7 F#7 20 Bm7 Bm7 A7

21 D D+5 22 Em7 23 A7 A13 24 D Bm7

25 E7 26 A7 27 B F#7 28 B F#m7

29 E B7 30 E 31 C#m7 F#7 32 B G#7

33 C#m7 F#7 34 Bm F#7 35 Bm C C# D7 36 G 6 Coda

Mizart Edições

FIGURA 28 – Música “Tristeza de um carnaval (parte B - compassos 19 a 34)
 Tonalidade Bm - compassos 19 / tonalidade D - compasso 21
 Tonalidade B - compassos 27 / tonalidade de E - compasso 29

Maria Angélica

Rossini Ferreira - José Carlos

The musical score for "Maria Angélica" consists of 69 measures. The tonality is D major for measures 1-12, B major for measures 14-16, D major for measures 18-23, a modulating progression for measures 26-32, G major for measures 35-43, B major for measures 45-49, and G major for measures 51-65. The score ends with a Coda in measure 69.

Chords and tonalities for each measure:

- 1: Dmaj7
- 2: E7
- 3: A7
- 4: F#m7
- 5: Fm6/9
- 6: Em7
- 7: A7
- 8: D#dim7
- 9: Dmaj7
- 10: E7
- 11: A7
- 12: F#m7
- 13: C#
- 14: B
- 15: C#m7
- 16: D#m7
- 17: A
- 18: E7
- 19: A7
- 20: F#m7
- 21: Fm6/9
- 22: Em7
- 23: A7
- 24: Am7
- 25: B7
- 26: Em7
- 27: Fdim
- 28: D
- 29: Bb7
- 30: Eb
- 31: A7
- 32: To Coda
- 33: D
- 34: D D7
- 35: G6
- 36: G#dim
- 37: Am7
- 38: Am7/G
- 39: D7/F#
- 40:
- 41: G6
- 42: D7
- 43: G6
- 44: A
- 45: B
- 46: B#dim7
- 47: C#m7
- 48: F#7
- 49: C C#
- 50: D7
- 51: G6
- 52: E7
- 53: Am7
- 54: Am7/G
- 55: 7
- 56: B7/A
- 57: 7
- 58: G7
- 59: C
- 60: C#dim
- 61: Bm7
- 62: E7
- 63: Am7
- 64: D7
- 65: G6
- 66:
- 67:
- 68: D.S. al Coda
- 69: Coda

Múzart Edições

FIGURA 29 – Música *Maria Angélica*: compassos 1/12 Tonalidade D; compassos 14/16 Tonalidade B; compassos 18/23 Tonalidade D; compassos 26/32 progressão modulante; (compassos 35/ 43 Tonalidade “G”); compassos 45/49 Tonalidade B; (compassos 51/65 Tonalidade G)

Raio de Sol

Rossini Ferreira

1. G^6 2. $G^{\#dim7}$ 3. Am^7 4. $D^{7/9}$ 5. Am^7 6. D^{5+9}

8. $Gmaj^7$ 9. $Gmaj^7$ 10. G^7 11. G^{5+} 12. $Cmaj^7$ 13. Cm^6 14. G^6 $G^{\#dim7}$

15. To Coda 16. Am^7 $D^{7/9}$ 17. G^6 18. $Gmaj^7$ 19. Gm^7 20. 21. A^7

22. 23. $D^{7/9}$ 24. 25. Gm^7 26. 27. G^7 28. 29. C^7 30.

31. F^7 32. 33. $B^{\flat}maj^7$ 34. $D^{7/9}$ 35. Gm^7 36. 37. A^7 38. 39. $D^{7/9}$

40. 41. G^7 42. 43. Cm^7 44. 45. Gm^7 46. Gm^7/F 47. A^7/E

48. D^7 49. Gm^7 50. 51. Gm^7 D.S. 52. $Gmaj^7$ 53. C^7 54. $Fmaj^7$

55. $F^{\#dim7}$ 56. Gm^7 57. $C^{7/9}$ 58. Gm^7 59. C^{5+9} 60. $Fmaj^7$

61. $Fmaj^7$ 62. F^7 63. F^{5+} 64. $B^{\flat}maj^7$ 65. $B^{\flat}m^6$ 66. $Fmaj^7$ $F^{\flat}dim^7$

67. Gm^7 $C^{7/9}$ 68. $Fmaj^7$ 69. D^7 70. G^7 71. G^{5+}

72. $Cmaj^7$ 73. Cm^7 74. $Gmaj^7$ $G^{\#dim7}$ 75. Am^7 $D^{7/9}$ 76. $Gmaj^7$ 77.

Múzart Edições

FIGURA 30 – Música : “Raio de Sol” (Tonalização ou pontes modulantes: compassos 52/53 e 68/69)

4.2.12 Tessitura

As extensão nas linhas melódicas das peças de Rossini, comumente, atingem a marca das duas oitavas além de apresentar grande mobilidade flexibilidade e plasticidade. Como nos choros: “Maria Angélica” e “Choro pra Denise”. (FIG. 31/32). Esta plasticidade , de modo geral, esta presente em praticamente todas as suas músicas, por vezes, ultrapassando esta extensão indo até o quinto grau da oitava seguinte.

Figura 31 - Música: *Maria Angélica*. (plasticidade)

Figura 32 - Música: *Choro pra Denise*. (duas oitavas e mais)

4.2.13 Coda

No final de cada peça e, por vezes nos entremeios e/ou ritornelos, Rossini possui a práxis de fazer uma pequena “coda” ou arremate através de um arpejo ascendente (FIGURAS – 3/4/33/34/35/36) ou, quando não, uma pequena melodia cíclica (que finda com um “fade out” ad-libitum) que finda num apagar, pouco a pouco, como é o caso de “*Ansiedade*” ou, também uma frase cíclica mas terminando numa morte súbita em suspensão como é o caso da peça “*Arte e Manhas do Marquinhos*”.

FIGURA 33 – Música: *Poesias do Aldemar* (arpejo – comp. 32)

FIGURA 34 – Música: *Amigo Cosme* (arpejo menor – compassos 36)

FIGURA 35 – Música: *Ansiedade* (Coda com final cíclico: “fade out” (comp.70 a 73)

FIGURA 36 – Música: “Arte e manhas do Marquinhos” (Coda final cíclico: “fade out” (compassos 69 a 73)

Enfim busquei, nas análises apresentadas acima, as músicas que certamente teriam abrangência na demonstração dos aspectos de relevância na obra de Rossini Ferreira. Assim vejo ao mesmo tempo aspectos gerais de uma expressão musical conhecida e vivenciada pelo compositor no universo chorista brasileiro, mas vejo também particularidades que levam para o choro um jeito Rossiniano de se fazer choro, de se chorar.

6 CONCLUSÃO

A partir da pesquisa, das discussões e análises realizadas ao longo desse trabalho pudemos compreender dimensões amplas acerca da inserção do choro no Brasil, contextualizando essa realidade do gênero com as suas particularidades observadas em Pernambuco. Particularidades que evidenciam a obra de Rossini Ferreira e que imprimiram, nessa sua obra, aspectos singulares do que podemos chamar de um choro pernambucano possuidor de formas idiossincráticas que vieram dar a identidade musical deste compositor.

Ficou evidenciado a partir do trabalho realizado, que a literatura que aborda o choro no Brasil está centrada, sobretudo, em aspectos históricos e descritivos da manifestação, bem como em estudos de características estruturais específicas, como o papel de um instrumento na performance do gênero, a natureza interpretativa de determinadas obras etc.

A história do choro no Brasil demonstra a diversidade de estilos e características musicais que fizeram florescer no cenário nacional uma expressão de grande valor para a cultura brasileira. Assim, de uma forma de tocar, à designação de grupos instrumentais e, finalmente, a um jeito de compor, o choro se tornou uma música genuinamente brasileira que se proliferou pelo país e ganhou naturezas distintas de acordo com cada realidade em que aconteceu.

E assim é o choro que nasce, desponta e ganha força em Pernambuco. Um choro que não abandona a sua “essência, mas que se redefine e ganha traços particulares que retratam a pluralidade da música brasileira, mas que demonstra singularidade de cada cultura que a ela se relaciona. Nomes relacionados ao choro despontam em Pernambuco, criando um cenário de vivência, valorização e circulação do gênero no Estado.

Nesse contexto, emerge a trajetória cultural e musical de Rossini que evidencia a ampla abrangência da obra do compositor, demonstrando que, ao longo de sua carreira, ele vivenciou e participou de movimentos importantes do gênero, em Pernambuco e no Brasil.

Todavia, mesmo Rossini Ferreira, fazendo parte de um importante capítulo da história do choro pernambucano e brasileiro e estando presente em alguns títulos, que abordam o choro, não possui consolidação ou penetração midiática. Contudo, o que se percebe, de maneira geral, é que seu nome tem presença no universo contextual do choro. Detentor de diversas premiações, estaduais e nacionais, Rossini teve sua trajetória marcada nos quatro discos gravados e nas representativas participações em dezenas de outros trabalhos. Sua obra está gravada por diversos nomes da música instrumental brasileira, mas carecendo ainda de projeção e divulgação nacionais.

No que tange as características de sua obra, o que se pode afirmar é que seus choros têm particularidades a outras expressões do gênero consagradas no Brasil. Todavia, sua obra possui também dimensões singulares extremamente marcantes nas suas construções melódicas e, conseqüentemente, harmônicas. Tal característica é evidenciada pelo próprio Rossini no título do seu primeiro disco solo, intitulado “Choros Românticos”.

Por ser nordestino do interior de Pernambuco, de Nazaré da Mata mais precisamente, seria de se esperar que tivesse influências e sotaques nos seus elementos musicais, na sua música, dos ritmos e das danças tão comuns e fortemente evidenciados no nordeste brasileiro. O que se evidencia, por outro lado, é a constatação, a ratificação do choro característico da época, ou de época do início da primeira metade do século XX, período em que Rossini nasceu e viveu.

Podemos dizer que as características das músicas de Rossini Ferreira são os elementos melódicos modulantes através das modulações passageiras, empréstimos modais, e progressões modulantes. Assim instiga a admiração, a curiosidade e, conseqüentemente, o enriquecimento e a valorização de suas músicas, apresentando caminhos ou encadeamentos harmônicos particulares advindos dessas melodias como em músicas, a saber, por exemplo; *Tristeza de um carnaval, Raio de sol, Choro no natal, Maria Angélica* entre tantas.

Quanto ao fato da sua obra não possuir uma ampla divulgação os fatores são os mais diversos. 1 - Para início, a música instrumental no Brasil, ainda não tem o seu valor e reconhecimento devido. 2 - A derrocada do choro na época. 3 – Sua produção composicional um tanto quanto fora da época de ouro do choro. 4 - A rarefação das apresentações públicas da sua obra. 5 - A posição cômoda de amador. Rossini de início não costumava tocar, executar as suas músicas, só posteriormente é que ele inverte esse juízo de valor.

Em suma, este trabalho ao permitir uma compreensão da obra de Rossini Ferreira, possibilitou, também, uma contextualização significativa da sua produção musical e o seu universo sociocultural, fato que proporcionou, ainda mais, uma reflexão crítica acerca da pouca divulgação e inserção de sua obra no canário artístico musical do país, aspectos que se deram, fundamentalmente, pela postura e pelo perfil do próprio compositor que, por natureza, foi discreto em relação à sua participação performática e composicional no âmbito do choro brasileiro.

REFERÊNCIAS

Fontes bibliográficas

- ALBIN, Ricardo Cravo. *MPB: a história de um século*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.
- ANDRADE, Mário de. “O Banquete”, São Paulo, Duas cidades, 1977.
- BIVEN, Didier. *Le Choro, Musique Instrumentale bresilienne*. Université de Paris VIII – departement de ethnomusicologie. 1998
- CABRAL, Sérgio. *Pixinguinha vida e obra*. Rio de Janeiro. Lidador, 1980.
- CAJAZEIRA, Regina de Souza. “Tradição e Modernidade”. Dissertação de Mestrado em Etnomusicologia – Salvador; Universidade Federal da Bahia, 1998.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo. Melhoramentos, 1964
- CALDAS, Waldenyr. *Iniciação a música Popular brasileira*. São Paulo, ática, 1985. (Séries Princípios, 28)
- CAZES, Henrique. *O choro do Quintal ao Municipal*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- DINIZ Jaime C. *Músicos pernambucanos do Passado*. Recife. UFPE. Ed. Universitária, 1979 .
- DUARTE, Eneide Nóbrega Ed. *Manual Técnico para realização de trabalhos monográficos*. João Pessoa. Ed. Universitária UFPB, 1995.
- ELLINGSOM, Ter. Transcription. In: MYERS, Helen (Ed.). *Ethnomusicology: an introduction*. New York: W.W. Norton e Company, 1992.
- JAYME, Samira Prioli. *Memórias da mpb*. Ed UEL, Londrina – 2000.
- LISBOA JR, Luís Américo Lisboa. “Resumo da História da Música Popular Brasileira de 1870 aos nossos dias”. Manuscrito (datilografado), 1980.
- LIVINGSTON-ISENHOUR, Tâmara Elena; GARCIA, Tomas George Caracas. *Choro: a social history of a brasilian popular music*. Indianapolis: Indiana University press, 2005.
- LOPES, Ney. *O samba, na realidade*. Rio de Janeiro. Codicri, 1981.
- MARIZ, Vasco. *Heitor Villa-Lobos compositor brasileiro*. Rio de Janeiro. Zahar, 1983.
- MELO, Ignez Fernandes de. “O Choro: o seu significado na obra de Edino Krieger”.. Especialização em Etnomusicologia. Rio de Janeiro, Conservatório Brasileiro de Música – 1996.
- MUNIZ Jr. J. *Do batuque ao samba*. São Paulo. Ed. Símbolo, 1976 .

- NUNES, JOSÉ. *Ariano Suassuna*. João Pessoa. Série histórica. A União, 2000.
- PAZ, Ermelinda A. *Jacob do Bandolim*. Funarte –. Rio de Janeiro 1997.
- PINTO, Alexandre Gonçalves. *O Choro: Reminiscências dos chorões antigos*. Rio de Janeiro, fac-símile; Funarte, 1978.
- PUTERMAN, Paulo Marcos. “O choro: A construção de um estilo musical”. Dissertação de mestrado Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 1985.
- QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. *Performance musical nos ternos de Catopês de Montes Claros*. 2005. 236 f. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- ROCCA, Edgard. Ritmos brasileiros e seus instrumentos de percussão. *Caderno da Escola brasileira de música* – Ed. Europa, (?) –19(?)
- RIBAS, Aymara Feuerschuette, Ed. *Normas para apresentação de trabalhos*. UFPR, Biblioteca Central.-6. ed – Curitiba:Ed. Da URFPR, 1996 .
- RIBEIRO, Domingos Azevedo. *Maestro José Siqueira*. João Pessoa. Série histórica. A União, 2000
- SANDRONI, Carlos. *Feitiço Decente: transformações do samba no rio de Janeiro*.Rio de Janeiro-Jorge Zahar:Ed. URFJ, 2001.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo. Cortez,
- SOARES, Alessandro Ferreira. “Acordes do Rádio – Ensaio sobre violonistas pernambucanos”.Trabalho de conclusão do Curso de Jornalismo. Universidade Federal de Pernambuco. Recife –1996.
- SOLER, Luiz. *As Raízes Árabes na tradição poético musical do sertão nordestino*. Recife-PE. Ed. Universitária UFPE, 1978 .
- TÁVOLA, Artur da. *30 anos sem Jacob Plaquete*- Discurso Senado Federal. Brasília, 1999.
- TINHORÃO, José Ramos. *Pequena história da música popular*. Petrópolis. Editora Vozes Ltda,1978
- VASCONCELOS, Ary. *Raízes da música popular brasileira*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.
- VASCONCELOS, Ary. Choro: um ritmo bem brasileiro, In: *Brasil Musical: Viagem pelos Sons e ritmos populares*, p.70 a 99. Rio de Janeiro: Art Bureau Representações e Edições de Artes,, 1988.
- VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*.Rio de Janeiro: Jorge Zahar : Ed URFJ, 1995.
- MOURA, Fernando e Antonio Vicente. *Jakson do Pandeiro: o rei do ritmo*.Ed.34-S.Paulo-2001

Fontes Jornalísticas

- 1 – Pernambuco chora a perda do bandolinista Rossini. Ferreira”. Jornal do Comércio Recife, quarta-feira.1 de março de 2000.
- 2 – Rossini Ferreira deixa choro ainda mais triste. Diário de Pernambuco, Recife. quarta-feira.1 de março de 2000.
- 3 – Fundarpe informa - Diário de Pernambuco – Recife, terça 27 de março de 1984.
- 4 – Rossini Ferreira: A consagração nacional de um bandolinista pernambucano Diário de Pernambuco Recife, 12 de setembro de 1986.

Fontes on-line

Sites e E-mail os mais Diversos:

www.pernambuco.com/www.preservoam.hpg.ig.com.br
[/www.samba´choro.com.br/www.cliquemusic.com.br/](http://www.samba´choro.com.br/www.cliquemusic.com.br/)
search.msn.com.br/www.acarirecords.com.br/www.google.com /Kuarup@uninet.com.br /
www.amupe.com.br / www.pe.gov.br /, entre outros.

Acervos

- 1 – Aldemar Paiva (jornalista)– Fitas Cassetes – discos – Fotos.
- 2 – Adonis e Leonardo Carneiro (netos) - Fitas cassetes – Fotografias
- 3 – Fundação Joaquim Nabuco (Renato Phaelante) – Fitas Rolo (Rádio) Monografias
- 4 – Marco César (músico pesquisador)– Fitas cassetes – Fitas de Vídeo – Recortes de Jornais – Discos.
- 5 – Wilson Maria dos santos (músico/amigo) – Álbum de Partituras - fitas cassetes - Fitas de Vídeos Correspondências (Epístolas) - disquetes. – Discos.
- 6 – Reginaldo Salvador de Alcântara (fitas cassetes, fitas de vídeos, partituras, fac-símile)

ANEXOS

ANEXO A - Parcerias Poéticas

Ana Ivo – Ana Maria Ivo, poetisa, pintora e também médica. São de sua autoria as letras das músicas: *Novos Rumos, Cinema mudo, Maria Angélica, Foi um Sonho, Só nós dois, Raio de sol, Argumento pra Rossini*(c/ *Henrique Annes*)-(inédita), *Numa Retreta* – (inédita), *Choro no natal* (c/ *Henrique Annes*)

Lúcia Baptista – Poetisa, cantora, professora de pintura em porcelana do Colégio Sacré Couer e amiga, residente no Rio de Janeiro. Tem um disco gravado e neste consta a música Fascinante; são de sua autoria as letras: *Ansiedade, Fascinante, Recado, Atrevido, Lúcia Baptista* (Homônima).

Aldemar Paiva – Aldemar de Buarque Paiva Radialista, produtor, redator, apresentador comediante e contador de Causos, é autor das letras das músicas: *Tristeza de um Carnaval, Na casa do Didi* (concebida inicialmente como: *Na casa do Giba*)

Dalva Torres – A cantora predileta de Rossini é autora da letra da música: *Inspirações* (c/ Adalberto Cavalcanti, Beto do Bandolim)

ANEXO A-1 Os poemas (letras)



Foto 16 - Rossini e a poetisa Ana Ivo

Durante o processo investigativo, conhecendo mais e mais sobre Rossini e as personagens ligadas, de uma forma ou de outra, à trajetória sua musical, foi se descortinando e se consolidando um novo universo diferente do universo sonoro um universo paralelo: o universo poético, também sonoro. Indubitavelmente, a música, por si só, já comporta a poesia. É sabido que as artes, de certa forma, estão interligadas e, quando se trata de música e poesia, há sempre uma forte interação. Como a vida do chorão é de reunião em reunião, de roda em roda, numa dessas Rossini se defronta com os seus parceiros poéticos: Aldemar Paiva, Lúcia Baptista, Ana Ivo, Dalva Torres.

Com estes parceiros fez muitas parcerias. Parcerias esta, que partiram todas de uma premissa pré-estabelecida: A música.

Nesses processos os poetas e poetisas, colocaram letras nas músicas procurando preservar certa fidedignidade à linha melódica, rítmica e harmônica, inclusive ao título pré-estabelecido da música. Se houve alguma exceção, esta se deu com a música *Maria Angélica*, a qual sofreu alteração no seu ritmo, que de início, era bem acelerado, um *allegro*, sendo desacelerada e tornando-se um andante. Este fato, como se deu, será apresentado logo mais pela própria Ana Ivo.

[...].conheci primeiro Rossini. Eu gostaria de já ter conhecido a música de Rossini antes..... a minha casa sempre foi casa dos artistas.....Rossini tinha vindo do Rio de Janeiro, a gente recebia quem viesse. Então fiz um jantar pra Rossini, lá em Boa Viagem, estávamos morando em um apartamento que o síndico geralmente reclamava quando a gente passava das dez horas. A gente já tava lá pras tantas, uma hora da manhã, quando o síndico chegou na porta e eu disse: o senhor me desculpe.. ai ele fez:

não, eu vim dizer que as regras são regras mas, dessa vez, eu vou passar por cima das regras com a seguinte condição: quero ser convidado.. Foi ótimo. Conheci Rossini neste jantar. Quando eu conheci Rossini parecia que a gente se conhecia há séculos, sabe!, mil idéias, mil coisas, por que eu já fazia alguma letra pra Henrique (Annes). Quando ele chegou eu já fui enlouquecendo querendo fazer as coisas por que eu achei as músicas de Rossini simplesmente lindas... Foi uma empatia muito grande, a gente ficou até o dia amanhecer, eu morava perto da praia, ali na rua dos navegantes, a gente viu o dia clarear tocando..."

1 - **Novos Rumos** (Rossini Ferreira e Ana Ivo)

Uma Homenagem ao poeta Carlos Drummond de Andrade:

*Diariamente a mesma porta / e as mesmas ruas / Só eu que não consigo ser igual /
Quem sabe se me engano / E as Pedras do Caminho / Também se mudam toda matinal /
Assim tenho a dizer / Que antes de se ver / Por onde anda alguém / Que está perdido em viver /
Terá que procurar / Saber onde andar / A pedra do dia em que se perdeu /// A ânsia de
alcançar / A glória – bem viver – / Bem pode desmarcar / Caminhos que seriam certos / O
jeito de olhar / O dia (como achar) / Topar n’algum lugar / E se expor -vento soprar /
Deixar, / Que alguma lua passe um serenar / Deixar, / A foto do perfil e perguntar Será... /
Que ele é novo agora a se encontrar / E vai... / Pra ser como foi melhor será.*

2 - **Cinema Mudo** (Rossini Ferreira e Ana Ivo)

Uma homenagem ao grande Chaplin:

*Andar de marcha ré / Desandar, manquejar, / Bengala, bigodão, / Preto e branco e
sem som, / Suspiros, Greta Garbo, / Balé, Valentino, / Na boca coração, / Um romance
menino. / A saia desatar, / Nem cair, desmaiar, / A moça de maiô, / Que horror, que amor! / A
mão na sua mão, / Gelou mais seus pés / E corou Seu pó-de-arroz de vez. /// Vira, virou,
mexeu, / Era de fazer oh! / Um abanar de leques, / Tanto de fazer dó, / Um bandolim de
mestre, / Ao vivo si bemol, / Fazer o que se deve e a / Cena ser maior. / Um vagabundo serve
/ Pro mundo ver melhor / Vira casaca e blefe, / desmonta o Xilindró, / O lanterninha chega, /
Nos assistiu total, / Mas proibiu o beijo fina*

3 - **Maria Angélica** (Rossini Ferreira & José Carlos – Ana Ivo):

*De leve o claro das nuances, / Das águas marinhas, / Pedras de corais / Vem refletir
formas no branco da areia de grão de cristais / Encorpa musas encantadas, / Vênus
Butticeli em conchas de mar / Ulisses, me entrego pras ondas furor de poeta / Me solto do
mastro me esqueço do cais /// E onde a formosura canta esta loucura tanta que me entrego, /
ando pelas águas tanta esta loucura, tanta que me faz / Sirena aviso pelo verso mas já estou
longe / Ilha submersa que não sei aonde / E uma lenda fica na beira do mar./// Mulher você
que me pressente viajando / Se é preciso navegar / Meu nome chama pelo vento / Não sabe
mas há de esperar / Na vida acredita e nega-se / A outro herói que em terra afirmar / Que o
amor naufraga sem resposta / O amor não trai quem foi pro mar / Maria Angélica,
entretanto, como fora ave / Que é de mergulhar / Confunde a gente com seus olhos / Canta*

inaudível pra quem sabe o mar / Meus dedos tremem pelas cordas / Perto dela, o medo, se ela fica ou leva / E os encantos desses perto dela / Eu temo não desencantar.

4 - Só Nós Dois (Rossini Ferreira – Ana Ivo) :

A solidão na vida é “relativo” / Não tem a ver com gente ou multidão / Sentir que o olhar se perde e de repente / O medo de estranhar o próprio irmão / É que este amor só se sabe bem preciso / Da face que completa o coração / Eu sei que você tem os seus motivos / Mas sem você não tem mais ninguém não /// A sós bem ao contrário é como fosse / Um mundo inteiro preenchido aqui / E o tempo será sempre sendo hoje / E os espaços infinitos sem medir / E assim em nome de um vazio tanto / Eu peço não me deixes pra depois / Que tendo tantos planos pra ser útil / Eu sei que só sou gente, só nós dois.

5 - Quando Estou Triste (GODIVA E EU) (Rossini Ferreira – Ana Ivo):

Entardecer de amor / Do amor de noite / Sem lua fico escuro e deserto / Coruja pia, arrepiava a rua / Por onde baila nua / A lua e a minha namorada /// Aonde vás não vês que sou atalho / Godiva em seu cavalo de meu rei / A sombra nem sequer verei / Cegaram-me quando te olhe / Porque o amor despiu / O que eu amei / Talvez não saibas / que o amor se arrisca / escrupulosa nos longos cabelos / me proibiram ser teu cavalheiro / me condenaram às trevas por inteiro. / O atrevimento eu sei / Tem dois juízes / Tão bela a rosa / atreve-se a espinhar / agora a musa / ainda me persegue / quem condena de revê-la a sonhar / quando estou triste.

6 - Foi Um Sonho (Rossini Ferreira – Ana Ivo) :

Foi um sonho / Ela floria jardins pra mim / E perfume, buquê de rosa, alecrim e afins / Pressentia o que eu precisava / Me fazia sultão, me endeusava / Se virava em deusa ou escrava / E tecia outras vidas pra mim /// Foi um sonho / Ela fazia eu vencer El Rei / No exemplo do pão se multiplicar / E pra dar mais encanto era lua / Que distante é mais de toda rua / Lumiava mas nunca chegava de todo enfim /// O espinho da rosa, / Cravado em meu peito / Onde eu quis para sempre / O meu jardim guardar / e esta força divina guardando a saudade / já me faz provar / que verdadeiro seria / o céu nos seus braços / que estive a voar e sete vidas morenas / sete vezes setembro vão me eternizar. /// Se você toca nas chagas / E diz: foi um sonho / Sem acreditar / Se, me magoa, ou me trata / Mas insiste em sempre / negar / A razão vem mostrar / Que a vida no sonho / E a vida é um eterno sonhar / E o problema do sonho é somente / A gente ter que se acordar.



Foto 17 - Maria e Rita Rossini com Aldemar e Angelita

7 - Na Casa Do Didi (Rossini Ferreira – Aldemar Paiva)

O poeta faz alusões ao paraíso praieiro de Jericoacoara local de retiro e reuniões de chorões no Ceará:

Eu vou fazer num dia de verão / Convite de afeição pra você visitar / A casa de um irmão / aberta para o mar / Onde a fascinação chegou para ficar / Eu vou levar um guia pela mão / Você com emoção para sonhar / Ouvir, sentir, curtir até o fim, / A alma do meu bandolim / Imóvel não se faz somente em pedra e cal / Tem algo mais especial / Depois da construção se bota o coração / Porque essa mansão é mais do que uma habitação / É mais que uma habitação / É ilha de ternura é algo da procura / Daquilo que se quer / Na mais intensa ansiedade / Vou revelar aqui é a casa do Didi / A imagem da real felicidade

8 - Fascinante (Rossini Ferreira & Lúcia Baptista)

Fascinante é o sol de manhã despertar / E a terra toda de ouro banhar / Num festival de calor, de beleza e luz / É num prateado, raio de luar / Vê sempre a brilhar, toda paz desejada A paz cobiçada que ao mundo seduz / É um seio lindo o filho amamentar/ É um botão em flor se transformar / É a noiva toda feliz dar o sim / É com sete notas conseguir formar / Milagres de sons para um bandolim /// É vê a criança em paz a brincar / Confiante a qualquer se entregar / Enfeitando com um sorriso puro, o jardim / É poder com as aves, sair a cantar, num dueto, / A igualar a pureza que emite qualquer querubim / É ter no peito fluente a brotar, / Alegria de se saber dar / Nos amigos poder confiar / É ter vontade de contigo estar / Ter saudade por muito te amar / Fascinante é a vida em fim. / É um seio lindo o filho amamentar / É um botão em flor se transformar / É a noiva toda feliz dar o sim / É com sete notas conseguir formar / Milagres de sons para um bandolim.

ANEXO A-2 As músicas que possuem poemas (letras)

(Com asterisco as letras que foram resgatadas)

1 – **Ansiedade** – Lúcia Baptista / 2 – **Atrevido** – Lúcia Baptista / 3 – **Choro No Natal** – Ana Ivo / 4 – **Cinema Mudo** – Ana Ivo* / 5 – **Fascinante** – Lúcia Baptista* / 6 – **Foi Um Sonho** – Ana Ivo* / 7 – **Inspirações** – Dalva Torres / 8 – **Lúcia Baptista** – Lúcia Baptista / 9 – **Maria Angélica** – Ana Ivo* / 10 – **Na Casa Do Didi** – Aldemar Paiva* / 11 – **Novos Rumos** – Ana Ivo* / 12 – **Recado** – Lúcia Baptista / 13 – **Só Nós Dois** – Ana Ivo* / 14 – **Tristeza De Um Carnaval** – Aldemar Paiva / 15 – **Numa Retreta** – Ana Ivo (Inédita)*. / 16 – **Quando Estou Triste (Godiva E Eu)** – Ana Ivo (Inédita)*

OBS: As músicas letradas: “*Cinema Mudo*” (Carrefour Festival), “*Novos Rumos*” (Festival dos Festivais da Rede Globo), “*Fascinante*” (Disco da cantora Lúcia Baptista) possuem gravações em disco enquanto as demais possuem gravações apenas em fitas cassetes.

ANEXO B – Parcerias Musicais

- 1 - **Roberto Vale** – É parceiro na música: AMIGO COSME (choro)

- 2 - **Henrique Annes** – É parceiro nas músicas: CHORO NO NATAL (choro)
SORRINDO PRA TETÊ (choro), TEIMOSA (xote/Maxixe) /

- 3 - **Adalberto Cavalcanti** - É parceiro na música: INSPIRAÇÕES (choro) que tem letra de Dalva Torres.

- 4 – **Altair De Oliveira**- É parceiro na música: JOCELYN NO CHORO (choro)

- 5 – **José Carlos** – É parceiro na música MARIA ANGÉLICA (valsa-choro) que tem letra da poetisa Ana Ivo e é detentora do 3º lugar no Festival Itau-Fundarpe.

- 6 – **Monique Do Cavaco** - (choro) Tem parceria em VIVENDO NOS ARES

- 7 – **Marco Cesar** – É parceiro em : UM MAXIXI PRA ROSSINI (maxixe). Essa música, a priori, nasceu como uma homenagem a Rossini e possuía apenas duas partes. Ao ouvir Rossini gostou, empolgou-se e daí fez uma terceira parte, passando esta a ser uma homenagem participativa.

- 8 – **Canhoto Da Paraíba** – O nosso Chico Soares ou Sacristão, como Jacob e os amigos o chamavam, tem parceria com Rossini na música CUMPADRE ALFREDO (choro), uma homenagem ao amigo, de ambos, Alfredo Medeiros. Este choro, foi composto a tanto tempo atrás que, Rossini não mais se lembrava. Certa feita, Marco César convidou Rossini para ouvir uma música em sua casa e lhe pergunta quem é o autor, e Rossini não sabe lhe responder, ou não lembra e Marco lhe diz que é de sua autoria em parceria com Chico Soares, aí ele se lembra e dá aquela sua tradicional gargalhada.

- 9 – **Wilson Maria** – Tem parceria com Rossini na música TORÓ (choro). Esta música Rossini fez a primeira parte e entregou a Wilson para que fizesse uma segunda parte.

ANEXO B-1 – O ofertório
(As homenagens musicais de Rossini para os amigos)



Foto 18 - Wilson Maria e Rossini numa peleja

De início Rossini compunha e, comumente, não tinha nomes para batizar as músicas. Então, colocava denominações a esmo, de estalo, de veneta, sem uma ligação direta, sentimental, cordial... Segundo Wilson Maria, certa vez, Rossini pediu a Aldemar Paiva que arranjasse um nome para uma música, e ele colocou “Talvez Você”, nome que prevalece. Parece que ele não gostou muito, achando sem sentido. Foi aí que Wilson lhe sugeriu que passasse a homenagear os amigos presenteando-os com suas músicas aquelas pessoas do seu ciclo de amizades. Rossini acatou a sugestão e começou dando-lhe liberdade para nomear um choro que, na verdade já tinha nome: *Empurrando com a barriga* que, de logo, Wilson sugeriu, puxando pra sua sardinha, claro! Ninguém é perfeito, ou de pedra, “Chorando com Wilson Maria”. Doravante Rossini passou a prestigiar e homenagear os seus amigos com a sua música, criando assim um panorama paisagístico daqueles que orbitavam o seu universo musical e poético. Assim sendo, procurarei relacionar aqui, as músicas e seus respectivos homenageados, com as relações de amizades e cumplicidades inerentes a cada.

1 - **Abraçando Avena** – Choro - Dedicado ao grande bandolinista, compositor e amigo, Avena de Castro.

2 - **Amigo Cosme** -- Choro – dedicado ao amigo Cosme, instrumentista e amante incondicional do Choro e das rodas de choro. Ainda hoje, ali em Prazeres, Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco, é realizado quinzenalmente na sua residência, as suas rodas de choro, que a sua família ainda mantém. Uma das poucas que resistem as intempéries da modernidade contemporânea e ao trator avassalador da indústria cultural imediatista.

3 – **Arte-e-manhas do marquinho** – choro – Dedicado ao amigo e grande bandolinista Marco César de Oliveira Brito. Marco César é filho do grande violonista, de seis e sete cordas “Tozinho”. Que era contemporâneo e grande amigo de Rossini, com o qual mantinha uma intensa correspondência lítero musical, mais sonora do que literal,, principalmente quando de sua estada no Rio de Janeiro. Marco César, como o próprio afirma, vem da escola de Rossini e aprendeu muito com ele. Hoje tem a sua personalidade bandolinista é um nome respeitadíssimo em Pernambuco com uma legião de seguidores e adeptos. Foi integrante fundador da Orquestra de Cordas dedilhadas de Pernambuco, coordena o Conjunto Pernambucano de Choro, a Orquestra Retratos do Nordeste, a Orquestra de pau e Cordas e o Coral Edgar Moraes é professor no Conservatório Pernambucano de Música e em Olinda a e outros municípios de Pernambuco além de coordenar sua própria escola.

4 - **Capibaribe** - (choro) Dedicado ao amigo Paulo Fazanaro do Rio de Janeiro

5 – **Carmem** - valsa-choro – Dedicada a amiga Carmem Brow Guedes dos Santos, esposa de Walter Guedes dos Santos, que é sobrinho de Wilson Maria. Walter foi o produtor do primeiro disco solo de Rossini intitulado “Choros Românticos” e co-produtor do disco “Um alô para o SIX”

6 – **Chorando Com Wilson Maria** - (choro)- Dedicado ao grande amigo e bandolinista, aposentado do Banco do Brasil, Wilson Maria dos Santos de Campina Grande na Paraíba. Wilson é o incansável e o maior e mais fiel escudeiro na luta pelo levantamento e documentação da obra de Rossini. É de sua autoria a compilação e reunião de um álbum de partituras com sessenta e quatro das suas Obras, após minuciosa revisão do próprio autor, das quais, fez a maioria esmagadora das transcrições e cópias, com editoração eletrônica e tudo mais, utilizando-se do programa Encore-4 for Windows 95, contou com a colaboração do seu sobrinho..... , isto em Campina Grande no ano de 1996.

7 – **Chorando Sem Dolores**_ - (choro) Dedicado a amiga Dolores Tomé

8 – **Choro Pra Denise** - (choro)-(À grande amiga Denize Lazaro

9 – **Concordiando** - (choro)- Em homenagem à Gerson Ferreira Pinto o grande flautista do grupo Amigos do Choro, junto com o qual participou de inúmeras jornadas e conquistas

musicais. O nome *Concordiando* vem de um mini latifúndio, uma granja, que tem o nome de *Concórdia*.

10 – **Dalva** - (valsas) - Ele dizia que era “A minha cantora predileta”. Dalva Torres canta, ainda, ali no Recife, comumente acompanhada pelo grupo Os Boêmios.

11 – **De Galho Em Galho** - (choro) - (Ao amigo e violonista de sete cordas, também do grupo amigos do Choro Adoniran Pinto Barbosa

12 – **Dr. Menna** - (choro) – Dedicado ao grande amigo médico, Dr. Pedro Augusto Menna Barreto, violonista, na casa do qual ficava sempre que ia ao Rio de Janeiro.

13 – **Jaíra** - (valsas) - À amiga Jaíra Maria Batista Paes

14 – **Jorge Antonio** - (choro)- dedicado ao exímio bandolinista cearense radicado no sul Jorge Antonio Cardoso de Moura. O Jorge Cardoso foi apresentado ao Rossini pela primeira vez numa das idas de Rossini ao Ceará à casa do Didi, pelo amigo e cavaquinho Assis, o Six, desta feita Jorge chegou com um caderninho, acompanhado do pai, caderno este cheio das músicas de Rossini. Jorge Cardoso gravou, no seu CD “Som de Bandolim”, uma música de Rossini o frevo “Lembranças de Recife”.

15 – **Josete** - (valsas)- Em homenagem a amiga Josete Almeida dos Santos, esposa de Wilson Maria dos Santos

16 – **Júlia Luíza** - (valsas)- Dedicada ao nascimento de Júlia Luíza Dijkstra neta do casal Pedro Augusto e Samira Menna Barreto.

17 – **Lúcia Batista** - (xote/maxixe) Dedicado a professora de pintura, cantora e poetisa do Rio de Janeiro Lúcia Neves Baptista que letrou outras suas músicas.

18 – **Mais Uma Saudade** - (choro)- Dedicado a Tozinho grande violonista de seis e de sete cordas, pai do bandolinista Marco César.

19 - **Márcio Do Cavaco** - (choro)- Dedicado ao talentoso cavaquinhista e amigo Márcio Moura de Almeida.

20 – **Maria Angélica** — (valsas) Em parceria com José Carlos e dedicado a Maria Angélica. Rossini estava na casa de um amigo quando compunha esta música e a moça da casa sempre que passava por ele perguntava sobre a música daí Rossini resolve homenageá-la colocando seu nome: Maria Angélica

21 – Maria Helena - (valsas)- Dedicado à grande amiga Maria Helena Diniz

22 – **Na Casa do Giba** - (samba) -Dedicado ao amigo Dr. Gilberto Marques Paulo Agora com nova denominação de NA CASA DO DIDI, re-dedicado ao empresário Cearense *Didi*.

23 – **Pé de Boi** - (choro) – Dedicado ao amigo violonista Jair Justino de Oliveira também do Amigos do Choro esposo de Nilza Peixoto de Oliveira, que toca Afoxé.

24 – **Poesias do Aldemar** - (choro) - Dedicado ao grande amigo, poeta, produtor, roteirista, comediante Aldemar Buarque de Paiva.

25 – **Pra Devani** - (choro)- Dedicado ao amigo Devani Alves Viana

26 – Ritinha - (rancheira)- Dedicado a Maria Rita de Souza Ferreira companheira de todas as horas, esposa de Rossini.

27 – **Samira** - (valsas) – dedicado à grande pintora, esposa de Dr. Menna, Samira Lins Menna Barreto

28 – **Só Risos do Altair** - (choro)- ao bandolinista Altair Gonçalves de Oliveira.

29 – **Sorrindo pra Tetê** - (choro) De Rossini e Henrique dedicado a TeTê

30 – **Suzana** - (valsas) dedicada à sua filha Suzana mãe de Adonis e Leonardo.

31 – **Tita** – (valsas) Dedicado a sua Irmã de Rossini, Agripina Ferreira, mãe Tita, aquela que tocava bandolim e que por fim presenteou Rossini com o seu primeiro Bandolim.

32 – **Toni** - (choro) – Ao grande violonista José Antonio de Azeredo filho .

33 - **Um alô para o Six** - (choro)- Dedicado ao grande amigo advogado e signatário cavaquinista hexadactílico Francisco de Assis carvalho da Silva, companheiro de muitas seresta, muitas rodas, muitos Saraus, em Campina Grande na casa de Wilson Maria , na casa de Aldemar Paiva em Recife, na casa do Didi no Ceará. E na sua casa em Brasília, onde tocava o seu cavaquinho e costumava também alegrar com o seu canto ímpar.

34 – **Um Chorinho para Letícia** - (choro) – Dedicado a amiga Letícia Menna B. Dijkstra, filha de Samira e Menna Barreto.

35 – **Jocelyn No Choro** - (choro) – De Rossini Ferreira e Altair de Oliveira dedicado ao amigo Jocelyn

ANEXO B-2 – OS TRIBUTOS

(As músicas que homenageiam Rossini)

O Rossini era uma pessoa muito querida e bem relacionada. Possuía uma alegria contagiante, uma riso marcante e uma legião de admiradores. Alguns destes fizeram-lhe estas homenagens. São músicas choros, maxixes, lamentos, todos feitos em sua homenagem e em vida.

1 – **Rossinando** - Uma homenagem de Francisco de Assis Carvalho da Silva, o Six de Brasília.

2 – **Um Maxixe par Rossini** - de Marco César & Rossini Ferreira – Uma homenagem de Marco César – Recife PE.

3 – **Alô Rossini** - Uma homenagem de Wilson Maria dos Santos – C. Grande PB.

4 – **Meu caro Rossini** - Uma homenagem de Adalberto Cavalcanti – Recife PE

5 – **Conversando com Rossini** – Uma homenagem de Altair Oliveira Rio RJ

6 – **Homenagem a Rossini** – Uma homenagem de Vandinho.

7 – **Mensagem a Rossini** – Uma homenagem de José Siqueira

8 – **Um chorinho pra Rossini** – Uma homenagem de Otaviano do Monte

9 – **Palhetando pra Rossini** – Uma homenagem de Marco César e Nuca

10 – **Frevando pra Rossini** – Fernando R. de Menezes

OBS: Algumas destas foram gravadas em disco como: “**Rossinando**” no disco *Um alô para o Six* e “**Meu caro Rossini**” por Adalberto Cavalcanti no disco *Inspirações* e ainda “**Palhetando pra Rossini**” que teve gravação MID no “CD” *Chorando no Computados* de Inaldo Leitão.

ANEXO C – Rossini pelos amigos (Rossi, coloquialmente falando)

Rossini era muito brincalhão, uma pessoa muito alegre e comumente bem humorado. Daí as pessoas mais chegadas brincarem naturalmente com ele. Rossini costumava dar uma risada, gargalhada sui-generis o que levou o pessoal da Oficina de Cordas Dedilhadas a cognominar de “Risada Trombonal”. Por ser um dos mais maduros da Orquestra, também era carinhosamente chamado de “Seu Lico”, e até, “Zuza”. Tudo na mais perfeita ordem. Sempre prevalecendo a alegria. Para os de casa era Rossi, o menino Rossi.

1 – **Aldemar Paiva...**

”o irmão músico que eu não tive....Eu abusava mais dos bons predicados dele por que eu explorava o Rossini, quando recebia os meus amigos....tivemos juntos durante uns quatro ou cinco anos.....com Rossini eu aprendi a ser humilde a admirar a sua inteligência, sua inspiração prodigiosa e depois de a sua morte a lamentar que ele não tenha sido aquele deus da música e do bandolim que mereceria ter sido.....

Além de ser um exímio executante do seu instrumento, o bandolim, Rossini impregnava aquilo com a sua própria alma e além do mais, eu considero Rossini um compositor tão importante como Jacob. Olhe ele tem verdadeiras obras primas. Não tem nada mais bonito do que Ansiedade...(Ele tocou, tocou... pra Maurício Carrilho, que achou tudo bonito e interpelou: agora toque uma feia. E ele tocou Feia de Jacob). Há um toque de humor no seu trabalho.... Ele tinha um riso franco, um sorriso aberto, tranqüilo e era um homem sem maldade.”

2 – **Ana Ivo**

“Ele tinha uma felicidade quando tocava tão grandeNão foi explorado do Rossini tudo o que ele podia dar pra gente, porque ele tava sempre disponível, nunca se negava, ah! porque não vai ser pago, ah! por queé amor a arte. Era um grande amante da sua própria arte... Então Rossini eu descreveria como uma pessoa Corajosa, muito corajosa...”

3 – **Marco César**

” Eu acho que ele foi importante não só para o choro pernambucano, mas para o choro no Brasil. Principalmente no Rio de Janeiro, porque ele influenciou muita gente, inclusive eu sou um dos discípulos de Rossini, seguidores de Rossini, entendeu, tanto é que eu estou com os dois bandolins que foram dele e me espelhei muito em Rossini, vi muito Rossini tocar, acompanhei Rossini muito e eu posso dizer a você que ele foi, assim, um maior incentivador , depois de meu pai...”

4 - **Valter Guedes dos Santos**

“Rossini Ferreira, sem sombras de dúvida, foi um grande instrumentista, pois tocava de maneira individual, sem comparação com outros bandolinistas. Tirava um som puro, forte, limpo, de grande interpretação de suas musicas e de outros compositores também. Não sou profundo conhecedor de bandolinistas, mas na minha modesta opinião Rossini Ferreira está para sempre entre os grandes músicos do nosso País, sem falar na suas composições para o bandolim, que depois de Jacob, pouca gente escreveu tanto para esse instrumento. Rossini Ferreira representa uma escola que só ele criou, sua maneira inigualável de tirar o som do bandolim com sua pureza.”

5 - **Gloria Marisa**

“Ele sempre tinha uma piada pra contar.....quando vai chegando perto de você ele já vai procurando te contar uma piada”

6 – **Robertson Ferraz**

“Meu contato com Tio Rossi foi muito restrito, ele no Rio agente por aqui. Uma vez ele me deu de presente umas cordas velhas de bandolim, eu tinha uns 5 anos, por incrível que pareça, para mim foi um grande estímulo para começar a tocar. Eu via as rodas de choro e samba, e sabia de alguma forma que queria participar daquilo. Hoje admiro muito o chorinho, alguns choros famosos estavam na minha cabeça desde aquela época e foram despertados depois dos meus 20 anos. Tio Rossi era muito generoso, e como tinha facilidade em fazer grandes amizades, era espirituoso, não parecia ser uma pessoa comum. Me lembro de sua risada espalhafatosa, mas era bem sério com filhos e netos. Outra coisa marcante nele era a humildade, vi muita gente elogiando ele, mas ele nem ligava, parecia um iniciante musical, ele sempre desconversava após o elogio. Ele tinha uma sensibilidade musical acima da média,

quando ele tocava, parecia que se transformava em outra pessoa, não era aquela pessoa que conversava conosco Instantes atrás. Tio Rossi me dava a impressão que vivia a música, apesar de não vê-lo ensaiar exaustivamente, estava dentro dele.”

7 - **Jorge Cardoso:**

“...Rossini foi um grande amigo e instrutor sem saber sua importância, assim como a musica pernambucana e os gêneros nordestinos. O tempo passou e ao longo de muito tempo, encontrei-me com Rossini na res. do Didi Silveira em memoráveis saraus, onde tenho algumas recordações em fotografias e gravações. Em Recife, Rossini me apresentou o bandolinista Marco Cesar, que muito me orientou no inicio de minha carreira. Conheci Canhoto da Paraíba através de Marco Cesar em Recife e vários componentes da já extinta Orquestra de cordas dedilhadas de Pernambuco, que Rossini participava. Depois de conhecer Rossini, conheci Aldemar Paiva, a quem tenho grande admiração também, assim como o grande Capiba, que gostou muito de mim ao me ver tocando suas musicas e a "*valsa verde*", que aprendi de ouvido ao ouvir os Lps(Vinil) dele. Foram grandes momentos.”

ANEXO D – A obra

As músicas de Rossini que estão catalogadas no Álbum e que perfazem 64 no total, com o acréscimo de mais quatro, inusitadas e de todo, que são: “Toró” em parceria com Wilson Maria, “Um maxixe pra Rossini” em parceria com Marco César e “Cumpadre Alfredo” em parceria com Canhoto da Paraíba, Numa Rereta e Argumento pra Rossini em parceria com Ana Ivo e Henrique Annes, perfazendo agora um total de 68 músicas.

ANEXO D-1 – As composições de Rossini

(Em ordem alfabética, como disposto no Álbum de Partituras)

- 1 – **Abraçando Avena** - Rossini Ferreira
- 2 – **Amigo Cosme** - Rossini Ferreira – Roberto Vale
- 3 – **Analisando** - Rossini Ferreira
- 5 – **Ansiedade** - Rossini Ferreira
- 6 – **Arte e Manha do Marquinhos** – Rossini Ferreira
- 7 – **Atrevido** - Rossini Ferreira
- 8 – **Caindo no Choro** - Rossini Ferreira
- 9 – **Capibaribe** - Rossini Ferreira
- 10 – **Carmem** - Rossini Ferreira
- 11 - **Chorando com Wilson Maria** - Rossini Ferreira
- 12 – **Chorando sem Dolores** - Rossini Ferreira
- 13 – **Choro Íntimo** - Rossini Ferreira
- 14 – **Choro no Natal** - Rossini Ferreira – Henrique Annes
- 15 – **Choro pra Denise** - Rossini Ferreira
- 16 – **Cinema Mudo** - Rossini Ferreira
- 17 – **Concordiando** - Rossini Ferreira
- 18 – **Cumpadre Alfredo** - Rossini Ferreira – Chico Soares (inédito)
- 19 – **Dalva** - Rossini Ferreira
- 20 – **De Galho em Galho** - Rossini Ferreira
- 21– **DEVANEIO** - Rossini Ferreira
- 22– **DR. Menna** - Rossini Ferreira
- 23 – **Fascinante** - Rossini Ferreira
- 24 – **Foi um Sonho** - Rossini Ferreira

- 25 – **Inesquecível** - Rossini Ferreira
- 26 – **Inspirações** - Rossini Ferreira – Adalberto Cavalcanti
- 27 – **Jaira** - Rossini Ferreira
- 28 – **Jocelyn no Choro** - Rossini Ferreira – Altair de Oliveira
- 29 – **Jorge Antônio** - Rossini Ferreira
- 30 – **Josete** - Rossini Ferreira
- 31 – **Júlia Luíza** - Rossini Ferreira
- 31 – **Labirinto** - Rossini Ferreira
- 32 – **Lembranças de Recife** - Rossini Ferreira
- 33 – **Lúcia Baptista** - Rossini Ferreira
- 34 – **Mais uma Saudade** - Rossini Ferreira
- 35 – **Márcio do Cavaco** - Rossini Ferreira
- 36 – **Maria Angélica** - Rossini Ferreira – José Carlos
- 37 – **Maria Helena** - Rossini Ferreira
- 38 - **Maxixe pra Rossini** - Rossini Ferreira – Marco César (inédito)
- 39 – **Melancolia** - Rossini Ferreira
- 40 – **Minhas Ilusões** - Rossini Ferreira
- 41 – **Na Cadência do Frevo** - Rossini Ferreira
- 42 – **Na Casa do Giba** (Didi) - Rossini Ferreira
- 43 – **No meu tempo era assim** - Rossini Ferreira
- 44 – **Novos Rumos** - Rossini Ferreira
- 45 – **Numa Retreta** - Rossini Ferreira (inédito)
- 46 – **Pé de Boi** - Rossini Ferreira
- 47 – **Poesias do Aldemar** - Rossini Ferreira
- 48 – **Por que te quero** - Rossini Ferreira
- 49 – **Pra Devani** - Rossini Ferreira
- 50 – **Raio de Sol** - Rossini Ferreira
- 51 – **Recado** - Rossini Ferreira
- 52 – **Ritinha** - Rossini Ferreira
- 53 – **Romântico** - Rossini Ferreira
- 54 – **Samira** - Rossini Ferreira
- 55 – **Só nós dois** - Rossini Ferreira
- 56 – **Só Risos do Altair** - Rossini Ferreira
- 57 – **Sorrindo pra Tetê** - Rossini Ferreira – Henrique Annes

- 58 – **Suzana** - Rossini Ferreira
- 59 – **Talvez Você** - Rossini Ferreira
- 60 – **Teimosa** - Rossini Ferreira – Henrique Annes
- 61 – **Tita** - Rossini Ferreira
- 62 – **Toni** - Rossini Ferreira
- 63 – **Toró** - Rossini Ferreira – Wilson Maria (inédito)
- 64 – **Tristeza de um Carnaval** - Rossini Ferreira
- 65 – **Um alô para o “Six”** - Rossini Ferreira
- 66 – **Um chorinho pra Leticia** - Rossini Ferreira
- 67 – **Vivendo nos ares** - Rossini Ferreira – Monique do Cavaco
- 68 – **Argumento pra Rossini** (Rossini - Henrique - Ana Ivo) (inédito)

ANEXO D-2 – O Álbum e partituras (Historiando o Álbum de Partituras das músicas de Rossini)

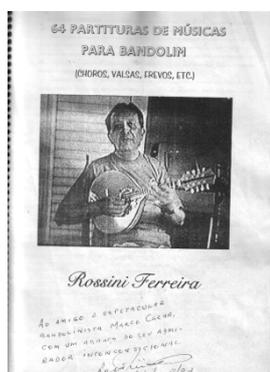


FIGURA 37 – Album de partituras I (Capa)

O Álbum de Partituras feito por Wilson Maria com supervisão de Rossini Ferreira. Este possui uma dedicação para Marco César: “Ao amigo e espetacular bandolinista Marco César, com um abraço do seu admirador incondicional Rossini Ferreira – Recife fevereiro de 1997”.

Apresentação (do Álbum)

Rossini Ferreira, nome conhecido na M.P.B., nasceu na cidade de Nazaré da Mata-Pe, em 07.0-7.1919e, atualmente, reside em Recife-Pe. Como bandolinista, tem uma legião de fies admiradores pela sua maneira peculiar, ora vigorosa, ora romântica, de interpretar o instrumento e, como compositor, um cem número, também, de admiradores pelas composições que nos vem legando, desde o antológico “Melancolia”, composto em 1947, até a valsa “Jaira”, recentemente composta (junho-1996).

Contemporâneo de Jacob do Bandolim, Pixinguinha e outros chorões do passado, marcou presença, por muito tempo, no rio de Janeiro, onde integrou o conjunto “Amigos do Choro”.

Assim, tivemos a satisfação de reunir todas as suas músicas, em um só caderno, após minuciosa revisão do próprio autor que contou, em boa hora, com os recursos da computação (Programa Encore-4 for Windows 95). W.M. Santos – Campina Grande – setembro 1996.

Wilson Maria dos Santos com a supervisão de Rossini Ferreira, reuniu em um álbum, ainda inédito, 64 das suas partituras, ainda no prelo, sendo do conhecimento apenas de alguns amigos chorões e amantes do choro. Este é fruto de um árduo e fervoroso trabalho, elaborado durante um bom período de tempo, numa parceria com o amigo bandolinista e aposentado do Banco do Brasil, Wilson Maria dos Santos, incansável defensor e amante da obra de Rossini. Pelo seu esforço incansável e incontestado este feito se concretizou.

Wilson se encarregava de fazer as transcrições, diretamente das fitas que Rossini gravava e mandava, via correio, diretamente para Campina Grande – Paraíba, onde Wilson

tem residência. Estas gravações na sua maioria eram feitas especialmente com esta finalidade. Wilson, de posse das fitas, transcrevia e mandava para que Rossini fizesse as devidas correções e observações. Posteriormente o Wilson digita todo esse trabalho no o computador através do programa Encore-4.0 for windows 95, o que facilita ainda mais o processo de revisão, audição e observação das músicas pela parceria Wilson e Rossini. Algumas destas partituras foram escritas por outros músicos como: Marco César, Jair Justino de Oliveira, entre outros.

Há um vasto material de correspondências no arquivo de Wilson Maria mostrando como eram intensas as correspondências, pois este trabalho foi elaborado, praticamente, à distância. Este Álbum foi concluído em campina Grande, Paraíba em setembro de 1996.

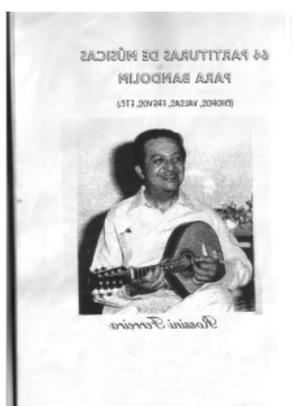


FIGURA 38 – Album de partituras 2 (Capa)

O Rossini não gostou muito da foto de frontispício do Álbum 1 e, solicitou de Wilson que trocasse por esta que ora estamos utilizando no frontispício deste trabalho por ter esta sua predileção.

ANEXO D-3 – O dia da criação

(As datas, em ordem cronológica, da criação das composições.)

Aqui estão elencadas as músicas, na ordem cronológica das suas criações, onde são apresentadas da primeira à última composição, apontando as lacunas de uma composição para outra, no caso das primeiras composições, como também, o período de maior e menor fertilidade do autor.

As composições de Rossini, em boa parte, não possuem a data rela da concepção de origem, em sua maioria adotou-se a data de elaboração das partituras, documentação gráfica. Esta correção está sendo elaborada, pacientemente, com a audição do acervo fonográfico (fitas cassetes) que estão na faixa das centenas.

- 1947 – **Melancolia** – (primeira composição) Uma composição.
- 1955 – **Ritinha** – Uma composição.
- 1959 – **Ansiedade – Lembranças de Recife** – Duas composições.
- 1975 – **Concordiando – Minhas Recordações** – Duas composições.
- 1976 – **Mais uma Saudade – Pé-de-Boi – Recado – Tita** – Quatro composições.
- 1978 – **Capibaribe – Teimosa** – Duas composições.
- 1979 – **Choro íntimo – Choro pra Denise – De galho em galho Labirinto** – Quatro composições.
- 1980 – **Atrevido – Fascinante – Lúcia Baptista - Suzana – No meu tempo era assim – Porque te quero – Só nós dois** – Sete composições.
- 1986 – **Caindo no choro – Chorando com Wilson Maria – NA cadência do frevo – Talvez Você – Tristeza de um carnaval - Vivendo nos ares** – Seis composições.
- 1987 – **Inesquecível – Romântico – Só risos do Altair** – Três composições.
- 1988 – **Um alô para o “Six” – Analisando** – Duas composições.
- 1989 – **Inspirações – Poesias do Aldemar** – Duas composições.
- 1991 – **Samira – Lembranças que não esqueço** – Duas composições.
- 1992 – **Dr. Menna – Josete – Maria helena – Júlia Luíza – Jorge Antonio – Dalva – Amigo Cosme – Dr. Menna** – Oito composições.

1993 – **Márcio do cavaco – Pra Devani – Toni** – Três composições.

1994 – **Um chorinho pra Leticia** – Uma composição.

1995 – **Carmen – Chorando sem Dolores** – Uma composição.

1996 – **Jaíra** (última composição) – Uma composição.

OBS: Pela ordem cronologia do período de criatividade de Rossini Ferreira percebe-se que a sua produção, de início era praticamente bissexta, pois levou oito anos da primeira para a segunda composição e quatro anos da segunda para a terceira, contudo, ficamos com uma média de “três músicas por ano”.

A sua produção cresce a partir de 1959, período que visita o Rio de Janeiro, e começa aí um intercâmbio e uma escalada gradativa na sua produtividade, vindo a se evidenciar mesmo nos anos oitenta, período posterior às suas premiações em concursos e festas, ficando evidentes os estímulos causados por estes eventos. Dos anos de 1993 tem início a rarefação.

ANEXO E – Discografia

O Rossini possui quatro discos gravados sendo um com o conjunto “Amigos do choro”, dois solos (“Choros românticos e Um alô para o “Six”) e um com Henrique Annes (“Chorinho do Capibaribe”) além de diversas gravações de suas músicas em discos de renomados grupos e instrumentistas como, Altamiro Carrilho, Jorge Cardoso, Adalberto Cavalcanti, Galo Preto; os conjuntos: Os Carioquinhos, Época de Ouro e em discos dos Festivais como: “Festivais do Festivais”, “Festival Carrefour”, I Festival do Chorinho Brasileiro – Brasileirinho”,

Os Amigos do Choro



FIGURA 39 – Amigos do Choro

Este é o primeiro disco de Rossini Ferreira com o conjunto amigos do Choro gravado em 1977.

FICHA TÉCNICA: Uma produção DISCOS RGE/FERMATA LTDA; Direção de produção e estúdio: A. Guimarães; Técnico de Gravação: Carlinhos; Mixagem: Carlinhos; Foto: Lucena; Estúdio: Havaí – 16 canais; Arranjos: Rossini Ferreira, Jair Justino de Oliveira e Gerson Ferreira Pinto. Ano: 1977

COMPONENTES: Rossini Ferreira/bandolim; Gerson Ferreira Pinto/flauta; Jair Justino de Oliveira/violão de 6 cordas; Carlos Eduardo de Souza/ violão de 6 cordas; Adoniran Pinto Borges/ violão de 7 cordas; Altair Manoel dos Reis/ Cavaquinho; Wilson Deão da Silva/Pandeiro; Nilza Peixoto de Oliveira/Afoxé.

MÚSICAS: 1 – Melancolia(Rossini Ferreira); 2 – Vibrações (Jacob do Bandolim)
3 – Lamentos(Pixinguinha); 4 – Tita(Rossini Ferreira); 5 – Ritinha(Rossini Ferreira)
6 – Conselho((Altayr Manoel dos Reis – Reizinho); 7 – Ansiedade(Rossini Ferreira)

8 – Okyk Ryas(Avena de Castro); 9 – Pede Boi(Rossini Ferreira); 10 – Quiexumes(Avena de Castro); 11 – Concordiando (Rossini Ferreira); 12 – Recado(Rossini Ferreira).

Chorinho do Capibaribe



FIGURA 40 – Chorinho do Capibaribe

Este é o segundo disco de Rossini, com o violonista Henrique Annes gravado em 1985.(não entrou no circuito comercial).

FICHA TÉCNICA: Diretor artístico: Pedrinho Medeiros; Direção executiva: Ugo Marotta; Assistente de produção:Paulo cardili; Eng. De som: Ary Carvalhaes, Jairo, João Moreira; Julhinho, Luís Cláudio, Márcio Gama

Assistentes de Estúdio: Barrozo, Charles, Manoel e Marcos; Diretor de Estúdios: Luigi Hoffer; Capa: Arthur Fróes Gravado na Polygram-Rio. Ano: 1985.

MÚSICOS: Bandolim: Rossini Ferreira; Violão: Henrique Annes; Flauta Synt: Ugo Marotta; Acordeon; Chiquinho do Acordeon; Violão de 7 cordas: João Lyra; Clarinete: Ivanildo Maciel; Cavaquinho: Mário de Moraes; Contrabaixo: Marcos Silva Araújo
Ritmo: Passarinho e Ovídeo; Arranjos e bandolim faixa 5 A (Chorando pra Hélia); Marco César).

MÚSICAS; 1 – Lembranças de Gravatá (Henrique Annes); 2 – Foi um sonho (Rossini Ferreira); 3 – Mesclado (Henrique Annes); 4 – Cinema Mudo (Rossini Ferreira); 5 – Chorando pra Hélia (Henrique Annes; 6 – Fim de Ano (Henrique Annes); 7 – Abraçando Avena (Rossini Ferreira); 8 – Arte-e-Manha do Marquinhos (Rossini Ferreira); 9 – Choro do Natal (Rossini Ferreira e Henrique Annes); 10 – Raio de Sol (Rossini Ferreira); 11 – Devaneio (Rossini Ferreira); 12 – Você não sabe que perdeu (Henrique Annes)

Choros Românticos

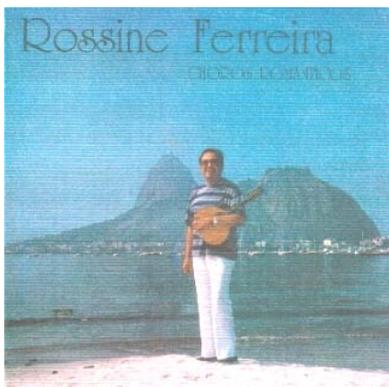


FIGURA 41 – Choros Românticos

Este é o terceiro disco de Rossini, seu primeiro disco solo, uma produção independente de Rossini e Valter G. Santos, gravado em 1994.

FICHA TÉCNICA: Produção: Rossini Ferreira e Valter G. Santos; Técnico de gravação: Antonio Carlos; Mix: Antonio Carlos; Estúdio: Havay – 16 canais; Arranjos: Rossini Ferreira; Músicos: Rossini Ferreira, Bandolim - Tony Azevedo, Violão de sete e de seis cordas; Márcio Almeida, Cavaquinho – Darly Guimarães, Pandeiro. Ano: 1994

MÚSICAS: 1 – Chorando com Wilsom Maria (choro dedicado ao grande amigo e bandolinista de Campina Grande); 2 – Lúcia Batista (tem letra de Lúcia) - (xote) dedicado à professora de pintura em porcelana do Colégio Sacré Coeur, grande poetisa e amiga do Rio de Janeiro). 3 – Romântico; 4 – No meu tempo era assim; 5 – Poesias do Aldemar (dedicado ao grande amigo Aldemar Buarque de Paiva, radialista e ex-diretor da PRA-8 Radio Clube de Pernambuco, excelente criador de “Causos” residente em Recife-PE.); 6 – Josete (valsa em homenagem a amiga Josete dos Santos esposa de Wilson Maria); 7 – Novos Rumos (tem letra de Ana Ivo) (Choro premiado no Festival dos Festivais da Rede Globo de Televisão); 8 – Dr. Menna (choro dedicado ao grande amigo médico DR. Pedro Augusto Menna Barreto violonista do Rio de Janeiro) ; 9 – Fascinante; 10 – Samira (valsa dedicada a Sra. Samira Edaisa Menna Barreto, esposa do Dr. Menna grande pintora e amiga do Rio de Janeiro); 11 – Foi um Sonho; 12 – Tristeza de um carnaval (com letra de Aldemar Paiva); 13 – Só nos dois (tem letra de Ana Ivo)

14 – Um alô para o Six (dedicado ao grande amigo advogado e cavaquinista Francisco de Assis Carvalho da Silva de Brasília); 15 – Raio de Sol

Um alô para o Six



FIGURA 42 – Um alô para o Six

Este, quarto e último, disco de Rossini, que seria o anterior mais o acréscimo de algumas músicas. Uma produção de Francisco de Assis com a distribuição da Kuarup. Foi gravado em 1997.

FICHA TÉCNICA: Produzido por Rossini Ferreira e Valter G. Santos (1-13), Francisco de Assis Carvalho da Silva (14-20); Gravado e mixado por Antonio Carlos (Hawai, maio de 1994/ 1-13) e Cristóvão Carneiro (SEL, setembro de 1997/ 14-20); Arranjos e direção de estúdio: Rossini Ferreira (1-13), Edson Santos (14-20); Pós-produção: Mario de Aratanha e Alexandre Hang (Drum); Masterização: Luigi Hoffer (Microservice); Capa: Jaime Jr. (foto), Mario de Aratanha (design). Ano 1997.

MUSICOS; Rossini Ferreira, bandolim (1-20); Tony Azevedo, violão de 7 e 6 cordas (1-13); Márcio Almeida, cavaquinho (1-13); Edson Santos, violão de 7 cordas (14-20)

Henrique Annes, violão harmonizador (14-20); Maurício Verde, cavaquinho centro (14-20); Darly Guimarães, pandeiro (1-20); Francisco de Assis (Six), cavaquinho solo (20)

Músicas; 1 - Chorando com Wilson Maria 3'33; 2 - Lucia Baptista 3'22; 3 - Romântico 3'06; 4 - No meu tempo era assim 2'18; 5 - Poesias do Aldemar 2'54; 6 - Josete 3'18; 7 - Novos Rumos 3'15; 8 - Dr. Menna 3'04; 9 - Fascinante 5'08; 10- Samira 4'22; 11- Foi um Sonho 4'11; 12- Tristezas de um carnaval 2'44; 13- Só nós dois 3'18; 14- Raio de Sol 3'04; 15- Choro Intimo 3'02; 16- Jaira 3'25; 17- Um Chorinho para Letícia 2'44; 18- Um maxixe pra Serginho 2'03; 19- Um alô para o Six 3'12; 20- Rossinando 5'14; Todas as músicas são de Rossini Ferreira, exceto 18 e 20, de Francisco de Assis Carvalho da Silva (Six).

ANEXO F – Participações Discográficas

Época de Ouro (Deo Rian)

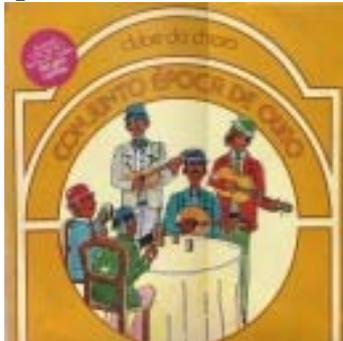


FIGURA 43 – Conjunto Época de Ouro - 1976

O conjunto Época de ouro foi o primeiro a gravar Rossini Ferreira com a música *Lembranças de Recife* no LP “Clube do Choro” da Continental no Ano de 1976.

Altamiro Carrilho



FIGURA 44 – Altamiro Carrilho (Antologia do choro vol.2) – 1977

Altamiro gravou no ano seguinte “*Ansiedade*”. No disco “LP” “Antologia do Choro Vol. 2, para a etiqueta Som Livre do selo Phonogram, de número. 6.6349.347, no ano de 1977.

Os Carioquinhas



FIGURA 45 – Os Carioquinhas no Choro

Quando este LP foi gravado em 1977, o Rossini havia acabado de colocar a música “*Ansiedade*” no I Festival do choro brasileiro– Brasileirinho – Daí foi necessário esperar terminar o Festival para poder lançar o Disco no mercado, pois a condição para a participação da música, no festival, era ser inédita e não ter sido gravada. A espera valeu pois a música foi classificada em primeiríssimo lugar.

Músicos do “Os Carioquinhos”: Paulo Magalhães Alves: bandolim, Celso Alves da Cruz: clarinete, Rafael Batista Rabello: 7 cordas, Maurício Lana Carrilho: violão, Luciana Maria Batista Rabello: cavaquinho, Celso José da Silva: pandeiro, Mário Florêncio Nunes: percussão) com a música *Ansiedade* no “LP” da Som Livre de número. 403.6232, no ano de 1977.

Galo Preto



FIRURA 46 – Galo Preto

O primeiro disco do conjunto (1978), produzido por Simon Koury na RCA Victor. Nele o Galo tem a clara preocupação de gravar choros clássicos, porém inéditos em sua maioria. O Galo Preto gravou a música *Recado*, que tem premiação de melhor choro inédito, no LP de mesmo nome, pelo selo RCA Victor de número 103.0235, no ano de 1978.

Festival Carrefour.



FIRURA 47 – Festival Carrefour

Este disco traz a gravação da música *Cinema Mudo*, com letra de Ana Ivo na interpretação de Dalva Torres. LP de nome *Festival Carrefour de Mpb – As 10 Finalistas –* gravado ao vivo no palco do Festival na Marginal Pinheiro nos dias 19, 20, e 21 de julho de 1991

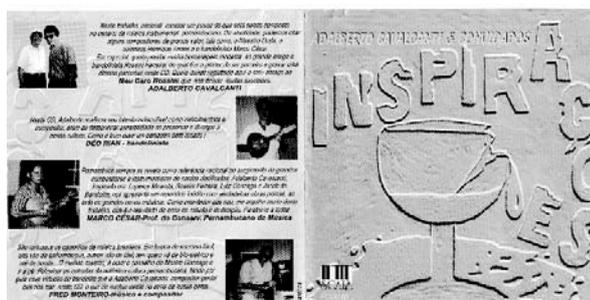
Festival dos Festivais



FIRURA 48 – Festival dos Festivais

Neste LP de nome Homônimo ao Festival, Rossini participa com a música *NOVOS RUMOS*, com letra de Ana Ivo e interpretação de Cida Moreira.

Adalberto Cavalcanti



FIRURA 49 – Adalberto Cavalcanti (Inspirações)

Esse CD possui a música *Inspirações*, (uma parceria Rossini e Adalberto) e uma homenagem a Rossini (*Meu Caro Rossini*) de autoria de Adalberto. Este CD de mesmo nome é numa produção independente, gravado no stúdio FSTUDIO em março e maio de 2001 em Recife Pernambuco.

Jorge Cardoso



FIRURA 50 – Jorge Cardoso (Som de Bandolim)

“Rossini, minha humilde homenagem ao Sr. neste CD é pouco diante da riqueza de suas composições, talento e nossa grande amizade é uma honra para mim!”.

Jorge Cardoso 13-11-1996”

Este CD de nome “Som de Bandolim” trás a gravação da música *Lembranças de Recife*, com produção de Maurício Carrilho, e com a participação de Tony, Luciana Rabelo, Jorginho, Paulo Sergio Santos, João Lyra e Maurício. Foi gravado em julho de 1996.. Este CD vem com um oferecimento manuscrito para Rossini.

Chorando No Computador



FIRURA 51 – Chorando no Computador

Esta produção independente e virtual vem com as músicas: *Carmem*, *Atrevido*, *Amigo Cosme*, *Analizando*, *Toni*, *Só Risos Do Altair*, *Inesquecível*, *Teimosa* de parceria com Henrique e *Palhetando Pra Rossini* de Marco César e Nuca em sua homenagem. Essa é uma iniciativa de Inaldo Leitão, da Praça do Choro, no computador, programa Encore . Ano 1999.

Na casa do Didi



FIRURA 52 – Na casa do Didi

Um disco documental dos momentos, descontraídos, na casa do Didi em Jericoacoara, com a participação especial de Rossini Ferreira

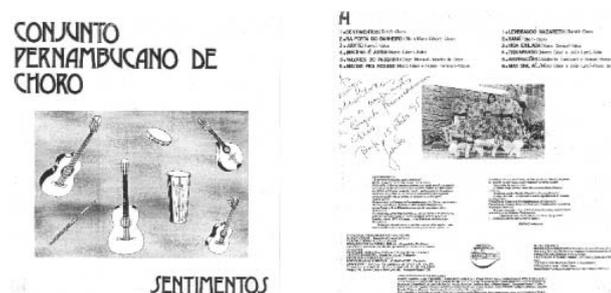
Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco



FIRURA 53 – Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco

A Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco gravou três discos e Rossini participa destes como intérprete e, em um deles grava o frevo *“Lembranças de Recife”*.

Conjunto pernambucano de choro



FIRURA 54 – Conjunto Pernambucano de Choro

Com o Conjunto Pernambucano de Choro estão gravadas duas músicas de Rossini *“Inspirações”* (choro), em parceria com Adalberto Cavalcanti e *“Maxixe Pra Rossini”* (maxixe), em parceria com Marco César, ambas na interpretação de Marco César. .

Conjunto Sarau



FIRURA 55 – Conjunto Sarau

O conjunto Sarau trás o CD **Cordas Novas**, resultado de um trabalho de pesquisa realizado pelo grupo. As músicas escolhidas são de autores de várias épocas e são músicas pouco gravadas ou inéditas. Dentre as músicas está a música *Capibaribe* (maxixe) de Rossini Ferreira (Inédito).

Oboé no choro



FIRURA 56 – Oboé no choro

Numa gravação independente e na extraordinária interpretação de Marco de Pinna, esse disco trás as músicas *Ansiedade*, *No meu tempo era assim* e *Novos Rumos* de Rossini Ferreira.

Os bambas do Bandolim



FIRURA 57 – Os bambas do bandolim

Lembrança do Recife (com Jorge Cardoso), *Dr. Menna* (com Rossini)

Os Bambas do Bandolim Déo Rian, Isaías, Joel Nascimento, Pedro Amorim, Reco do Bandolim, Hamilton de Holanda, *Rossini Ferreira*, Ronaldo do Bandolim, Jorge Cardoso, Bruno Rian, músicos que participam desta coletânea representam o passado, o presente e o futuro do choro. Chorões como o octogenário *Rossini Ferreira* ou a promessa (já concretizada) como Bruno Rian, que acompanha o pai Déo em algumas das faixas deste disco. Uma bela fotografia do fértil momento pelo qual passa o gênero... Do bandolinista brasileiro, não se exige menos que recursos mágicos. O que poderá se constatar pelos solistas que integram essa antologia.

Por muito tempo orgulhoso de seu autodidatismo, viu-se na obrigação de aprender música para se tornar uma das cordas dedilhadas da famosa orquestra criada em Recife. Se o chorão intuitivo deu lugar ao músico treinado, nada perdeu o inspirado compositor que sempre coexistiu com o bandolinista. O qual, certamente, está entre os que melhor escreveram para o instrumento. Embora o mais velho dos personagens desta coleção, há nele uma juventude facilmente detectável, por exemplo, nos acordes de Doutor Menna. (João Máximo)

Choro Contemporain



FIRURA 58 – Choro Contemporain

Uma coletânea organizada e dirigida por Philippe L. tras a gravação da música *Dr. Menna* de Rossini Ferreira.

“Frémeaux & Associes présente pour la première fois un panorama du choro contemporain, expression artistique brésilienne qui s'apparente avant tout à une manière d'être, une cambrure psychologique, un refus aux concessions du temps, pour s'adonner au raffinement harmonique.”

ANEXO G – As músicas com gravações em disco

Aqui não estão relacionadas aquelas músicas que foram gravadas em MID no disco “Chorando no Computador”, mas aquelas que foram gravadas nos demais discos (Vinil e CDs) (wave), por vezes em mais de um disco.

1-**Melancolia** (Rossini Ferreira) (Amigos do choro) / 2) **Tita** (Rossini Ferreira) (Amigos do choro) / 3 - **Ritinha** (Rossini Ferreira) (Amigos do choro) / 4 - **Ansiedade** (Rossini Ferreira) (Amigos do choro / Os Carioquinhas / Altamiro Carrilho / Oboé no Choro / I Festival Nacional do Choro – Brasileirinho - 1º Lugar)/ 5 - **Pé de Boi** (Rossini Ferreira) (Amigos do choro) / 6 **Concordiando** (Rossini Ferreira) (Amigos do choro); 7 - RECADO (Rossini Ferreira) (Amigos do choro / Galo Preto); 8 - *Foi um Sonho* (Rossini Ferreira) – (Chorinho do Capibaribe / Choros Românticos); 9 - *Cinema Mudo* (Rossini Ferreira) – (Chorinho do Capibaribe / Festival Carrefour); *Abraçando Avena* (Rossini Ferreira) (Chorinho do Capibaribe); *Arte-e-Manhas do Marquinhos* (Rossini Ferreira) – (Chorinho do Capibaribe); CHORO DO NATAL (Rossini Ferreira e Henrique Annes) (Chorinho do Capibaribe); *Raio de Sol* (Rossini Ferreira) – (Chorinho do Capibaribe / Choros Românticos); *Devaneio* (Rossini Ferreira) – (Chorinho do Capibaribe); *Chorando com Wilson Maria* (Rossini) – (Choros Românticos / Um alô p/ o Six); *Lucia Baptista* (Rossini Ferreira) – (Choros Românticos / (Um alô p/ o Six); *Romântico* (Rossini Ferreira) – (Choros Românticos / Um alô p/ o Six); *No meu tempo era assim* (Rossini) – (Choros Românticos - Um alô p/ o Six / Oboé no Choro); *Poesias do Aldemar* (Rossini Ferreira) – (Choros Românticos / Um alô p/ o Six); *Joseite* (Rossini Ferreira) – (Choros Românticos / Um alô p/ o Six); *Novos Rumos* (Rossini Ferreira) – (Choros Românticos / Um alô p/ o Six / Festival dos Festivais(Cantada) / Oboé no Choro); *Dr. Menna* (Rossini Ferreira) – (Choros Românticos / Um alô p/ o Six / Choro Contemporain / Os Bambas do Bandolim); *Fascinante* (Rossini Ferreira) – (Choros Românticos / Um alô p/ o Six); *Samira* (Rossini Ferreira) – (Choros Românticos / Um alô p/ o Six); *Tristezas de um Carnaval* (Rossini) – (Choros Românticos / Um alô p/ o Six); *Só nós dois* (Rossini Ferreira) – (Choros Românticos / (Um alô p/ o Six); *Lembranças de Recife* (Rossini Ferreira) – (Época de Ouro / Jorge Cardoso / Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco / os Bambas do Bandolim); *Choro Intimo* (Rossini Ferreira) – (Um alô p/ o Six); *Jaira* (Rossini Ferreira) – (Um alô p/ o Six); *UM Chorinho para Letícia* (Rossini Ferreira) – (Um alô p/ o Six); *Um alô para o Six* (Rossini Ferreira) – (Choros Românticos / Um alô p/ o Six); *Inspirações* (Rossini e Adalberto Cavalcanti) – (Adalberto Cavalcanti / Conjunto Pernambucano de choro); *Maxixe pra Rossini* (Marco César – Rossini) (Conjunto Pernambucano de Choro); *Capibaribe* (Rossini Ferreira) (Chorinho do Capibaribe / Sarau)

ANEXO H – As Músicas ainda por gravar
(Acervo de fitas cassetes e de vídeos – R.S. Alcântara)

São aquelas músicas que ainda não foram gravadas em discos ou CDs. Possuem gravações apenas em fitas cassetes nos acervos de Marco Cesar, Wilson Maria e de Salvador di Alcântara e que está transferindo de fitas cassetes para CDs, são elas:

Amigo Cosme (Rossini Ferreira – Roberto Vale); *Analizando* (Rossini Ferreira); *Atrevido* (Rossini Ferreira); *Caindo no Choro* (Rossini Ferreira); *Carmem* (Rossini Ferreira); *Chorando sem Dolores* (Rossini Ferreira); *Choro pra Denise* (Rossini Ferreira); *Compadre Alfredo* (Rossini Ferreira – Canhoto da Paraíba) essa existe no acervo de Marco Cesar e de Alcântara ainda sem partitura (inérita); *Dalva* (Rossini Ferreira); *De galho em galho* (Rossini Ferreira); *Inesquecível* (Rossini Ferreira); *Jocelyn no choro* (Rossini Ferreira – Altair de Oliveira); *Jorge Antonio* (Rossini Ferreira) conhecido artisticamente como Jorge Cardoso; *Júlia Luíza* (Rossini Ferreira); *Labirinto* (Rossini Ferreira); *Lembranças que não esqueço* (Rossini Ferreira); *Mais uma saudade* (Rossini Ferreira); *Márcio do cavaco* (Rossini Ferreira); *Maria Angélica* (Rossini Ferreira – José Carlos); *Maria Helena* (Rossini Ferreira); *Minhas Ilusões* (Rossini Ferreira); *Na cadência do frevo* (Rossini Ferreira); *Na casa do Giba/Didi* (Rossini Ferreira); *Numa Retreta* (Rossini Ferreira) (inérita); *Por Que Te Quero* (Rossini Ferreira); *Pra Devani* (Rossini Ferreira); *Só risos do Altair* (Rossini Ferreira); *Sorrindo pra Tetê* (Rossini Ferreira – Henrique Annes); *Suzana* (Rossini Ferreira); *Teimosa* (Rossini Ferreira – Henrique Annes); *Toni* (Rossini Ferreira); *Vivendo nos ares* (Rossini Ferreira – Monique do cavaco); *Argumento pra Rossini* (Rossini Ferreira – Henrique – Ana Ivo) (inérita)

OBS: *As Músicas gravadas em disco perfazem um total de 34 (trinta e três) e aquelas ainda por gravar (inéritas em disco), perfazem um total de 34 (trinta e cinco), portanto, exatamente a metade das músicas de Rossini ainda não foram gravadas coincidências ou não.*

ANEXO I – Acervo Fotográfico

(Acervo pessoal / R.S. Alcântara)



Foto 25 – Rossini memino (dois momentos)



Foto 26 – Rossini adolescente (três momentos)



Foto 27 - A união de Rossini e Maria Rita
Em 06 de junho de 1946

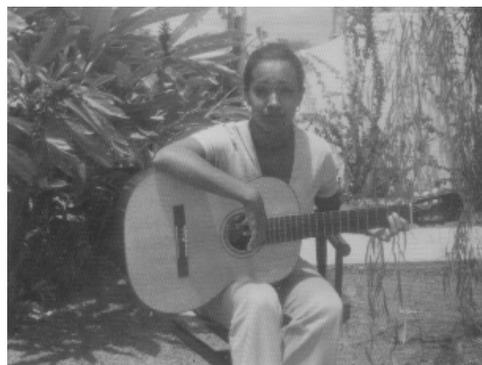


Foto 28 - A filha Suzana

Familiares I



Foto 29 - Agripina Ferreira
carinhosamente chamada de “Mãe Tita”



Foto 30 - Agripina e Petronila
(Mãe Tita e Tia Nila)



Foto 31 - A sobrinha neta Gloria Marisa
com Tita e Nila



Foto 32 - Rossini e a filha Suzana/Rio



Foto 33 - Com Ritinha
na Quinta da Boa Vista
Em frente ao Museu – 26/10/1959



Foto 34 - Maria Rita / Ritinha
(1946)

Famíliares II



Foto 35 - Rossini em 1937



Foto 36 - Rossini e Ritinha 1946



Foto 37 - Rossini e Ritinha anos 50



Foto 38 - Maria Isa , Tia Nila e Gloria Marisa



Foto 39 - Tia Nila (100 anos setembro de 2003)



Foto 40 - Silvio Reis Ferreira Pinangé - Sobrinho



Foto 41 - Robertson Ferraz – sobrinho bisneto
Filho de Gloria Marisa

As Reuniões I



Foto 42 - Rossini e o Conjunto *Bando Pernambucano*



Foto 43 - Rossini Ferreira com Zé do Carmo (momento cultural)
Serviço Social do Sanatório Otávio de Freitas – S. Pedro 1952

As Reuniões II



Foto 44 - Sentados Zé do Carmo(1), Alfredo Medeiros(3) e de pé João Dias(5) e Rossini(7).



Foto 45 - João Dias(2) e Rossini(3) sentados e de pé Alfredo Medeiros(3) e Zé do Carmo(6)



Foto 46 - Sentados: Capistrano de Moraes, Alfredo Medeiros, Pina Júnior, Sebastião Malta
Em pé: Barbosa, Rossini, Luiz de Farias e esposa, Zé do Carmo, Conceição e João Dias, Ritinha, Péricles de Moraes, Wilson de Moraes, Rui de Moraes e Silva.
Areias, Recife 1947

A música e os amigos I



Foto 47 - Rossini e a evolução, e a revolução dos bandolins



Foto 48 - Zé do Carmo e Canhoto em contraponto
Rossini-Conceição-Doro-Melita-Ritinha
Uma feijoada na casa de Doro - Rio 4/11/1959



Foto 49 - Rossini Ferreira, agradecendo a homenagem do clube do Choro de Niterói, quando recebeu uma placa de prata, acompanhado por, partindo da esquerda: Meira, Cidinho, Orlando Silveira, Claudionor Cruz, Canhoto e José Leão na noite de 7/11/1979.

A música e os amigos II



Foto 50 - Rafael Rabelo, Rossini, Abel Ferreira

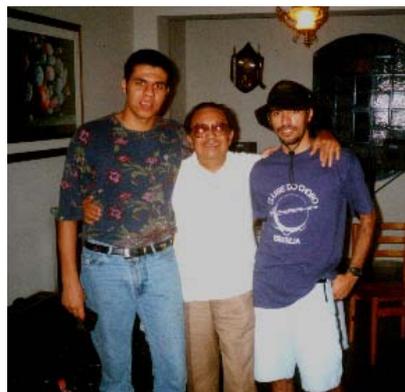


Foto 51 - Hamilton Holanda com o irmão (Dois de Ouro) Rossini ao centro



Foto 52 - A Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco



Foto 53 - Sentados: Henrique Annes, Bozo, Rossini, Ivanildo Maciel e Marco César.

A música e os amigos III



Foto 54 - Capiba, Dalva Torres, Zivaldo Maia e Rossini



Foto 55 - Rossini e Asssi, *O Six*



Foto 56 - Rossini, Wilson Maria e Bozo

Foto 57 - De pé: Wilson Maria, Rossini Ferreira, Bozo, Marco(irmão de Lanca)
Sentado: Lanca (Luthier de pandeiros) na casa de Wilson Maria em Campina Grande



A música e os amigos IV



Foto 58 - Rossini, Marco Cesar, Meira e Jorginho do Pandeiro



Foto 59 - Ao grande amigo Rossini e família
com um abraço- Henrique Annes
Em 08 de abril de 1971



Foto 60 - Rossini e Orlando Silveira



Foto 61 - Ao grande amigo Rossini Ferreira
Com um abraço sincero do Chico Soares
(Canhoto da Paraíba para Rossini)

Premiações e Viagens



Foto 62 - Márcio do cavaco, Rossini e Dr. Menna



Foto 63 - Gilberto Paulo, Rossini...



Foto 64 - Rossini na Europa



Foto 65 - Na Europa com Maria Rita



Foto 66 - Rossini e Bozo em apresentação

As reuniões, praieiras, na casa do Didi



Foto 67 - Rossini e Ritinha



Foto 68 - Dalva Torres , Bozo e Rossini



Foto 69 - Rossini e Bozo (7 cordas)

Na casa do Dr. Menna Barreto



Foto 70 - Rossini e Menna Barreto (em Meditação musical)



Foto 71 - Em reunião na casa de Menna Barreto

Rossini Ferreira



Foto 72 – A imagem que ficou (Rossini Ferreira)

ANEXO J – Documentos e fac-símile
(Acervo pessoal/epístolas, partituras, programas – R.S. Alcântara)

Melancolia

The image shows a handwritten musical score on aged, yellowed paper. At the top, the title "Melancolia" is written in large, bold, blue ink. Above it, in smaller blue ink, is the subtitle "Choro de Rossini". The score is written in black ink on ten staves. It begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 3/4 time signature. The music consists of a single melodic line with various rhythmic patterns, including eighth and sixteenth notes, and rests. There are several triplets marked with a '3' and a slur. The word "FIM" is written in blue ink at the end of the sixth staff. The paper shows signs of wear, including creases and discoloration.

Figura 59 - Manuscrito Da 1ª Partitura(Música Melancolia)

Samira

S a m i r a

Valsa Rossini Ferreina

The musical score is written in red ink on aged, yellowed paper. It features ten staves of music. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 3/4 time signature. The music is a waltz, characterized by its 3/4 rhythm. The notation includes various note values, rests, and dynamic markings. Handwritten annotations in black ink are scattered throughout the score, including solfège syllables (FA, LA, RE, SI, SOL) and performance instructions like 'A. S. S.' and 'II'. There are also some corrections and markings on the notes themselves.

Figura 60 – Música Samira - Manuscrito de Rossini

Dr. Menna

DR. MENNA

Pregando amigo Wilson; as setas estas indicam as liguras alterações nas referidas compassos. Espero que aprove e faça as necessárias correções, caso existam erros de ditado em toda escrita. Agracido fica o seu amigo,

Figura 61 - Manuscrito de Wilson Maria

Epistolas

Epístola 1

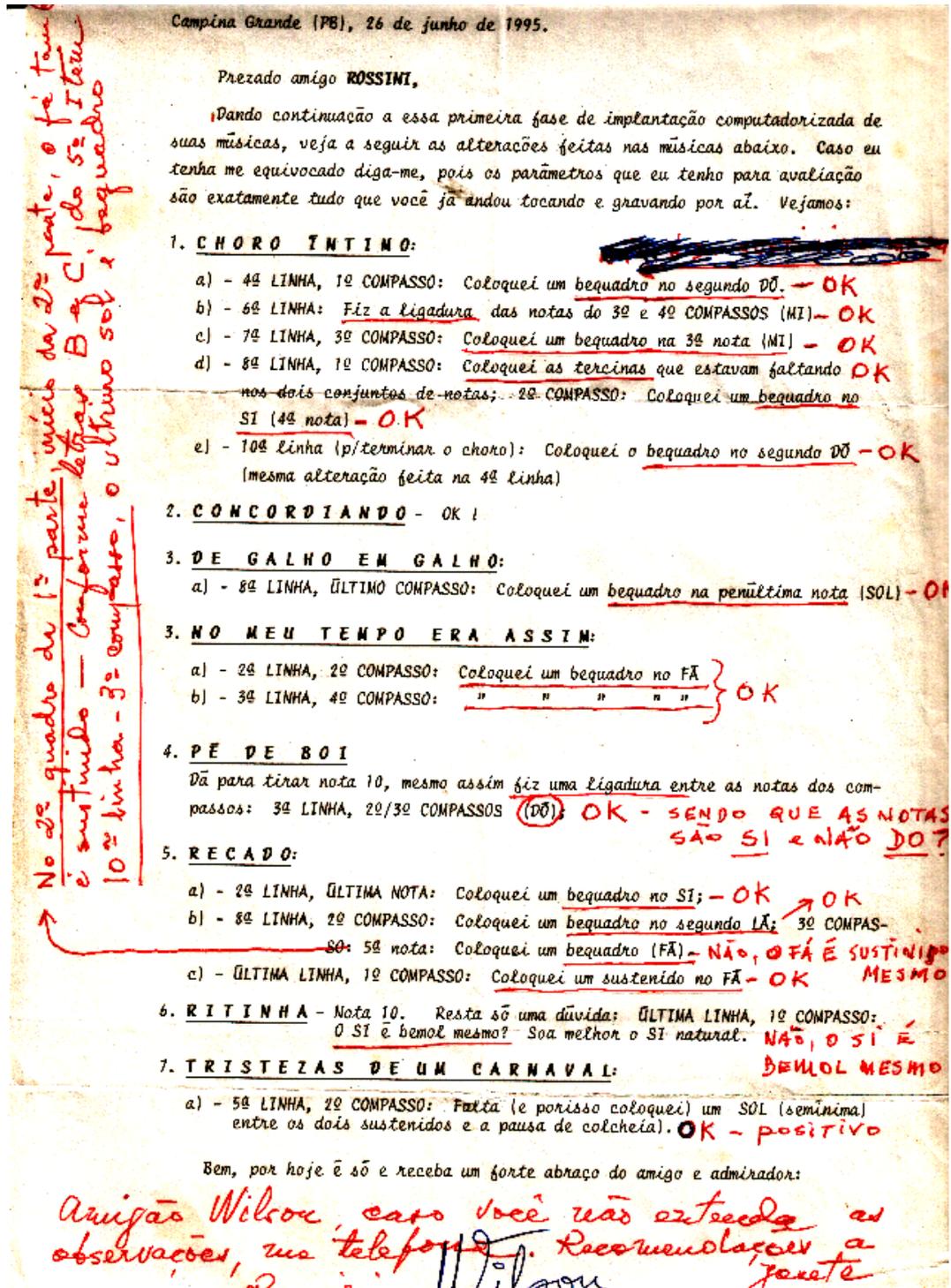


Figura 62 - Carta de Wilson para Rossini (Sobre a escrita das Partes) Retornando com observações em vermelho para Wilson

Epístola 2

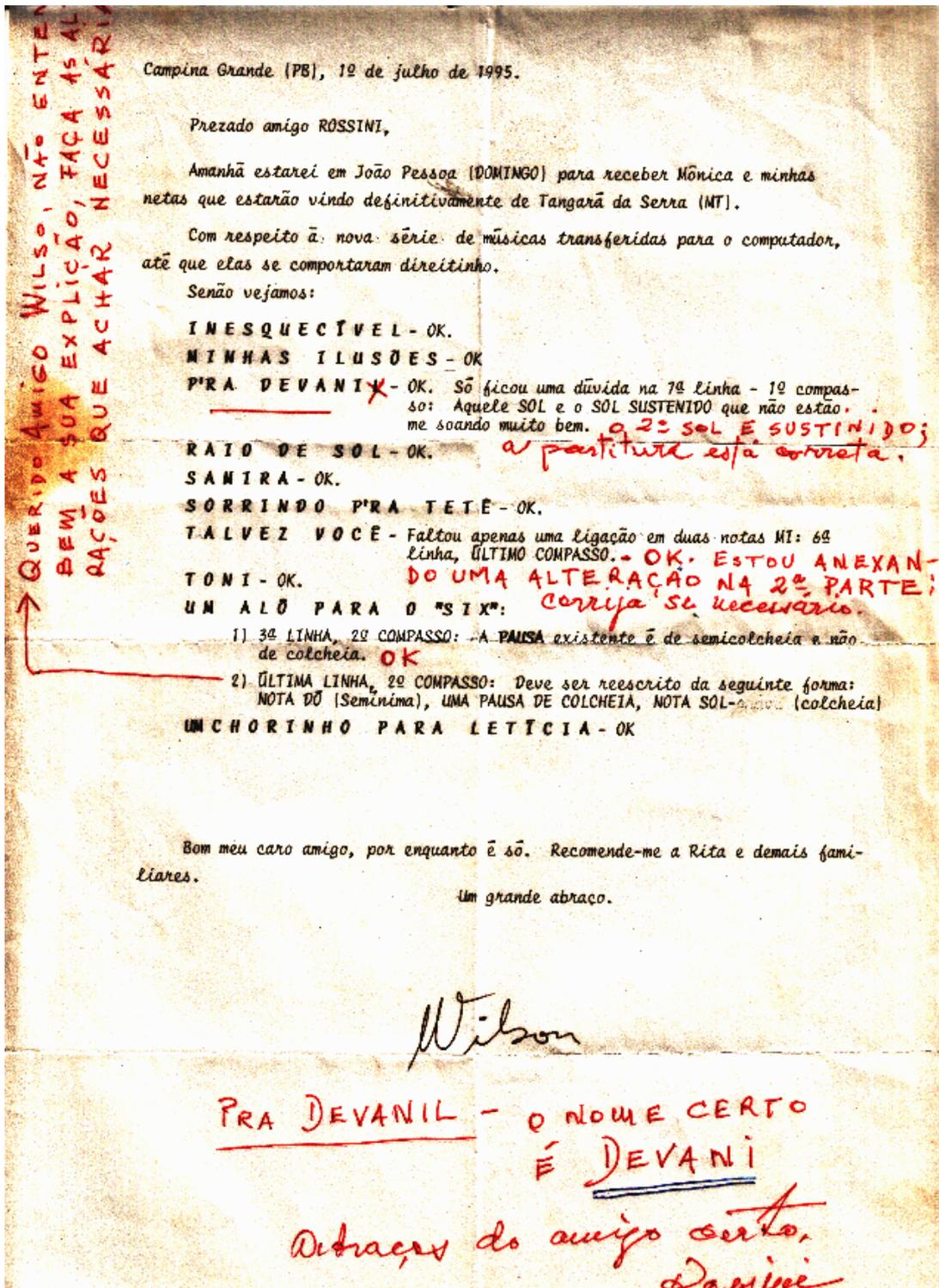


Figura 63 - Idem – Atentem para o detalhe das observações: semínimas que faltam, bemois, bequadros.

Epístola 3

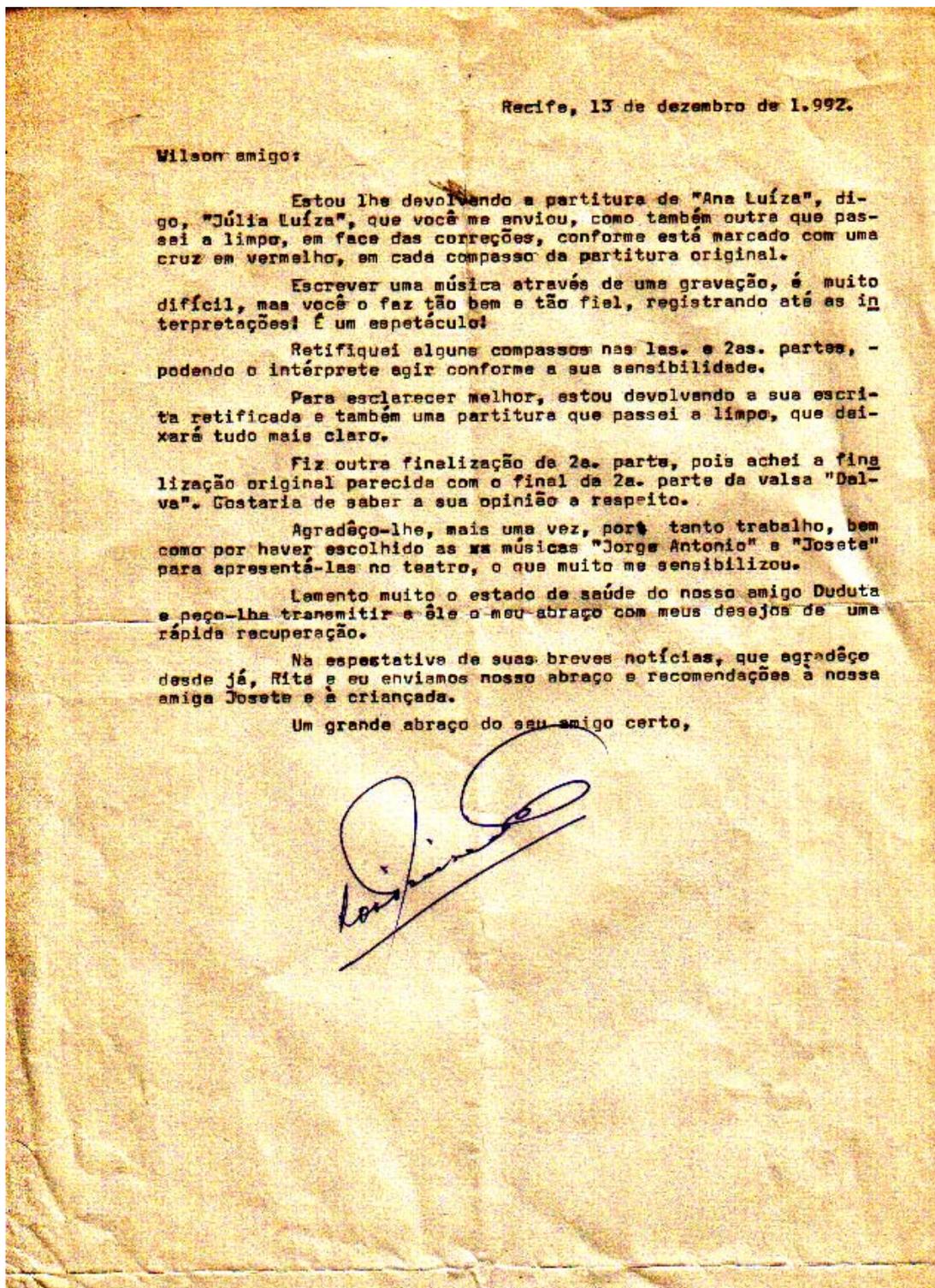


Figura 64 - Carta de Rossini datilografada para Wilson Maria (correção e elaboração das partituras)

Epístola 4

Recife, 09/04/92

Querido amigo Wilson

Recebi ontem a xerox da partitura de Jorge Antonio, muito ruim para se arranjar. Todavia a 2ª parte mais visível, eu anotei as notas e fiz algumas alterações, principalmente nas compassos marcados pelo círculo. Espera s/A produção.

A 1ª parte não foi aprovada, então, utilizei uma partitura que vus enviei anteriormente, na qual adicionei compassos e reforcei as cetax indicadas. Essas alterações foram feitas porque acho que o modo da divisão fica abajurado.

↓
alterei

Meu endereço no Rio: - RUA GUSTAVO
SAMPAIO, 260/1102
LEME - RIO

(Telefones: 5412422
3959115)

CEP - 22010

Não tenha pressa seu amigo
Rossini

Figura 65 - Carta manuscrito de Rossini para Wilson Maria

Partituras

Ansiedade

ANSIEDADE

Choro Rossini Ferreira

Violão

6 Bm^7 G^7 C E^7 Am^7 Am^7/G $D/F\sharp$

11 D^7 G/B E^7 A^7

16 Cm^7 D^7 G^6 $G\sharp dim$ Am^7

21 $A\sharp dim$ Bm^7 G^7 C E^7 Am^7 G^7

26 C $C\sharp dim$ G^6 $G\sharp dim$ Am^7

31 D^7 1. G^6 E^b7 A^b7 D^7 2. G^6 G^7

36 C

41

46 **PIANO**

51 **FORTE**

56

61

66 1. 2. **D.S. al Coda**

71

Figura 66 - 1º lugar no I Festival do Choro Brasileiro - Brasileirinho

Recado

RECADO

Choro Rossini Ferreira
Allegro

violin

violão

Figura 67 - Melhor choro inédito - prêmio Secretaria de Cultura do Rio

Cinema Mudo

CINEMA MUDO

Valsa

Rossini Ferreira

Andant 



Figura 68 - 1º lugar no Festival Pernambuco Música Hoje

Novos Rumos

NOVOS RUMOS

Choro

Rossini Ferreira

The musical score for "Novos Rumos" is presented on ten staves. It begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. The tempo is marked "Andant". The score includes a repeat sign with first and second endings. A key signature change to D minor (two flats) occurs in the final section of the piece. The notation includes various rhythmic values, accidentals, and dynamic markings.

Figura 69 - Finalista do Festival dos Festivais da Rede Globo

Maria Angélica

MARIA ANGÉLICA

Valsa

Rossini Ferreira e José Carlos

Allegro

The musical score is written for a single melodic line in treble clef. It begins with a key signature of one sharp (F#) and a 3/4 time signature. The tempo is marked 'Allegro'. The score consists of 11 staves of music. The first staff starts with a whole rest followed by a repeat sign. The music features a mix of eighth and sixteenth notes, with some triplet markings. There are two first endings (marked '1.') and two second endings (marked '2.'). The piece concludes with a double bar line and a repeat sign.

Figura 70 - 3º Lugar no Festival Itaú-Fundarpe

Lembranças de Recife

LEMBRANÇAS DE RECIFE

Frevo Pres Rossini Ferreira

1. 2.

D.S. al Coda

Figura 71 – Lembranças de Recife - Gravada por: Altamiro Carrilho, Jorge Cardoso, Época De Ouro e Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco

Abraçando Avena

ABRAÇANDO AVENA

Choro

Rossini Ferreira

Andante

Chords: C, Am7, Gm, A7, Dm7, G7, C7, F, B \flat 7, E \flat 7, C \sharp dim, Dm7, G7, C, A7, D7, G7, C, F, G, Am7, D7, G7, C, A7, Dm7, G7, C, G7, C, A7.

Violão

Figura 72 - Ao Amigo e bandolinista Avena de Castro

Chorando com Wilson Maria

CHORANDO COM WILSON MARIA

Choro

Rossini Ferreira

2 3 4

5 6 7 8

9 10 11 12

13 14 15 16

17 1. 2. 19 20

21 22 23 24

25 26 27 28

29 30 31 32

33 34 35 36

37 38 39 40

41 42 43 44

45 46 47 48

49 50 51

Figura 73 - Ao amigo Wilson Maria

Ritinha

RITINHA

(Dedicada a Maria Rita de Souza Ferreira)

Rancheira

Rossini Ferreira

Prest

1. Trio (♯) e FIM

1. 2.

1. 2.

Figura 74 - Valsa ligeira (Rancheira) dedicada a sua companheira Maria Rita

Poesias do Aldemar

POESIAS DO ALDEMAR

Choro

(Dedicado ao grande amigo Aldemar Paiva)

Rossini Ferreira

Allegro

1. 2.

1. 2.

6

Figura 75 - Ao amigo Aldemar Paiva

Programas

FESTIVAL DOS FESTIVAIS I



• Promovido pela Shell e Rede Globo de Televisão, o Festival dos Festivais recebeu mais de 10 mil inscrições em todo o país.

Programa das Eliminatórias

27/7 – Eliminatória do Norte/Nordeste
Recife
Local: Geraldão

24/8 – Eliminatória do Sul
Porto Alegre
Local: Gigantinho

21/9 – Eliminatória de São Paulo
Local: Ibirapuera

5/10 – Eliminatória do Rio de Janeiro
Local: Maracanãzinho

12/10 – 1ª Semi-final
Local: Maracanãzinho

19/10 – 2ª Semi-final
Local: Maracanãzinho

26/10 – Grande Final
Local: Maracanãzinho






**Músicas da
1ª Eliminatória.
Para você torcer e cantar.**



Figura 76 - Programa da 1ª Eliminatória (Festival dos Festivais)

Festival dos FestivaisII

NOVOS RUMOS
MÚSICA: ROSSINI FERREIRA
LETRA: ANA IVO

MÚSICA POPULAR
BRASILEIRA

**FES
DOS
FESTIVALS
VAL**

1985

Rio de Janeiro

Para Você BRASIL

LABORAÇÃO: EDITORA RODOVALHO



NOVOS RUMOS
(Rossini Ferreira)
(Ana Ivo)

Rossini Ferreira
Pernambucano, bandleirista, compositor 1977 – 1.º lugar no Festival Nacional do Choro (com a música "Ansiedade") realizado pela TV Bandeirantes;
– Melhor choro inédito "Recado" realizado pela Secretaria de Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro.
1983 – 1.º prêmio no concurso "Pernambuco Música Hoje" com a música Cinema Mudo (de parceria com Ana Ivo)
1984 – 3.º lugar e Melhor Intérprete para a música Maria Angélica (de parceria com Ana Ivo) no Festival – Itaú – FUNDARPE
Pixinguinha local e nacional (sendo o 1.º, no mesmo dia do Show de Elizeth Cardozo componente da Orquestra Desfilhades.
Discos gravados pela FUNARTE.

Diariamente a mesma porta
E as mesmas ruas
Só eu que não consigo ser igual
Quem sabe se me engano
E as pedras do caminho
Também se mudam, toda matinal
Assim tenho a dizer
Que antes de se ver
Por onde anda alguém
Que está perdido em seu viver
Terá que procurar
Saber onde andar
A pedra do dia em que se perdeu

A ânsia de alcançar
A glória bem viver
Bem pode desmarcar
Caminhos que seriam certos
O jeito de olhar
O dia como achar
Topar n'algum lugar
E se expor – vento – soprar

Deixar que alguma lua passe (um sereno)
Deixar, a foto do perfil e perguntar
Será que ele é novo agora a se encontrar
E vai pra ser como não foi
Melhor será

Ana Ivo
Alagoana, radicada em Pernambuco, médica, poeta, escultora, pintora e compositora.
1977 – vitória sonora para um casamento desde a Ave-Maria Nupcial, músicas românticas e Alalufe – Exceção por Canhoto da Paraíba e na voz de Carlos Reis, Parcerias musicais com Canhoto da Paraíba, Toinho (Quinteto Veloso) Henrique Amaro, etc.
MENÇÃO HONROSA XXX SALÃO OFICIAL DE ARTES DE PE, em pintura e seleção em escultura.
1978 – 1.º prêmio (aquilão) para o Museu do Estado) no 1.º Salão Nacional de Artes de PE.
1981 – SALÃO NACIONAL DE ARTES DO RIO DE JANEIRO – Seleção em pintura e escultura.
1982 – teve o seu nome incluído no livro "Artistas de Pe-buco", várias exposições, RE, MA, BA, RJ, Participação em Exposição Internacional de Art. Door-Re e Coletiva no F. Janeiro sob o patrocínio da Iberia – Linhas Aéreas de Espaço.
1983 – 1.º lugar no "Pernambuco Música Hoje" com a música Cinema Mudo (de parceria com Rossini)
1984 – Show Cêrca Viva com seus parceiros - Rossini Ferreira, Henrique Amaro, Hamilton Costa, na interpretação de E. Reis e Dalva Torres (Ela - voz) (Ele - interpretando o texto) "O Juramento de um Artista - de Ana Ivo"
1984 – 3.º lugar e melhor intérprete para Dalva Torres e música "Maria Angélica" no Festival Itaú FUNDARPE
Músicas no Pixinguinha local 1984, e Pixinguinha Nacional

RECEITA – BRASIL – PRODUTO – PERNAMBUCO – RECEITA – BRASIL – PRODUTO – PERNAMBUCO – RECEITA – BRASIL – PRODUTO – PERNAMBUCO




Figura 77 - Programa com letra e partitura de Novos Rumos e histórico dos autores

Cultura Viva



GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes
Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco

Governo do Estado de Pernambuco

Homenagem à Cultura Viva de Pernambuco



MÚSICO E COMPOSITOR

ROSSINI FERREIRA

CONVITE

A Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE – órgão vinculado à Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes do Governo do Estado, tem a honra de convidar V. Exa. e Digníssima família para os eventos que assinalarão a homenagem ao músico e compositor **Rossini Ferreira**, dentro do programa “Homenagem à Cultura Viva de Pernambuco”, proposta à FUNDARPE pela poetisa Ana Ivo, também em nome do Secretário da Casa Civil, Dr. Gilberto Marques Paulo, dos músicos Henrique Annes, Chico Soares (Canhoto da Paraíba), Marcos César e Clóvis Pereira, dos atores Carlos Reis e Aldemar Paiva.

DATA — 9 de Setembro, às 20 horas.

LOCAL — Conservatório Pernambucano de Música (Av. João de Barros)

PROGRAMA

- Instalação da reunião em homenagem a Rossini Ferreira. Apresentação de Ana Ivo.
- Saudação a Rossini, pelo secretário da Casa Civil, Dr. Gilberto Marques Paulo.
- Dr. Roberto Marques Pereira, presidente da FUNDARPE, entrega ao homenageado o troféu “Cultura Viva de Pernambuco”.
- Aldemar Paiva conta piadas de Rossini.
- Canhoto da Paraíba toca para Rossini.
- Henrique Annes toca em homenagem a Rossini.
- O músico e discípulo Marcos César homenageia Rossini.
- O ator Carlos Reis declama texto da poetisa Ana Ivo para Rossini Ferreira.
- Rossini Ferreira agradece a homenagem.
- Rossini Ferreira, Orquestra de Cordas Dedilhadas e Dalva Torres realizam parte musical.

Figura 78 - Homenagem à cultura viva de Pernambuco

Novos Rumos

DADOS BIOGRÁFICOS

Rossini Ferreira vem de uma família de os de Nazaré da Mata onde recebeu suas primeiras com a irmã. Aos 17 anos atuava no Rio a te da direção do Jornal do Brasil. De volta ao e atuou como solista na PRA-8, hoje Rádio Clu- em 1959 participou do histórico encontro na de Jacob do Bandolim juntamente com Canhoto raíba, Zé do Carmo, Conceição Dias e Radamés illi. Dez anos depois, fixou-se no Rio de Janeiro, do parte do grupo "Amigos do Choro". Em recebeu menção honrosa da Secretaria de Cul- tom a música "Recado", gravado pelo conjun- to Preto na RCA. Contudo, sua grande chance eceu no I Festival Nacional do Choro, o "Bra- lho", promovido pela TV-Bandeirantes, quan- assificou o choro "Ansiedade", parte do LP- Fino do Choro". A música foi ainda gravado Carioquinhas e Altamiro Carrilho. Ainda no Rossini Ferreira recebeu Placa de Prata, apre- se na Sala Sidney Miller e em 1981 participou ie "Instrumental" na Sala Funarte com Ade- Fonseca, a rainha do gênero. Voltando ao em 1983, foi convidado para inaugurar o Clu- Choro de Olinda. No Festival "Pernambuco a Hoje" ganhou o 1o. lugar com a valsa "Cine- ado" de parceria com Ana Ivo. Esta é a primei- nde homenagem que o Recife faz, publicamen- seu filho que, como Luis Bandeira, disse: . . . ei, Recife, foi a saudade que me trouxe pelo . . .



Prefeitura da Cidade do Recife
Secretaria de Educação e Cultura
FUNDAÇÃO DE CULTURA CIDADE DO RECIFE
APOIO: MEC/Secretaria da Cultura/FUNARTE

NOVOS RUMOS
COM ROSSINI FERREIRA

TEATRO DO PARQUE
26 DE SETEMBRO DE 1984
18h. 30m.

Artegrafi Ltda.

TODOS SENTIMOS A SUA FALTA . . .

Certamente um bandolim acende a vida- de no paralelo do sol e a música, mais que ser o espí- rito, revela melhor o corpo das coisas. A flor colhi- de tem de ser ouvido o canto.

A palavra deve ser música e o silêncio é a música im- possível.

Todos os nomes de todos e de tudo compõem nas nossas expectativas de salvação.

Os poetas sabem disto e por isso não abrem mão de um bandolim de sua terra.

Por isto não podemos abrir mãos dos nossos poetas.

A poesia do lápis que doura o sol do Nordeste ou sangra, embora sem escarlates, a fome dos nossos matutos; as tintas parideiras de parir os paços alternativos — oásis — de não — mi- grar — mais — tintas de parir gente de — casa — ainda — humana, para que — os — desfigurados — de — meu — Deus — não — se — esqueçam da face — esperada — íntegra. Poesia das cenas, fio- rando estórias, para o exemplo e esperança — geral — no — reino — dos — cactos.

A voz de nossos cantores, místicos — pássaros — de — nos — emprestar — asas — e — sonhos — de — se — ser — poema . . .

Todos os poetas por todos os nomes, aqui reunidos ai- guns, todos em nome do estado — de — coisas, em nome do estado de Pernambuco e das artes e manhas do povo nordestino viemos para demonstrar o quanto agradecemos aos que não mediram esforços para res- gatar o nosso maior poeta do bandolim. Porque não podíamos abrir mão do precioso pernambucano ROSSINI FERREIRA.

ROSSINI FERREIRA
E ANA IVO — Cinema Mudo (valsas)

ROSSINI/HENRIQUE
ANNES/ANA IVO — Argumento para Rossini (samba)

— Homenagem a Capiba

ROSSINI FERREIRA
E ANA IVO — Maria Angelica (valsas)

ROSSINI FERREIRA — Devaneio (choro)

ROSSINI FERREIRA — Ansiedade (choro)

ROSSINI FERREIRA — Novos Rumos (choro)

ROSSINI FERREIRA
E ANA IVO — So Nós Dois (samba)

TONHÉ — Sentimento (choro)

MARCOS CESAR — Macena Vem Aí

HENRIQUE ANNES
E ANA IVO — Baião Pró S. Paulo (baião)

HENRIQUE ANNES/ZE
BARRETO/ANA IVO
ROSSINI FERREIRA — Ôde Parceria Com o Dia

— Arte e Manhã de Marqui- nha

ROSSINI FERREIRA — Abraçando Avena (choro)

ROSSINI FERREIRA — Jocelim no Choro (choro)

HAMILTON COSTA
E ANA IVO — Paisagem (valsas)

ROSSINI FERREIRA — Fascinante (choro)

ROSSINI FERREIRA — Ritinha (choro)

ROSSINI FERREIRA — Melancolia (choro)

ROSSINI FERREIRA — Teimosa (choro)

ROSSINI FERREIRA — No Meu Tempo Era As- sim (choro)

ROSSINI FERREIRA — Pé de Boi (choro)

ROSSINI FERREIRA — Recado (choro)

ROSSINI FERREIRA — Lembrança do Recife (frevo)

MÚSICOS PARTICIPANTES:

Dalva Torres (cantoral)
Rossini Ferreira (bandolim)
Henrique Annes (violão 6 cordas)
Bozó (violão 7 cordas)
Mário Moraes Rego (cavaquinho)
Passarinho (pandeiro)

Figura 79 – Programa do Show “Novos Rumos” com Rossini Ferreira

Cerca Viva

Próximas Promoções da FUNDARPE

Dia 23 de Março — I Festival ITAÚ FUNDARPE DE MÚSICA POPULAR — Uma mostra competitiva com os mais significativos nomes da atual música Pernambucana.
Local — Largo do Mosteiro de São Bento — Em Olinda, às 21 Horas.
APOIO — Prefeitura Municipal de Olinda

Dia 24 de março — Show "Terra Quente" e Lançamento do LP do mesmo nome de Chico Cariri
LOCAL — Teatro do Forte, às 20:30 horas. Entrada Franca.

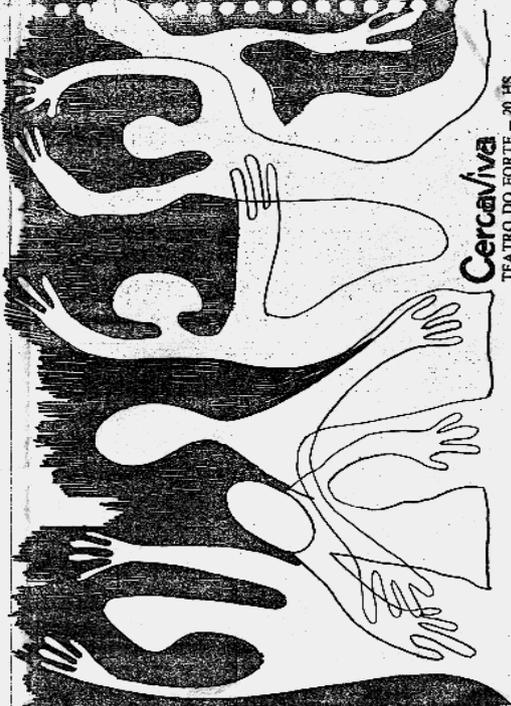
23/03/1984
Milha substit: ←
Dalva Torres
3º Luva
M. Angélica
Ana/ross

FUNDARPE

Governo do Estado
 Sec. de Turismo, Cultura e Esportes
 Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de PE

Pernambuco
 Governo Roberto Magalhães

Cerca Viva
 TEATRO DO FORTE — 20 HS.
 Dias 15, 16, 17 e 18 de março
1984




"CERCA VIVA"

na interpretação de

CARLOS REIS & DALVA TORRES

Participação Especial de:

ANTONIO TORRES	Piano
CLÁUDIO SOUZA	Cavaquinho
GERALDO	Bateria
JAIR OLIVEIRA	Viola
HENRIQUE ANNES	Violão
MARCOS	Contra Baixo
MÁRIO MORAES REGO	Cavaquinho
ROSSINI FERREIRA	Bandolim
SUZANA JATOBÁ	Voz

Som: MARISTONE
 Luz: MUSEU DA CIDADE DO RECIFE

Figura 80 - Programa do show "Cerca Viva" lítero musical com a participação de Rossini ao bandolim

ANEXO K – Os Entrevistados

- 1- Marco César - (bandolinista, amigo e parceiro) do Recife Pernambuco
- 2 - Wilson Maria - (bandolinista, amigo e parceiro) de campina Grande Paraíba
- 3 - Adalberto Cavalcanti - (bandolinista, amigo e parceiro) de Recife Pernambuco
- 4 - Renato Phaelante - (Locutor, radialista, escritor e amigo) Trabalha com acervo e documentação na da Fundação Joaquim Nabuco) Recife - Pernambuco
- 5 - Henrique Annes - (violonista, compositor, amigo e parceiro) do Recife – PE.
- 6 - Dalva Torres - (A cantora predileta de Rossini) do Recife Pernambuco
- 7 - Ewerton Brandão (Bozo) - (amigo / músico 7 cordas) da cidade do Recife – PE.
- 8 - Leonardo Carneiro Espínola, o neto mais novo de Rossini
- 9 - Adonis Espínola Carneiro Júnior o neto primogênito.
- 10 - Edson Rodrigues(compositor amigo/jornalista)
- 11 - Josete (esposa de Wilson)
- 12 - Ana Ivo (Poetisa)
- 13 - Adelmo Arcoverde – violeiro e amigo da Orquestra de Cordas Dedilhadas de PE.
- 14 - Ledjane – cavaquinista da Dedilhadas e do Oficina de Cordas
- 15 - Elizabeth (ex)Pinangé
- 16 – Ritinha – companheira de Rossini.
- 17 – Valter Guedes dos Santos – produtor
- 18 – Dr. Pedro Augusto Menna Barreto violonista e amigo do Rio de Janeiro.
- 19 – Conceição Dias – Violonista Pernambucana residente no rio de janeiro.
- 20 – Adoniran Pinto Borges – amigo e ex-integrante dos Amigos do Choro (sete cordas)

ANEXO L – A cidade de Nazaré da Mata

A cidade de Nazaré da Mata (antiga Vila de Nazaré) foi criada em território desmembrado do Município de Igarassu, por decreto (ato) do então Governador, na data de 20 de maio de 1833. O seu primeiro nome foi Lagoa dos D'antas; só um bom tempo depois é que o nome Nazaré vem a aparecer.

Nazaré foi elevada a condição de Município em 14 de março de 1893. O Município de Nazaré da Mata é constituído administrativamente pelo distrito-sede e anualmente em 09 de outubro é comemorado sua emancipação política, tem uma área de 141,9 Km², uma população de 28.538 habitantes, está na Mata Pernambucana/ Mata Norte, e dista 55 Km do Recife.

É uma cidade pródiga em reunir manifestações culturais a exemplos dos maracatus. Possui nada menos que aproximadamente 11 grupos de cavalo Marinho, coco e grupos de forró, entre outros. Na praça principal da cidade, durante o carnaval, um grande encontro de maracatus encanta e anima os foliões.

Em Nazaré da Mata o carnaval começa antecipadamente e dura cerca de oito dias, começando na quarta-feira anterior ao carnaval e só findando na quarta-feira de cinzas. O ponto alto da festa acontece na segunda-feira de carnaval quando acontece o tradicional Encontro, de Maracatus, às 10 horas, na Praça da Catedral. Tem também, além dos maracatus, as agremiações de destaque, entre elas está o clube Carnavalesco Jacaré em Folia, que durante os três dias de folia arrasta mais de 2000 mil pessoas.

Reconhecido como um grande espaço de valorização de um dos mais tradicionais e deslumbrantes dos ritmos pernambucanos: “o Maracatu”.

ANEXO M – A Rádio Clube de Pernambuco.

A primeira rádio do País.

Quando ainda não existiam transmissões radiofônicas na América do Sul, sob a liderança de Augusto Joaquim Pereira, um grupo de amadores fundou a Rádio Clube de Pernambuco, no dia 06 de abril de 1919 e, vinte dias depois, os seus estatutos foram aprovados e publicados pela Imprensa Nacional. Há um edital de inauguração publicado dias antes no “DIÁRIO DE PERNAMBUCO”: “São convidados os amadores de Telegrafia Sem Fio – TSF – (como era conhecido o rádio) a comparecerem à sede s Escola Superior de Eletricidade (Ponte D’Uchoa) no próximo domingo, 6 do corrente, às 13h, para a fundação da Rádio Clube.” De acordo com as informações, a Rádio Clube ainda luta para este fato seja reconhecido.

As instalações primeiras foram no Parque 13 de maio. Na década de vinte a Rádio Clube transmitia óperas, obras clássicas e recitais, ouvidos por um rádio receptor, construído artesanalmente e acompanhado pr fones de ouvido. Voltada para as classes média e alta, assim era a sua programação. É quando, em 1922, Oscar Moreira Pinto junta-se à Radio Clube e, depois de um ano, ela passa a operar com seus próprios recursos e, a avenida Cruz Cabugá passa a funcionar suas instalações.

A Rádio Clube passa a ser sintonizada no Centro do Recife e alguns bairros da cidade, em 1923, com a instalação de um pequeno equipamento de 10watts de potência.

Definitivamente isto marcou a antecipação de Pernambuco na história da radiodifusão nacional, mesmo tendo o seu pioneirismo contestado pela chegada da rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquete Pinto, em abril de 1923.

Todas as emissoras brasileiras, até a década de 30, funcionavam sem regulamentação oficial da atividade de radiodifusão pelo governo federal. A partir daquela década foi instituída a comissão Técnica do Rádio para observar a radiodifusão no Brasil. Em 1932 o Governo baixa um decreto que define a rádio como um “serviço de interesse nacional e de finalidade educativa”, onde permite a publicidade num percentual de 10% da programação transmitida. Também na história da radiodifusão esportiva a Rádio Clube foi pioneira. Foi que realizou a 1ª transmissão ao vivo de futebol no Norte/Nordeste com a narração de Abílio Manoel de Castro em 1931. Diz Aldemar Paiva: “...o primeiro locutor do Brasil foi Abílio de Castro, que inclusive inventou a palavra “Locutor”, que antigamente era Spiker e Abílio entendeu de fazer locução, locutagem. Então Abílio foi quem pela primeira vez, em 1919, falou, botou a voz humana no ar...” Daí a Rádio Clube abre espaço para o jornalismo

esportivo, com melhor aparelhagem e potência. Na década de 60 e 70 mantém a liderança absoluta nas transmissões esportivas.

A partir de 1935 tem permissão para a radiodifusão nacional, decreto n.402 então presidente Getúlio Vargas. Um ano depois tem novas instalações., inaugura estação na estrada do Arraial com 50watts de potência, cobrindo todo Nordeste. Chega novo Cast; locutores, jornalistas, ampliando a programação. A partir de 1939 passa a transmitir ao vivo em frequência modulada (FM).A partir de 1942, o Nordeste as notícias do mundo e, dez anos depois é incorporada aos Diários A por Assis Chateaubriand. Associados.

A Rádio Clube de Pernambuco, como primeira emissora de rádio do Brasil, teve grande influência na cultura nordestina, principalmente nas três primeiras décadas de vinte a cinqüenta. Nas décadas de quarenta e cinqüenta, a produção tem consagração pelo radio-teatro, radio-novelas, programas de auditório, que formavam os ídolos sem que cantores e artistas fascinavam o público, projetando valores artísticos regionais e nacionais. É nessa época que Rossini Ferreira desponta na Rádio Clube de Pernambuco.

